

Capital e democracia

A democracia, ou é cada vez mais e simultaneamente económica, social e cultural (além de política, obviamente) ou não o será verdadeiramente.



■ Albano Nunes

Pág. 21

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 16 de Dezembro de 1999 • Preço: 180\$00 (IVA Incluído) • N.º 1359 • Director: José Casanova



Unidade e confiança no 9.º Congresso da CGTP-IN

Orientações novas princípios firmes

Depois de uma discussão «viva e produtiva» sobre os problemas do mundo do trabalho e as orientações para a acção nos próximos quatro anos, «o nosso movimento sindical aparece no Congresso mais coeso e unido», para desencanto de alguns que não puderam vislumbrar «divergências acentuadas ou grandes conflitos».

Págs. 5 e 6



Perigo de guerra nuclear

Os grandes *media* internacionais quase ignoraram o incidente. Um míssil experimental lançado de uma ilha do norte da Noruega foi, por erro técnico, identificado pelo dispositivo de segurança da Rússia, no Ártico, como míssil balístico estratégico «multi-stage», disparado de um submarino e armado com ogivas.

■ Miguel Urbano Rodrigues

Págs. 22 e 23

Caminhar na Lua numa mina do País de Gales

Os acontecimentos ocorrem na localidade de Tower Colliery, onde existe uma das últimas minas de profundidade do País de Gales, e a história começa entre 1972 e 1974, com a longa greve dos mineiros durante a vigência do governo conservador de Edward Heath.

■ Pina Gonçalves

Pág. 24

Alemanha Capital compra democracia-cristã

O pouco que a justiça alemã até agora conseguiu apurar é suficiente para se fazer uma ideia dos interesses tenebrosos que durante dezasseis anos governaram a Alemanha e ditaram a política europeia do arquitecto de Maastricht.

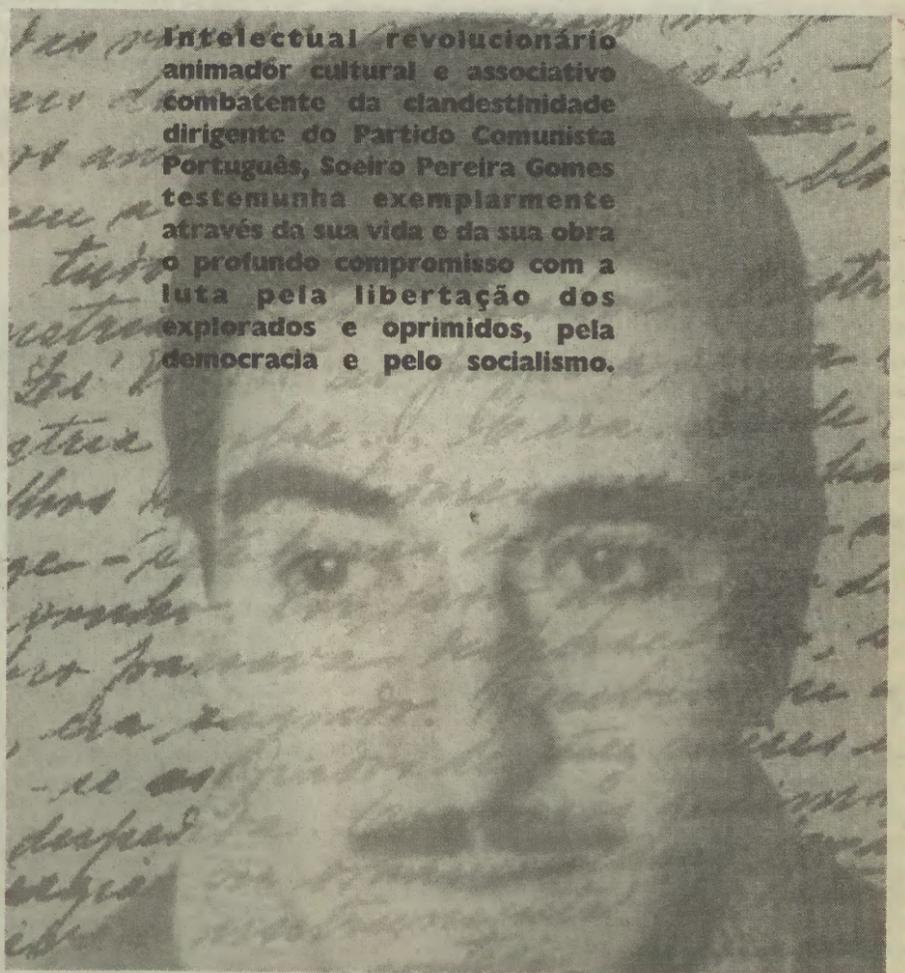
■ Rui Paz

Pág. 25

A vida e a obra do escritor e do militante

Lembrar Soeiro Pereira Gomes 50 anos depois

Págs. 13 a 20



Intelectual revolucionário animador cultural e associativo combatente da clandestinidade dirigente do Partido Comunista Português, Soeiro Pereira Gomes testemunha exemplarmente através da sua vida e da sua obra o profundo compromisso com a luta pela libertação dos explorados e oprimidos, pela democracia e pelo socialismo.



O debate sobre a vida e obra de Soeiro Pereira Gomes, em Alhandra, contou com a participação de Álvaro Cunhal

RESUMO

7 Terça-feira

Edgar Correia, membro da Comissão Política do PCP, pede, em conferência de imprensa, esclarecimentos sobre as causas do «buraco» da Saúde ■ Realiza-se em Alhandra um debate promovido pelo PCP sobre a vida e obra de Soeiro Pereira Gomes, com a participação de Álvaro Cunhal ■ Os serviços sociais do governo indonésio admitem que já morreram 449 refugiados em Timor-Ocidental ■ Vladimir Putin afirma que a Rússia está disposta «a intensificar os contactos com todas as forças sensatas tchechenas», com a condição de o presidente da Tchêchenia entregar os líderes da guerrilha islâmica.

8 Quarta-feira

As tropas russas conquistam a cidade de Urus-Martán, o último obstáculo para a tomada de Grozni, enquanto a Rússia e a Bielorrússia assinam um tratado de união ■ Um dia antes do anúncio dos resultados eleitorais, militares guineenses bloqueiam a cidade de Bissau, reivindicando o pagamento de salários em atraso ■ Registam-se grandes manifestações em Cuba, protestando contra o sequestro do jovem náufrago retido nos EUA.

9 Quinta-feira

Carvalhas participa numa recepção promovida pelo PCP a personalidades e representantes das Comunidades de origem africana ■ É aprovada na Assembleia da República, com a abstenção do PCP, a proposta do Orçamento Rectificativo de 1999 ■ Inicia-se, em Lisboa, promovido por Jorge Sampaio, um debate sobre «Os Cidadãos e a Sociedade da Informação» que conta com a participação de personalidades estrangeiras ■ Professores contratados passam a noite acampados em frente ao Ministério da Educação em protesto reivindicativo pelo subsídio de desemprego ■ Durante a visita oficial à China de Boris Ieltsin, o dirigente chinês Jiang Zemin afirma a sua solidariedade em relação à causa russa no conflito tchecheno ■ Kumba Ialá, vencedor da primeira volta das eleições presidenciais guineenses, afirma que o protesto dos militares na quarta-feira passada é «uma manobra do PAIGC» para «tentar interromper» o processo eleitoral.

10 Sexta-feira

Iniciam-se os trabalhos do 9.º Congresso da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional ■ Um plenário nacional da Fenprof coloca a hipótese de uma greve nacional como forma de luta pelas reivindicações dos docentes ■ A Turquia é admitida como candidata à UE, após 30 anos do pedido de adesão ■ Vladimir Putin afirma que a atitude russa face ao problema tchecheno, deve-se ao facto de estar em perigo a integridade da Rússia e que

«chegará a hora das negociações» ■ A organização Médicos Sem Fronteiras, Nobel da Paz 99, faz um apelo a Ieltsin para parar os bombardeamentos na Tchêchenia.

11 Sábado

Um avião da SATA despenha-se na ilha de São Jorge, nos Açores, vitimando 31 passageiros e quatro tripulantes ■ São recebidos em Díli os últimos presos políticos timorenses, após a negociação da sua libertação por Xanana Gusmão com o presidente indonésio ■ Moscovo anuncia uma trégua diária de seis horas e abre o segundo corredor de segurança para a evacuação de civis tchechenos.

12 Domingo

Carlos Carvalhas, em declarações aos jornalistas, critica a política de saúde do Governo e afirma que «não é privatizando-o (ao SNS) que se resolvem os problemas de saúde em Portugal» ■ Durão Barroso, durante um jantar em Albufeira, acusa o seu partido de «falta de união» e de alguns dos seus colaboradores não merecerem a sua confiança ■ Xanana Gusmão reúne-se com líderes pró-integração e recebe garantias de segurança para o regresso dos refugiados e desmantelamento das milícias ■ Moscovo ocupa aeroporto de Grozni, impedindo assim a entrada de armas, munições e comida na cidade.

13 Segunda-feira

O Governo anuncia um aumento de 2,5 por cento para a função pública, ficando muito aquém dos 5 a 6 por cento reclamados pelos sindicatos ■ O Instituto Nacional de Aviação Civil (INAC) anuncia que a SATA vai ser sujeita a uma investigação operacional ■ O julgamento das FP-25 é adiado devido à não comparência de 28 dos 64 arguidos ■ João Tavares, líder de todas as milícias, ordena o desmantelamento e desarmamento das forças integracionistas ■ Moscovo anuncia o início da ofensiva final contra Grozni, e aprova uma amnistia para todos os rebeldes que entreguem as armas até Fevereiro de 2000 ■ O julgamento do líder do MST, José Rainha, é adiado, tendo o juiz decidido recusar o pedido de prisão preventiva apresentado pelo ministério público.

14 Terça-feira

É anunciado que os transportes em Lisboa no dia 31 vão paralisar a partir das dez da noite devido ao «bug» do ano 2000 ■ Morre, vítima de paragem cardíaca, Manuel Tito de Morais ■ Realiza-se a cerimónia de passagem do Canal para a administração panamiana, com a representação norte-americana de Jimmy Carter e presença de vários chefes de Estado latino-americanos ■ Registam-se as primeiras «escaramuças» nos arredores de Grozni, embora ainda não tenha sido dada a ordem de tomada da cidade.

EDITORIAL

Crónica de um êxito anunciado

No dia 1 de Janeiro de 2000, Portugal assumirá a presidência da União Europeia por um período de seis meses. Por tal facto, anda o Primeiro-Ministro numa entusiástica azáfama, exibindo qualidades e valências, ostentando capacidades e dinamismos, procurando assumir as «grandes responsabilidades» que lhe pesam sobre os ombros e dar resposta a «um conjunto muito significativo de tarefas importantes» decorrentes das decisões e das não-decisões de Helsínquia. Não é necessária grande imaginação para prever, com um mínimo de rigor, o que será o encerramento formal da presidência portuguesa, previsto para 20 de Junho, em Santa Maria da Feira. Isto é: não é necessário esperar seis meses para se saber, certeza certa, que «a presidência portuguesa foi um êxito unanimemente reconhecido» e para ouvirmos os muitos e importantes amigos que o Primeiro-Ministro tem obtido – graças, como se sabe, a uma planificada ofensiva de captação de amizades e simpatias – tecerem os mais rasgados elogios ao semestral papel por ele desempenhado e às suas excelentes qualidades.

É certo que as descoordenações, confusões e outras situações verificadas no seio do Governo – que apesar de recém-criado exhibe sinais de desgaste característicos de governo em fim de mandato – podem perturbar a prestação europeia de António Guterres. Mas o pungente «apelo à solidariedade interna», feito pelo Primeiro-Ministro no recente Conselho de Ministros extraordinário, mostra que quando Guterres fala – ou seja porque fala alto ou seja porque fala baixo – há sempre alguém que diz sim. Viu-se como o prestimoso ministro da Economia e Finanças, uns dias depois de, implacavelmente, ter destruído a gestão de Maria de Belém na Saúde (a ponto de deixar a colega em clamoroso «estado de choque»), obedeceu à ordem de solidariedade e, dando o dito por não dito, veio elogiar publicamente o que publicamente havia criticado. E como para grandes males grandes remédios – e talvez, também, porque Manuel Maria Carrilho continua à espera do seu Pina Moura – eis anunciado um pomposo «Conselho de Ministros de Reflexão», convocado, em mau português, para o período entre o Natal e o Ano Novo, e no decorrer do qual se espera que o Primeiro-Ministro injecte no elenco governamental uma dose geral e forte de «solidariedade faz de conta» que crie as condições necessárias para que ele possa exercer com tranquilidade a sua tão sonhada presidência europeia.

Segundo o ministro Jaime Gama, as atenções e preocupações da presidência portuguesa vão centrar-se em quatro aspectos essenciais: «contribuir para que prossiga o processo de alargamento da União Europeia» (como é sabido, as perspectivas de alargamento a vinte e sete do número dos Estados membro, traçadas em Helsínquia, remeteram para a presidência portuguesa a responsabilidade de tratar de seis novos candidatos); «arranque da nova CIG» (cuja deverá debruçar-se sobre um volumoso pacote também herdado de

Helsínquia); preparar «os primeiros passos de uma Política Comum de Segurança e Defesa»; e, finalmente, aquela que é a menina dos olhos, a «grande aposta» de António Guterres, o próprio: a Cimeira Extraordinária, marcada para Março, em Lisboa. Um quinto objectivo, considerado como «uma velha aposta de Portugal» era a Cimeira União Europeia – África. No entanto, e ao que parece, a «velha aposta» corre o risco de morrer de velhice... para já, pelo menos. O facto de Guterres não se lhe ter sequer referido no decorrer da triunfal conferência de imprensa em que anunciou os enormes êxitos da sua futura presidência, é indiciador de que «Portugal se prepara para deixar cair esta iniciativa». Se assim for, é mau. Como sublinhou Carlos Carvalhas no decorrer de uma iniciativa promovida pelo PCP e subordinada ao tema «Portugal África – Desenvolvimento e Cooperação», a presidência portuguesa «deve ser exercida para beneficiar a cooperação entre a Europa e a África» e, para isso, «Portugal tudo deve fazer para que a Cimeira não seja adiada e se realize» tendo em vista «fomentar um real desenvolvimento e uma verdadeira cooperação e a resolução das dívidas externas, nomeadamente dos países mais carenciados». Os obstáculos à realização da Cimeira poderão ser superados a partir do «pressuposto de que cada organização tem as suas próprias regras e cada uma das partes deve respeitar essas regras assumindo todas as consequências práticas, ou seja, ninguém pode ditar comportamentos, exclusões ou marginalizações», afirmou, ainda, Carlos Carvalhas, acrescentando: «Portugal está interessado no relacionamento com todos os países do Norte de África, sem exclusões e deve rejeitar manobras que visem dividi-los ou agrupá-los segundo interesses das velhas potências coloniais».

A acreditar no que nos vem sendo dito sobre a presidência portuguesa, depois dela nada será como era... Falta saber, em concreto, o que é que vai mudar. E, também, quem ficará a ganhar e quem ficará a perder com as mudanças.

A Cimeira Extraordinária de Março é, então, a «prioridade essencial da presidência portuguesa». Segundo o Primeiro-Ministro ela será «um marco no lançamento de uma estratégia de longo prazo para fazer da UE a mais dinâmica e moderna economia mundial, com os novos factores competitivos próprios da sociedade do conhecimento, num horizonte temporal de dez anos». Trocar por miúdos tão arrevesada formulação é tarefa difícil mesmo para um cidadão com cultura e conhecimentos acima da média... Talvez por isso, e num meritório esforço clarificador, o conclave passou a ser designado por «Cimeira do Emprego». E o ministro Gama, acrescentando que o objectivo da «coisa» é «dar ao tema emprego uma concepção moderna», terá talvez esclarecido o essencial. Como se sabe, a «concepção moderna de emprego» traduz-se, em linguagem corrente, por desemprego, emprego precário, flexibilização... Mas tenhamos esperança: Guterres é um perito na matéria. Aqui há uns anos numa outra Cimeira realizada algures na Europa ele deixou todos os seus pares europeus boquiabertos ao apresentar um plano que garantia reduzir o desemprego na Europa em cerca de 50% até ao ano 2000. Disse-se, então, que face a tão espectacular milagre, o prestígio europeu, quicá mundial, do engenheiro Guterres subiu em flecha. O desemprego, mais ou menos, também. Pelo que é de supor que, mais ou menos, assim voltará a suceder na Cimeira de Lisboa.

A acreditar no que nos vem sendo dito sobre a presidência portuguesa, depois dela nada será como era... Falta saber, em concreto, o que é que vai mudar. E, também, quem ficará a ganhar e quem ficará a perder com as mudanças.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Soeiro Pereira Gomes, 3
- 1600 - 196 Lisboa - Tel. 21 781 38 00

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Soeiro Pereira Gomes, 3 - 1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90 - 21 781 71 91.
Fax: 21 781 71 93

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA - Av. Almirante Reis, 90, 7.º A,
- 1169-161 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$000. CRC matriculada: 47058.
NIF - 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO ADE'S
Editorial «Avante!», SA - Av. Almirante Reis, 90, 7.º A,
- 1169-161 Lisboa
- 1169-161 Lisboa
Tel. 21 815 34 87 / 21 815 35 11
Fax: 21 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira:
Tel. 21 815 34 87 / 21 815 35 11

Atenção aos novos números de Telefone do Partido Comunista Português e da Redacção do «Avante!»

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota - Lisboa - 2710 Sintra
Tel. 21 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.º A 1169-161 Lisboa
- Tel. 21 815 34 87 / 21 815 35 11 - Fax: 21 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7.º A 1169-161 Lisboa
- Tel. 21 815 34 87 / 21 815 35 11 - Fax: 21 815 34 95

Composição e Impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EXTRA-EUROPA
50 números: 8 100\$00; 25 números: 4 200\$00	50 números: 30 600\$00
EUROPA	GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE e MACAU
50 números: 21 850\$00	50 números: 23 000\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

Ser ou não ser

As declarações produzidas há poucos dias pelo líder parlamentar do PS segundo as quais "o PCP está em vias de se transformar num movimento social-democrata" e que "deixou de ser um partido anti-sistema apesar de algumas questões centrais subsistirem ainda certas divergências com os chamados partidos do regime", consubstanciam um conjunto de equívocos básicos em que importa não deixar permanecer nem esse dirigente socialista nem quantos, ao nível da opinião pública, possam dar qualquer tipo de crédito a esse tipo de considerações.

Desde logo porque possuindo as palavras o significado que realmente possuem, a social-democracia não pode deixar de ser identificada com a gestão (satisfeita) do capitalismo e com a concretização de políticas de inspiração neoliberal, com mais ou menos tintas sociais, como se observou ainda recentemente no encontro realizado em Florença.

Quanto ao conceito de "partido anti-sistema" importa recordar que se trata de uma velharia ideológica utilizada pela direita para tentar marginalizar os comunistas quando, como toda a gente sabe, o PCP foi o mais abnegado e consequente lutador contra a ditadura fascista e é partido fundador do sistema demo-

crático conquistado com o 25 de Abril e consagrado na Constituição.

Ora como não ver na existência do PCP, no seu programa, nos seus ideais, na vontade diariamente manifestada por todos os comunistas nas mais diversas frentes de intervenção e de luta, um propósito de natureza transformadora e de sentido político claramente oposto à social-democracia?

Como não reconhecer que o que norteia permanentemente os comunistas é o objectivo de aprofundar a democracia nas suas diversas vertentes - política, económica, social e cultural - e o projecto e o objectivo, no quadro do aprofundamento da democracia e através da participação e da manifestação de vontade dos trabalhadores e do povo português, de construção futura de uma sociedade socialista?

Deitem-se pois por terra quaisquer ilusões, se é de ilusões que se trata, do líder parlamentar do PS e torne-se claro que na diversidade de opiniões que naturalmente se manifestam no interior do PCP não há quem queira seguir o caminho dos desejos formulados pelo líder parlamentar do PS.

E deixe-se também inequivocamente claro em relação a opiniões sobre a necessidade de renovação do PCP, como se testemunhou recentemente relativamente às de Luís Sá, que se trata de uma renovação do Partido para que ele continue a ser comunista, fiel à sua genética marxista essencial, e para que ele consiga cumprir no futuro, e em condições muito mudadas, o papel insubstituível de grande partido operário e de todos os trabalhadores e de força essencial para o aprofundamento da democracia, no caminho do socialismo.

Quando Mário Mesquita, no "Público" do último domingo, escreve que "não é certo, porém, que Guterres esteja interessado numa "renovação" do PCP que, embora facilitasse alianças e acordos políticos, poderia torná-lo mais apelativo para as áreas do eleitorado socialista desiludidas com o centrismo dominante no partido fundado por Mário Soares", não estará a fornecer-nos uma interessante pista de reflexão sobre o porquê das aparentemente insólitas declarações do líder parlamentar do PS?

■ Edgar Correia

Velhos e convencidos

São tantos e tão convencidos os que se apresentam tomados por uma súbita preocupação com o PCP, o seu futuro, papel e influência que, não fora aquela elementar prudência de não dar ouvidos a tudo o que para aí se diz, ainda acabaríamos rendidos a tanto enlevo.

E como no presente caso o popular ditado que afirma que "quem te avisa teu amigo é" não tem aplicação prática, observados que são os sujeitos de tão desinteressados conselhos, melhor será socorrer-mo-nos dos que com sábia prudência aconselham o pobre a desconfiar quando a esmola é muita.

Vem isto a propósito de recentes opiniões produzidas por Prado Coelho e Francisco Assis esclarecedoras quanto ao papel que alguns destes reservariam para o Partido e que indistintamente desejariam vê-lo assumir.

Prado Coelho, em recente texto publicado sobre o título de "A mudança" no qual voltou a divagar sobre o futuro do comunismo, num gesto magnânimo de que só os detentores de tanta verdade são capazes, não quis deixar de condescendentemente considerar que "os ideais do comunismo têm uma generosidade própria que permanece intacta". Até aí o homem chega, mais que não seja porque escrevê-lo dá aquele toque de cultura e tolerância que fica bem nos meios que frequenta. Mas para que não persistam equívocos, o autor de imediato se apressou a sentenciar que "o comunismo enquanto projecto, vivência, forma organizativa, prática histórica, teoria marxista-leninista da luta política, esse foi definitivamente condenado". O que tem o mérito de deixar claro que Eduardo Prado Coelho até não tem nada contra essa ideia do comunismo desde que ele não passe daquele nível contemplativo, tipo objecto de montra para ser observado, para o nível da prática política que lhe dá força material e poder de transformar.

Quanto a Assis ficámos agora a saber, com a autoridade de que se reclama alguém que nunca teve qualquer simpatia pela ideologia comunista como o próprio fez questão de dizer, o que gostaria mesmo era de ver um PCP mais do tipo colaboracionista, dado a entender-se com as forças políticas inscritas na Internacional Socialista a exemplo de outros e mais rendido ao sistema. Um PCP idealizado por Assis em versão social-democrata mais propício a entendimentos com o PS e disponível para silenciar ou colaborar com a política e objectivos de direita que o partido do Governo prossegue.

Diga-se em abono da verdade não haver nada de substancialmente novo nas afirmações quer de um ou de outro. Em ambos a mesma e velha confusão de querer tomar como realidade os seus desejos e vontade. E aquele não menos velho sonho de quererem vir a ver, para tranquilidade sua e dos interesses de classe que representam, os partidos comunistas reduzidos a uma força desprovida dos meios, formas e conteúdos de intervenção indispensáveis a uma força revolucionária.

Pelo que para desassossego dos que aspirando vir um dia a encontrar um PCP asséptico e inofensivo, hipoteticamente dividido entre as duas opções que tão generosa e desinteressadamente insistem em lhe apresentar, daqui fazemos questão de os desenganar. E de lhes pedir que guardem para si aquela comprovada intenção de continuarem, uns ou outros, a contemplar no fausto das suas poltronas o mundo de desigualdades e injustiça e a colaborar nas políticas que as ampliam e promovem.

Porque quanto a nós comunistas cá continuamos dispostos a prosseguir por aquela opção transformadora e decididos a lutar pela construção de uma sociedade mais justa, sem exploração e socialista.

■ Jorge Cordeiro

Libertem ELIAN!

O recente sequestro de uma criança cubana pelo governo dos EUA, após o dramático naufrágio que sofreu e em que perdeu a sua própria mãe - trágica consequência dum caso de emigração ilegal, estimulada aliás pelos próprios EUA ao arripio dos acordos migratórios assinados entre os dois países -, testemunha bem o ódio do imperialismo à revolução cubana e a essência profundamente desumana do capitalismo.

A "inaceitável utilização do drama de uma criança, como arma de arremesso político" (como considera o texto do Voto de Protesto apresentado pelo grupo parlamentar do PCP na AR e que deverá ser hoje votado), evidencia, mais uma vez, que o tão propalado apego da administração norte-americana aos direitos humanos não passa de pura propaganda. É, antes, pretexto para a ingerência nas questões internas de outros Estados. Outorgando-se o direito de julgar (e condenar) as opções e percursos de povos e países, os EUA mantêm há longos anos o bloqueio a Cuba, invocando, como justificação, a falta de democracia. Procuram convencer todo o mundo que assim é e arrastam nesta apreciação os seus aliados. Foi com este objectivo que Madeleine Albright, aproveitando a realização em Havana da IX Cimeira Ibero-Americana, "aconselhou" descaradamente os governantes que nela participaram que aí contactassem os opositores ao regime. Porque para os EUA todas as ocasiões servem para a ingerência norte-americana em Cuba. Apesar do reduzido eco de tal "pedido", ele foi seguido pelos representantes de Portugal. Passados poucos dias, Guterres, após encontrar-se com Clinton em Istambul e Florença, considera que o embargo "dá pretexto a Fidel para não fazer reformas" («DN», 21.11.99). Ficámos assim a saber que Guterres não condena o bloqueio por ele ser ilegal, injusto e desumano, mas porque dificultaria a concretização das tão desejadas "reformas".

O imperialismo não atingiu, de facto, com o reforço do bloqueio, após o desmembramento da URSS, isolar e subjugar Cuba - o seu objectivo. Cuba resistiu. Reforçou-se como nação soberana e independente e prestigiou-se no plano internacional. Restruuiu o seu aparelho produtivo, reorientou relações comerciais, reintroduziu métodos de produção agrícola, abriu-se ao turismo, alargou as suas relações no plano político. A criatividade e a prontidão na busca de soluções foram possíveis pelo elevado nível cultural da população que a revolução possibilitou e garantiu. Mas, fundamentalmente, pela efectiva participação das massas na análise da situação e na tomada de decisões. A democracia participativa e a solidariedade reforçaram-se no "período especial". Foram o motor da resistência dos trabalhadores e do povo às privações e aos desastres naturais que, infelizmente, também tiveram lugar. O PCC cresceu e fortaleceu-se como força de vanguarda, intimamente ligada à vida das populações, defendendo a unidade do povo em defesa dos interesses da nação. A democracia representativa alargou-se com a reforma constitucional e consolidou-se com o amplo e participado processo de apresentação dos candidatos. As organizações de massas contribuem com os seus objectivos sectoriais na defesa das conquistas da revolução. Se a recuperação económica em Cuba é hoje possível é porque a democracia existe e funciona, ao contrário do que apregoam os seus delatores.

Democracia e direitos humanos são duas importantes vertentes da luta ideológica na actualidade. Mistificação e desinformação permitem que os EUA escamoteiem as deformações e limitações da sua democracia formal, a exploração que se intensifica e as injustiças e desigualdades que crescem no mundo do capitalismo. Só uma enorme desfaçatez e muita hipocrisia permitem aos EUA invocar a democracia e os direitos humanos para encobrir os seus propósitos de rapina e agressão.

■ Manuela Bernardino



Foto: Jorge Caria

SEMANA

Avião cai nos Açores matando 35 pessoas

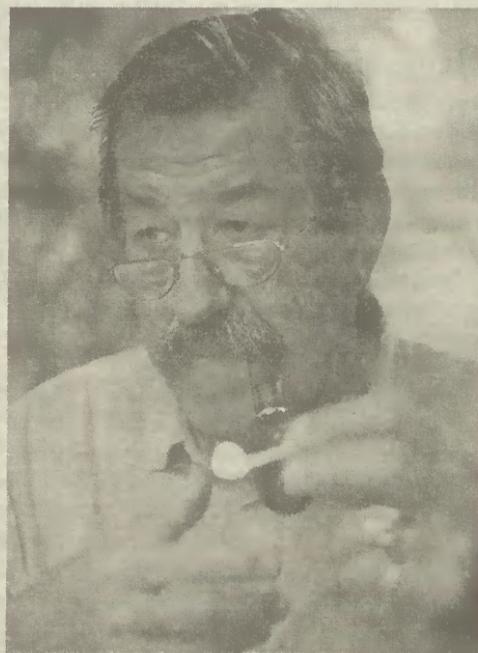
Um avião da SATA – a companhia que assegura as ligações aéreas internas no arquipélago dos Açores – despenhou-se na manhã do passado sábado, dia 11 de Dezembro, sobre a ilha de S. Jorge, matando os 31 passageiros e os quatro tripulantes que se encontravam a bordo, num total de 35 vítimas mortais. O aparelho levantara voo de Ponta Delgada, na ilha de S. Miguel, tinha por destino a ilha das Flores e preparava-se para fazer escala na ilha do Faial. Quando executava a manobra de aproximação do aeroporto da Horta embateu no pico da Esperança, na ilha de S. Jorge, com cerca de 1100 metros de altitude, desfazendo-se nas escarpas e vitimando todos os ocupantes. A tragédia ocorreu

no meio de densa nebulosidade e, embora ainda não se conheçam as causas do acidente, essa circunstância é já dada como um dos factores que contribuíram necessariamente para o desastre. Aliás, as más condições atmosféricas haviam levado o piloto a mudar a rota habitual de abordagem ao aeroporto da Horta, pelo Sul, optando por esta, a Norte, que implica contornar a ilha de S. Jorge, onde a tragédia acabaria por acontecer. Vinte dos passageiros eram oriundos da ilha das Flores e as restantes vítimas pertenciam a outras ilhas. As operações de resgate dos corpos foi difícil e delicada, não apenas pela continuação das más condições atmosféricas mas, sobretudo, pelo difícil acesso às escarpas onde ocorreu a tragédia. O PCP,

através do gabinete do secretário-geral, Carlos Carvalhas, manifestou de imediato profunda consternação face à tragédia e também a afirmação de profunda solidariedade com as famílias das vítimas e com o povo açoriano. Em igual sentido se pronunciou o PCP/Açores através de uma declaração do seu coordenador, José Decq Mota, que acrescentou a manifestação do reconhecimento do «elevado padrão de qualidade» que caracteriza os serviços prestados pela SATA, a quem reiterou a confiança que esta transportadora aérea açoriana sempre mereceu dos seus utentes, assinalando ainda o reconhecimento do PCP/Açores pela pronta intervenção da Protecção Civil e das Forças Armadas no acudir da tragédia.

Nobel da Literatura entregue a Günther Grass

Em cerimónia realizada na Sala dos Concertos, em Estocolmo, o escritor alemão Günther Grass recebeu o galardão do Prémio Nobel da Literatura 1999 das mãos do rei Carlos Gustavo XVI, sendo o laureado mais aplaudido pelos mais de 1800 convidados presentes (com ele, receberam igualmente o galardão quatro cientistas e um economista, laureados nas respectivas áreas científicas), enquanto na sua pátria Natal, a Alemanha, esta grande distinção atribuída a um compatriota passou quase despercebida nos grandes órgãos de comunicação social nacionais. Nas numerosas entrevistas que concedeu, Günther Grass continuou a erguer desassombadamente a sua voz contra a reunificação alemã – a que continua a chamar a anexação pura e simples da ex-RDA –, afirmando que «houve tanta pressa em levar à cena a peça que não se preparou convenientemente a encenação, o



que levou inevitavelmente ao desastre», criticando mais uma vez os que pretendem que «os alemães que vivem nos cinco novos Estados federados assimilem os valores, em toda a extensão, que a parte ocidental tem»



Transferência de resíduos «afastada» do Barreiro?

Segundo o *Diário de Notícias*, o presidente da Scoreco afirmou que o Barreiro já não irá albergar a Estação de Transferência e Pré-Tratamento de Resíduos Industriais e Perigosos (ETRI), como estava previsto no plano apresentado pela antiga ministra do Ambiente, Elisa Ferreira. De acordo com informação recolhida pelo *DN* junto da

Scoreco, a Câmara Municipal do Barreiro conseguiu assim fazer valer a sua principal argumentação na luta contra a instalação desta ETRI no Complexo Industrial da Quimiparque. O *DN* cita declarações de Gonçalves da Silva, presidente do Conselho de Administração da Scoreco, onde afirma que a tese da Câmara do Barreiro

de que aquela zona da cidade será «tendencialmente um parque empresarial vocacionado para os serviços» nunca seria contrariada pela empresa que dirige, nomeadamente para não «eternizar o parque industrial do Barreiro». O dirigente da Scoreco acrescentou: «Há três anos, quando se falou no Barreiro, não tínhamos esse elemento. A esco-

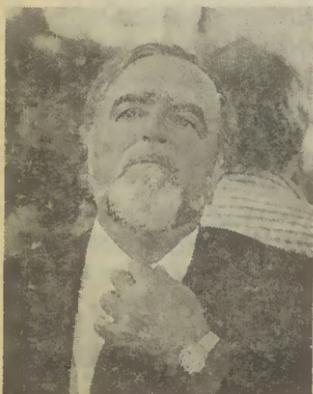
lha foi efectuada porque um parque industrial seria o local ideal para colocar essa estação». Entretanto, questionado sobre esta mudança, o Ministério do Ambiente nega-lhe «fundamento», acrescentando que o processo está em estudo na comissão científica e todos os anúncios divulgados antes das decisões «são pura especulação».

Morreu Tito de Moraes

Morreu Manuel Tito de Moraes, resistente antifascista e um dos fundadores do Partido Socialista, de que era presidente honorário. Tinha 89 anos e foi vitimado por uma paragem cardíaca, na sequência de um derrame cerebral ocorrido há dois anos e de cuja operação nunca recuperou totalmente. A sua trajectória política define uma vida dedicada à resistência antifascista e à luta pela liberdade: foi membro da Comissão Central do MUD, fundador do movimento de Resistência Republicana e Socialista, membro da Comissão de Candidatura de Norton de Matos à presidência e da candidatura de Humberto Delgado, fundador da Frente Patriótica de Libertação Nacional e da Rádio Voz da Liberdade em Argel e, em 1973, fundador do PS na clandestinidade. Após o 25 de Abril foi sempre uma voz interventiva



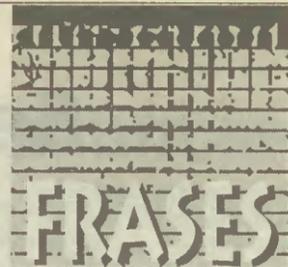
e de esquerda dentro do PS. O secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, que se deslocou à sede do PS do Largo do Rato onde o seu corpo estava em câmara ardente, definiu-o como «uma grande figura da democracia portuguesa e um resistente antifascista. No seu funeral para o cemitério de Cascais, realizado na passada terça-feira, o PCP fez-se representar pelos seus dirigentes Albano Nunes, Carlos Aboim Inglês e António Abreu.



Prémio Pessoa ex aequo

Manuel Alegre e José Manuel Rodrigues foram os vencedores, *ex aequo*, da 13.ª edição do Prémio Pessoa, uma iniciativa conjunta da Unisys e do semanário *Expresso*. Manuel Alegre foi distinguido pelo seu trabalho *Obra Poética* e o fotógrafo José Manuel Rodrigues pela visão «rigorosa e poética da paisagem do país». Pela primeira vez, desde que foi instituído, o prémio pecuniário, com o valor de 8500

contos, foi dividido por duas personalidades. O Prémio Pessoa é o mais avultado prémio português de cultura e ciência, destinando-se a distinguir individualidades que, em cada ano, desenvolvam «um trabalho relevante e inovador». Segundo o júri, «o equilíbrio entre as votações nas duas candidaturas e o facto de os trabalhos não competirem entre si» estiveram na base da decisão.



“Serei o presidente do PSD que passa dois séculos e vai até ao próximo milénio, sinal de que estou no caminho certo”

(Durão Barroso, Público, 13.12.99)

“Se as coisas não mudarem (espero que mudem), creio chegar à conclusão de que alguns não merecem a minha confiança”

(idem, ibidem)

“Pessoalmente, nunca senti, em momento algum, falta de apoio do primeiro-ministro. Quanto à expressão pública desse apoio, (...) o primeiro-ministro avaliará se deve falar ou não. Não me compete a mim fazê-lo.”

(Manuel Maria Carrilho, Ministro da Cultura, Expresso, 11.12.99)

“Não vale a pena continuar, não converso mais sobre isto”

(Idem, ibidem)

“Confesso que me surpreendeu a reacção politicamente arrebitada e eticamente pindérica do ministro assim abalroado numa comissão parlamentar. (...) Mas há gente assim, cuja cara não cora, nem consegue corrigir a postura e melhorar a compostura, por mais rijas e certeiras que sejam as bengaladas virtuais que outros lhes vibrem no touço!”

(Alfredo Barroso, idem)

“As relações entre a Rússia e o Ocidente atingiram o seu ponto crítico, e arriscamo-nos a cair numa situação em que já não seja possível uma saída pacífica para a crise.”

(Viktor Tchernomirdine, ex-primeiro-ministro da Rússia e candidato à Presidência da Federação Russa nas eleições deste mês)

“Manifestamente, ele [Bill Clinton, Presidente dos EUA] esqueceu durante alguns segundos, um minuto ou uma meia hora aquilo que representa a Rússia, que a Rússia dispõe de um arsenal completo de armas nucleares”

(Bóris Ieltsin, Presidente da Federação Russa, *Diário de Notícias*, 10.12.99)

“A ideia de cercar a Rússia, além de megalómana, é o caminho mais rápido e mais curto para a catástrofe. Só a ignorância e a loucura podem ignorar esta evidência”

(Vasco Pulido Valente, *Diário de Notícias*, 11.12.99)

“O grande equívoco é que a democracia (...) não é um ponto de chegada. É um ponto de partida. Ora nós, quando passámos da ditadura para a democracia, acreditámos que tínhamos chegado aonde era preciso chegar. Não é assim: chegar aí era apenas um ponto de passagem para a nova partida, visando a construção de qualquer coisa que não recebemos naquele momento”

(José Saramago, *JL*, N.º 761 / Ano XIX)

TRABALHADORES



Unidade e confiança no 9.º Congresso da CGTP-IN

Orientações novas princípios firmes

O congresso reafirmou a importância do sindicalismo e da luta dos trabalhadores, para a resistência bem sucedida à ofensiva do capital, a nível nacional e internacional

Depois de uma discussão «viva e produtiva» sobre os problemas do mundo do trabalho e as orientações para a acção nos próximos 4 anos, «o nosso movimento sindical aparece no Congresso mais coeso e unido», para desencanto de alguns que não puderam vislumbrar «divergências acentuadas ou grandes conflitos».

A «notícia» da reunião magna da CGTP-IN não pode deixar de ter por base esta síntese, com que Carvalho da Silva iniciou a sua intervenção de encerramento no 9.º Congresso da CGTP-IN, ao princípio da noite de sábado. A coesão e unidade, salientou o ex-coordenador da central, falando em nome do Conselho Nacional eleito – em cuja primeira reunião, hoje, serão eleitos a Comissão Executiva, o Secretariado e o secretário-geral, nova designação adoptada para o cargo ocupado por Carvalho da Silva –, tiveram por base o facto de que «as orientações para a nossa acção foram profundamente discutidas, em todo o período preparatório do congresso, deram origem a debates acesos e correspondem, em muitos casos, a novas formulações e análises, mais ajustadas à realidade do mundo em mudança».

As «novidades» deste congresso – que reuniu, nos dias

10 e 11, na antiga FIL, 971 delegados de 181 organizações sindicais – andam, assim, a par da reafirmação dos grandes princípios e das principais teses que têm norteado a intervenção da CGTP. Carvalho da Silva sublinhou, por exemplo, que «reafirmámos a centralidade do trabalho na sociedade do presente e do futuro, tema que só agora começa a ter o devido relevo na opinião pública» e ao qual a Intersindical Nacional tem dado especial importância, patente até no lema do congresso: «Valorizar o trabalho, dignificar os trabalhadores».

Os resultados da acção da central e do movimento sindical unitário foram especialmente valorizados por Carvalho da Silva na abertura do congresso, sobretudo por ocorrerem num momento em que «a globalização económica e financeira e o rápido desenvolvimento das novas tecnologias têm servido, essencialmente, para aumentar o domínio do

poder económico e têm sido utilizados, quantas vezes, como pretexto para o patronato justificar as políticas de desregulamentação, de privatização e de ataques aos direitos sociais».

Ao apresentar ao congresso o Relatório de Actividades da direcção eleita em Junho de 1996, Carvalho da Silva teceu fortes e fundamentadas críticas à política do Governo PS, designadamente em áreas como a concertação social, a lei das 40 horas e o pacote laboral, a Segurança Social, apontando a distância entre os gravosos objectivos iniciais do Governo e do patronato e a actual situação daqueles processos. «Os resultados alcançados são fruto do trabalho e da capacidade de todos os que compõem este magnífico colectivo que é a CGTP-IN; são fruto da justeza das decisões que tomámos a cada momento, muitas vezes depois de debates acalorados, mas cujas conclusões foram sempre assumidas colectivamente; são fruto da diversidade e da riqueza de pensamento e acção de todas as sensibilidades que coabitam no nosso movimento sindical e nos permitem ver mais claro e chegar mais longe na nossa influência, enquanto



força social organizada mais representativa da sociedade portuguesa», disse o dirigente da *Inter*, que igualmente valorizou «a nossa capacidade de luta reivindicativa», considerando-a «sempre determinante para a obtenção dos nossos objectivos».

Acção futura

«Uma intensa actividade de esclarecimento e de luta» é o que o movimento sindical «vai ter de desenvolver» nos próximos meses, apelou Carvalho da Silva, na intervenção que encerrou o congresso e na qual apontou as principais orientações adoptadas para o mandato de 4 anos confiado aos 135 membros do Conselho Nacional da CGTP e explanadas no Programa de Acção, na Plataforma Reivindicativa e nas resoluções sobre emprego, reforma fiscal e papel do Estado. Os próximos meses indicam o período de Janeiro a Junho, em que Portugal vai exercer a Presidência da União Europeia e durante o qual o movimento sindical irá exigir «medidas concretas e necessá-

rias» para dar corpo ao lema do congresso e à palavra de ordem das acções que a Confederação Europeia de Sindicatos está a preparar.

Na agenda da CGTP para o primeiro semestre do ano 2000 estão já inscritas, em lugar de destaque, uma grande iniciativa de massas «Pelo emprego, pela qualidade de emprego, contra a precariedade» e a acção europeia, marcada pela CES para o início de Junho.

Uma particular atenção vai ser dada pela *Inter* ao fortalecimento da sua estrutura. «Vamos rejuvenescer o movimento sindical, vamos reafirmar a nossa característica de movimento de massas, vamos reforçar a nossa independência, o nosso carácter unitário, factores importantes para alargar a unidade na acção». Carvalho da Silva realçou o objectivo definido pelo congresso, de, nos próximos 4 anos, inscrever nos sindicatos da CGTP mais 200 mil trabalhadores e eleger mais 4 mil delegados sindicais.

Nas reivindicações imediatas, o dirigente sindical salientou que «vamos bater-nos pelo aumento de salários de 6 por

cento, assegurando que nenhum trabalhador tenha um aumento inferior a 5 contos, pela semana das 35 horas, contra as formas de precariedade do trabalho, pelo aumento mínimo de 3 mil escudos nas pensões mínimas dos trabalhadores do regime geral com mais de 15 anos de carreira contributiva, pela actualização das participações do Estado, pelo direito à reforma completa com uma carreira contributiva de 40 anos».

Entre as matérias que vão ser colocadas pela CGTP na ordem do dia, Carvalho da Silva referiu ainda a defesa do sistema de Segurança Social (classificando como inaceitável a proposta de Lei de Bases apresentada pelo Governo e que pretende introduzir a selectividade), a reforma fiscal (que não pode continuar eternamente adiada), a defesa do Serviço Nacional de Saúde. Chamou a atenção para o combate em defesa da negociação colectiva e contra a desregulamentação, «para melhorar a situação dos trabalhadores portugueses, porque esse é o nosso objectivo permanente».

Jerónimo de Sousa

«Um grande acontecimento»

O 9.º Congresso da CGTP «constituiu um grande acontecimento nacional no plano político-sindical», salientou Jerónimo de Sousa, da Comissão Política do PCP. Em depoimento ao «Avante!», o dirigente comunista, que chefiou a delegação do Partido no congresso, afirmou que, «pela forma como decorreram os trabalhos preparatórios, pelo grau de envolvimento dos dirigentes e activistas sindicais, antes e durante o congresso, pelos conteúdos programáticos e resolutivos, confirmou-se estarmos perante uma central sindical unitária, democrática, independente, de massas e de classe».

O congresso, referiu Jerónimo de Sousa, mostrou «uma CGTP-IN que confirmou a validade e vitalidade do sindicalismo, indispensável à defesa

dos direitos dos trabalhadores e da democracia», «uma central que, sustentada na sua identidade e no seu projecto, está em condições de enfrentar as grandes questões e desafios que se colocam no futuro aos trabalhadores, aos seus interesses e aspirações, ao ideal sempre latente de uma sociedade mais justa e livre da exploração do homem pelo homem».

Da delegação do Partido que assistiu ao congresso fez também parte Rosa Rabiais, do Secretariado do Comité Central. Os deputados comunistas fizeram-se representar por Vicente Merendas e Octávio Teixeira, presidente do Grupo Parlamentar e membro da Comissão Política. Álvaro Cunhal enviou uma saudação, que foi lida da tribuna do congresso.

TRABALHADORES

9.º Congresso da CGTP-IN

Direito

Aplicar as leis em vigor é «a verdadeira prioridade» que se coloca aos trabalhadores e à sociedade portuguesa, salientou Joaquim Dionísio, que reclamou o funcionamento eficaz e célere da Inspeção do Trabalho e dos tribunais, e contestou a insistência do Governo em modificar a legislação laboral «sempre para pior» e «correspondendo às reivindicações da direcção da CIP».

A igualdade de direito também não tem garantido a igualdade de facto, denunciou Graciete Cruz, apontando as discriminações no trabalho como origem de todas as outras discriminações, designadamente das mulheres.

Precariedade

Um expediente para o patronato não respeitar a legislação, não cumprir as obrigações sociais e reduzir os custos com o trabalho é o que tem sido a precariedade de emprego, que pouco tem a ver com a natureza sazonal ou necessidades ocasionais de trabalho, protestou José Ernesto Cartaxo, manifestando preocupação por haver «um grande volume de emprego ameaçado em diversos sectores».

Injustiça

Na última década caminhou-se no sentido de uma maior injustiça fiscal, afirmou Maria do Carmo Tavares, acusando o Governo PS de, para a necessária e urgente reforma fiscal, não ter feito mais do que criar comissões para estudar o sistema e de ter metido na gaveta relatórios muito importantes «porque não gostou das suas conclusões».

Privatizações

Depois das empresas, o processo privatizador estende-se aos serviços públicos e à própria Administração Pública, abarcando tudo o que é rentável e sustentando «uma enorme promiscuidade entre o público e o privado, sendo que os investimentos são públicos e os lucros são privados», acusou Paulo Trindade, referindo o exemplo da Saúde.

Informação

O serviço público de televisão «tem de ser alternativa e não cópia concorrente», reclamou Ulisses Garrido, que defendeu o lançamento de «um movimento cidadão de opinião pública, aberto e plural», com aquele objectivo.

www.cgtp.pt

A informação essencial sobre o 9.º Congresso da CGTP-IN está disponível neste endereço da Internet. A página da *Inter* na *Net* alberga ainda várias outras matérias de actualidade e de utilidade para quem se interessa pela actividade sindical e pelo combate em defesa dos trabalhadores.

Preocupação face a áreas fundamentais

O Governo terá «o mesmo combate»

Rever a legislação laboral sobre contratação colectiva, férias e serviços mínimos durante a greve, tal como continuar as privatizações, enfraquecer o direito à Segurança Social, conter os salários, agravar as desigualdades e manter as injustiças fiscais são intenções do actual Governo que merecerão «redobrada atenção» da CGTP e «o mesmo combate» que foi travado durante a anterior legislatura.

O aviso consta da Plataforma Reivindicativa, aprovada por unanimidade e aclamação na tarde de sábado, e que declara o ano 2000 como «o ano da luta pela melhoria dos salários e pelo combate à precariedade de emprego». No documento é fixada a meta de sindicalizar, nos próximos 4 anos, mais 200 mil trabalhadores e eleger mais 4 mil delegados sindicais, uma

vez que «o reforço da organização sindical é decisivo para alcançar os objectivos da plataforma reivindicativa».

Ao longo de nove pontos, são enumeradas na Plataforma Reivindicativa as «medidas mais urgentes» reclamadas pelo congresso e referidas no encerramento por Carvalho da Silva (notícia na página anterior).

Na Plataforma Reivindicativa consta ainda um vasto programa de acções de luta, com especial incidência nos primeiros meses do próximo ano, em que a *Inter* comemora 30 anos. Durante o primeiro trimestre, altura em que se realizará em Lisboa a Cimeira Europeia extraordinária sobre Emprego, a CGTP deverá promover «uma grande iniciativa de massas "Pelo emprego, pela qualidade de emprego, contra a precariedade"». Simultaneamente, empenhar-se-á na concretização da acção europeia convocada para o início de Junho pela Confederação Europeia de Sindicatos.

Na agenda da central constam ainda uma conferência «Por um sistema de saúde centrado nos cidadãos», uma acção nacional

em defesa de serviços públicos com qualidade, a Marcha Mundial das mulheres contra a pobreza e «as acções de luta necessárias» contra a selectividade e os tectos contributivos na Segurança Social.

Expressando «a grande confiança dos trabalhadores portugueses no futuro, na certeza de que vamos conseguir valorizar o trabalho e dignificar o trabalhador no novo milénio», o congresso apela ao «desenvolvimento de uma grande dinâmica reivindicativa a partir dos locais de trabalho e em torno dos problemas concretos, com o máximo envolvimento e participação dos trabalhadores, condição indispensável para a concretização dos objectivos traçados».

Solidariedade internacional contra ofensiva global

A globalização dos mercados financeiros e a liberdade de circulação de capitais tiveram lugar de destaque entre os temas abordados pelo congresso. Florival Lança, que na Comissão Executiva da CGTP é responsável pela área internacional, defendeu que, para alcançar uma resposta articulada à altura da ofensiva global, há que destacar os interesses comuns dos trabalhadores.

«A humanidade dispõe hoje de recursos e potencialidades que permitiriam liquidar a fome e a miséria e proporcionar o bem estar à escala mundial, assegurar o pleno emprego e satisfazer todas as necessidades básicas e os direitos sociais e culturais. Contudo, assiste-se a uma ofensiva do capital para restaurar as relações laborais do século passado, ao aumento do desemprego, à exclusão social, à marginalidade, à crescente injustiça da distribuição da riqueza e dos rendimentos», afirmou Florival Lança.

Para o dirigente da CGTP, «é urgente que, a partir das várias componentes do movimento sindical internacional, se ultrapassem divergências desactualizadas e se caminhe para uma unidade na acção que permita uma resposta articulada».

Florival Lança apontou como caminho a cooperação, a convergência e a unidade do movimento sindical internacional, no respeito pelo pluralismo ideológico, político e cultural de cada uma das suas componentes.

A intervenção de Coen Damen, representante do director-geral da Organização Internacional do Trabalho, veio ao encontro desta ideia, considerando que os direitos dos trabalhadores, a criação de emprego, a protecção social e o diálogo social constituem os ingredientes básicos de uma «arquitectura de segurança humana» e que são «absolutamente necessários para um sentido mínimo de estabilidade para as sociedades do futuro». Também Emilio Gabaglio, secretário-geral da CES, realçou a importância das questões do emprego e da qualidade do emprego, que vão ser colocadas pelos sindicatos com particular ênfase no primeiro semestre do ano 2000, durante a presidência portuguesa.

Este sindicalista, bem como os destacados dirigentes de mais de 70 organizações sindicais de todo o mundo que assistiram ao congresso, participaram quinta-feira na conferência internacional sobre «Políticas de emprego num mundo global», promovido pela central portuguesa e que contou também com vários especialistas nacionais e estrangeiros.

Cuba

Os congressistas aprovaram por maioria, com apenas cinco abstenções, uma moção exigindo o fim do bloqueio económico dos EUA a Cuba e o imediato repatriamento de Elián González, a criança sobrevivente do naufrágio de uma balsa que rumou para Miami no final de Novembro e que permanece em poder das autoridades norte-americanas, apesar do pai e da restante família pedirem o seu regresso.



O congresso recebeu uma centena de destacados dirigentes sindicais dos cinco continentes

Conselho Nacional mais jovem e alargado

Com 748 votos favoráveis, 75 abstenções e 25 votos contra, o congresso elegeu, para um mandato de 4 anos, o Conselho Nacional da CGTP, cuja composição foi alargada, de modo a integrar organizações sindicais antes não representadas e maior número de jovens. O aumento do número de membros do CN, de 123 para 135, foi decidido precisamente com o objectivo de eleger dirigentes com idade inferior a 30 anos (que são, ao todo, 13).

No total, há neste Conselho Nacional 44 sindicalistas que não faziam parte do anterior elenco. A idade média baixou para 45 anos. As estatísticas divulgadas durante o congresso referem ainda que fazem parte do CN 30 mulheres. Relativamente às qualificações profissionais, o Conselho Nacional integra 56 operários, 46 empregados, 29 quadros técnicos e 4 dirigentes com outra qualificação.

Os dirigentes agora eleitos pela primeira vez provêm de organizações sindicais da Alimentação, Bebidas e Hotelaria (6), Administração Local (5), Professores (5), Metalurgia e Química (4), Comércio, Escritórios e Serviços (3), Função Pública (3), Enfermeiros (3), Construção (2), Médicos (2), Transportes Rodoviários e Urbanos (2), Cerâmica e Cimentos (2), Ferroviários (1), Município de Lisboa (1), SNTCT (1), STT (1), e das uniões de sindicatos de Beja, Santarém e Évora (1 cada).

A primeira reunião do Conselho Nacional ficou marcada para hoje, dia em que deverão ser cumpridas as atribuições de eleição da comissão executiva, do secretário e do secretário-geral, bem como de distribuição de responsabilidades e definição de funções.

Homenagem

João Silva, fotógrafo da CGTP há 20 anos, foi homenageado no primeiro dia de trabalhos do Congresso, subindo à tribuna para receber de Carvalho da Silva, em nome dos dirigentes e activistas sindicais, uma placa a reconhecer que «o teu ângulo é a nossa perspectiva». No átrio esteve patente uma exposição de fotografias do homenageado. Actualmente com 83 anos, João Silva foi, igualmente, um dos trabalhadores deste congresso, os quais foram vibrantemente saudados numa moção aprovada sábado à tarde.

Campanha

Mais de 153 mil contos já foram recolhidos no quadro da campanha de fundos para custear as despesas de aquisição e obras na sede histórica da CGTP, informou Américo Nunes, apelando ao esforço de todos para atingir a meta dos 200 mil contos e garantir o êxito deste «acto de gestão de envergadura» que «é acima de tudo uma resposta de classe e de afirmação de confiança nos trabalhadores e destes na sua central sindical».

Sinistralidade

Menos de 20 contos foi quanto gastaram em prevenção e segurança, num ano, 85 por cento das duas mil empresas com mais de cem trabalhadores abrangidas por um estudo efectuado a partir dos balanços sociais e referido no congresso por Armando Farias. Daquelas, houve 679 empresas que não mencionaram quaisquer despesas. Portugal, lembrou, apresenta números absolutos de acidentes de trabalho que só são atingidos em países com uma população activa cinco vezes superior.

Migrações

Enquanto emigram portugueses, «em vagas de dimensão significativa, especialmente para a Europa», continuam a chegar imigrantes a Portugal, o que coloca o nosso país numa situação *sui-generis* de «placa giratória das correntes migratórias europeias», notou Carlos Trindade, que apontou o emigrante como «prova viva e real da situação económica e social carenciada existente no país de origem».

Exploração

Manter os baixos salários é o principal objectivo do bloqueamento da negociação colectiva, praticado cada vez mais pelo patronato, que por isso não é sancionado pelo Governo e beneficia de uma posição de pseudoneutralidade, agravada por uma intervenção governativa que procurou desvalorizar a contratação colectiva e acabou por incentivar o patronato a endurecer as suas posições intransigentes, acusou Amável Alves.

Portugal-África – Desenvolvimento e Cooperação

Carlos Carvalho reafirma em Lisboa Valores da liberdade e da democracia são universais

«Podem contar connosco em todas as esferas da vida nacional onde temos influência bem como nas diversas instituições internacionais e europeias onde temos representação», garantiu Carlos Carvalho na sua intervenção às dezenas de representantes das comunidades de origem africana presentes na recepção-convívio promovida pelo PCP, depois de sublinhar que os seus problemas «são no essencial os problemas que defrontam os portugueses emigrantes nos países da União Europeia e nos diversos cantos do Mundo».

Querira, em meu nome e em nome do PCP, agradecer a presença de todos nesta recepção-convívio, nomeadamente a presença de representantes de diversos países africanos e das comunidades de origem africana em Portugal.

Nós que fomos e somos um País com uma grande emigração, estamos em boas condições para compreender os problemas das diversas comunidades estrangeiras que aqui vivem e trabalham.

Os seus problemas são no essencial os problemas que defrontam os portugueses emigrantes nos países da União Europeia e nos diversos cantos do Mundo: o problema da documentação e da legalização, do trabalho com direitos e dignamente remunerado, os problemas da habitação e da integração, do respeito pelas culturas, os problemas da discriminação, do racismo e da xenofobia.

A grande maioria das comunidades de imigrantes encontram-se na Área Metropolitana de Lisboa.

É também aqui que o PCP tem mais posições e responsabilidades autárquicas.

De uma forma geral e no quadro das competências das autarquias procuramos dar resposta aos problemas dos imigrantes, o que não quer dizer que não haja que melhorar a nossa intervenção e que não haja questões a superar. Mas muitos dos problemas ultrapassam os meios, as atribuições e competências do Poder Local.

Neste encontro-convívio que-remos também dizer-vos que podem contar connosco em todas as esferas da vida nacional onde temos influência bem assim como nas diversas instituições internacionais e europeias onde temos representação, nomeadamente no Parlamento Europeu, no Conselho da Europa e na União Inter-Parlamentar.

Permitam-me ainda que sublinhe algumas das nossas iniciativas na Assembleia da República, nomeadamente as alterações introduzidas na nova lei de estrangeiros por iniciativa do PCP, como a consideração da união de facto para efeitos de reagrupamento familiar; a proibição da manutenção de cida-

dãos por mais de 48 horas na zona internacional do aeroporto; a diminuição de 10 para 6 anos do período de residência exigido para obtenção de autorização de residência permanente; a participação do Conselho Consultivo para os Assuntos da

S. Tomé e Príncipe se libertassem, criando um novo quadro de relacionamento entre Portugal e África.

É aos africanos que cabe optar pelas suas instituições, os seus princípios e os seus valores, o seu quadro de organização regional.

Cabe-nos respeitá-lo. Sabemos apreciar o valor da liberdade, da soberania e da democracia. E dos povos africanos recebemos também um valioso contributo pela sua libertação do colonialismo. A luta dos povos de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e S. Tomé foi na verdade uma preciosa ajuda à libertação do povo português.



O PCP defende uma política de cooperação e apoio activo ao desenvolvimento dos povos dos países subdesenvolvidos, sublinhou Carlos Carvalho

Imigração nos casos de recusa de renovação de autorização de residência.

E honramo-nos de ter sido o primeiro partido a apresentar um projecto de lei contra a discriminação racial, que conduziu à aprovação pela primeira vez em Portugal de uma lei que proíbe e sanciona todas as práticas discriminatórias por causa da raça, cor, nacionalidade ou origem étnica. E honramo-nos de ter sido também o partido que mais iniciativas e projectos de lei apresentou na Assembleia da República, como foi o caso entre outros, dos direitos das Associações de Imigrantes, da proposta de um mecanismo permanente para possibilitar a legalização dos imigrantes em situação irregular, ou da revogação de toda a legislação discriminatória sobre o trabalho de estrangeiros.

Cabe aos africanos optar

Por múltiplas razões Portugal está profundamente ligado a África. Felizmente que a Revolução de 25 de Abril ao libertar o país do fascismo também contribuiu para que os povos irmãos de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e

país ou de uma organização internacional, mas uma vitória dos povos da União Europeia e dos povos da OUA, uma vitória da cooperação entre europeus e africanos.

Portugal está interessado no relacionamento com todos os países do Norte de África, sem exclusões e deve rejeitar manobras que visem dividi-los ou agrupá-los segundo interesses das velhas potências coloniais. Com os nossos vizinhos próximos do Mediterrâneo, o PCP defende uma relação sem preconceitos e em pé de igualdade, na busca dos interesses e vantagens recíprocas.

Aos países de língua oficial portuguesa ligam-nos laços mui-

balizado, temos que ser competitivos o que nessa linguagem quer dizer temos que baixar os custos do trabalho, liquidar direitos, não aumentar salários, desregular e flexibilizar cada vez mais a mão-de-obra... Este é o actual rumo da globalização que difunde a ideologia e os interesses dos países dominantes: os dogmas do neoliberalismo e da economia de casino à escala planetária. É a ideologia da competitividade, das privatizações, da desregulamentação, da liberalização, da produtividade, da flexibilidade, da mobilidade que mais não visa do que desarmar os Estados, os trabalhadores e os sindicatos, para permitir à escala planetária a desmedida acumulação de riqueza e a concentração do "poder político" em meia dúzia de famílias, à custa da mais desenfreada exploração do trabalho e da pilhagem de países e continentes inteiros. É a globalização da pobreza, do desemprego, do trabalho precário e das fantásticas concentrações de riqueza.

Ainda antes de Marx, o padre Lacordaire escrevia em 1838: «Entre o forte e o fraco, a liberdade oprime e a lei liberta...».

São na verdade os países mais poderosos e os mais ricos os que mais defendem a desregulamentação, a liquidação de defesas dos Estados soberanos, o mercado como supremo regulador e entidade divina, o notário da democracia... Mas como já foi afirmado «quanto mais deixarmos o mercado governar o futuro das nossas sociedades, mais o mundo se tornará o terreno de uma guerra económica sem fronteiras, onde indivíduos, grupos sociais, cidades, países e continentes pouco ou nada competitivos serão postos de lado e abandonados como é já o caso de África».

Ao mundo actual injusto e desumano sobrepomos a luta por uma nova ordem económica mundial e uma política de cooperação e apoio activo e solidário ao desenvolvimento dos povos dos países subdesenvolvidos.

A globalização por que lutamos é a globalização da solidariedade, da cooperação, da defesa do ambiente, do desenvolvimento com dimensão social, da criação de condições de modo a que – e utilizando uma fórmula conhecida – «cada mulher, cada homem, cada criança, goze de todas as condições económicas, sociais, políticas e culturais, que permitam àquele que transporta em si o génio de Rafael ou de Mozart possa desenvolvê-lo plenamente».

tos especiais que creio por todos os outros ser compreendido.

E permitam-me que daqui saúde o povo de Timor Lorosae, Xanana Gusmão e o CNRT com votos de sucesso na difícil fase de reconstrução e construção deste novo país.

Também o apoio solidário do PCP e de forças progressistas portuguesas à luta anti-apartheid e ao ANC, e a enorme colónia portuguesa radicada na África do Sul, criou entre Portugal e a África do Sul laços especiais que se impõem no relacionamento com esse grande país.

Com todos os presentes e com todos os povos e países africanos queremos que Portugal e a União Europeia dêem o seu contributo para um relacionamento internacional mais justo, equitativo e não se faça de África um enorme reservatório de matérias-primas, de mão-de-obra barata, um continente perdido.

Por uma nova ordem económica

Vivemos uma época em que se evoca para tudo e para nada a globalização.

A "globalização" tem também as costas largas. Não é raro dizer-se que neste mundo glo-

Portugal-África



São muitas vezes os principais responsáveis por esta "ordem mundial" em que impera a lei do mais forte e o neocolonialismo sob as suas mais diversas formas os que, sem qualquer pudor, fomentam a corrupção, guerras e rivalidades e depois pungidamente lamentam que dezenas de milhões de seres humanos na África, na Ásia e na América Latina tenham uma vida de miséria, estejam ameaçados pela fome, pela tragédia da Sida, alimentada pelo círculo vicioso da pobreza e sejam até vítimas de doenças facilmente curáveis...

São os que alimentam e veiculam a imensa ofensiva ideológica em relação ao fomento da resignação e à apologética da preservação do sistema. São os adeptos do «fim da história» que asseguram que a economia neoliberal é a forma inultrapassável de organização da sociedade. São os que difundem a fé no progresso da ciência e da tecnologia como remédio para a felicidade dos homens mesmo quando são evidentes os desastres ecológicos e as actuais regressões sociais. São os que difundem os "cliches", os preconceitos e as teses racistas, como causas do subdesenvolvimento: "a inferioridade dos negros e dos amarelos"; a "incompatibilidade entre o Islão e a racionalidade"; a maldição demográfica e da fecundidade...; apagando as responsabilidades do colonialismo e do imperialismo, das pilhagens, da degradação dos termos de troca, do fardo da dívida externa.

E são também aqueles os que mais se opõem à taxa Tobin sobre as operações financeiras, a qual, se aplicada e segundo cálculos da ONU, daria para resolver as necessidades mais básicas das populações mais carenciadas do Globo. E são ainda os que queriam que avançasse o "Acordo Multilateral de Investimentos" de modo a que as multinacionais pudessem passar por cima dos Estados e dos Sindicatos, e

os que queriam agora novos avanços neoliberais no Comércio Mundial em Seattle. São os que comandam o Banco Mundial, o FMI e a OCDE e que ditam as grandes linhas da submissão e da dependência. E que tem como resultado a obscena concentração de riquezas num pólo e da pobreza no outro, situação que se verifica mesmo no interior dos países mais desenvolvidos. À escala mundial, o controlo e o consumo de 80% dos recursos naturais é detido apenas por 20% da população!

O património dos 15 maiores multimilionários ultrapassa o PIB total do conjunto da África subsariana!

Como já alguém disse, a globalização capitalista custa ao Terceiro Mundo uma Hiroshima por dia...

Conjugar esforços

É também para continuarmos a conjugar os nossos esforços e a nossa intervenção mesmo que pontual, pelo desenvolvimento, pela cooperação e pela transformação social, que nos encontramos aqui.

O PCP não faltará com a sua solidariedade aos povos africanos e com o activo e determinado contributo para que sejam respeitados e valorizados os direitos das comunidades africanas e dos imigrantes que vivem e trabalham em Portugal.

Pela nossa parte tudo faremos, também, para que se efective o reforço de cooperação entre Portugal e os países africanos, e entre a União Europeia e África, na base do respeito mútuo, da não ingerência e nas vantagens recíprocas.

Este é um encontro de amigos. E porque estamos num convívio de amigos, e numa quadra especial, permitam-me que vos deseje a todos e muito especialmente aos nossos convidados estrangeiros umas Boas Festas e um Bom Ano 2000 e, aos seus povos, progresso, justiça social e Paz.

Saúde
Quatro propostas urgentes

Os múltiplos problemas que afectam a área da saúde foram uma vez mais abordados pelo PCP que, em documento apresentado à imprensa - de que aqui reproduzimos largos extractos - apresentou quatro propostas urgentes e relembrou a necessidade de «uma profunda e inadiável reforma democrática do Serviço Nacional de Saúde». O Grupo Parlamentar do PCP apresentou entretanto, na Assembleia da República, um projecto de lei que consagra a adopção de algumas medidas que se inserem na proposta sobre política do medicamento e que integram um Programa de Redução dos Gastos com Medicamentos.

O PCP «recusa firmemente a divisão dos portugueses, do ponto de vista da garantia do seu direito à saúde, em cidadãos de primeira e de segunda». Ou seja, entre aqueles que «têm capacidade económica» e a grande maioria, que não tendo essa capacidade económica ficaria condenada ao acesso «a um sistema residual e caritativo de saúde, com cuidados de saúde e outras prestações de nível inevitavelmente inferior».

Por isso, o PCP «assume abertamente» a defesa de um Serviço Nacional de Saúde «regressado à filosofia e à inspiração democrática e humanista inicial, ajustado às novas condições de progresso tecnológico, aos problemas que o crescimento dos custos e a evolução organizativa colocam, aos novos e mais exigentes padrões de saúde possíveis e por isso acessíveis a todos os seres humanos».

«Em coerência com esta postura», o PCP tem assumido a necessidade de uma reforma democrática do Serviço Nacional de Saúde, assente na autonomia e na regionalização, num novo sistema de financiamento, na gestão democrática das unidades de saúde e na separação do público e do privado. E, em simultâneo, defende a adopção de políticas prioritárias nos domínios «da concretização do direito à saúde, da qualidade dos serviços, da valorização dos cuidados de saúde primários, das listas de espera, dos medicamentos, da promoção dos direitos dos utentes, e que preste uma particular atenção aos problemas da saúde mental, da toxicodependência, e da SIDA».

De entre este conjunto de propostas, o PCP chama a atenção para «quatro medidas urgentes, centradas na questão das listas de espera, da política de medicamento, da melhoria da oferta de cuidados primários de saúde e da adopção de um plano de separação do público e do privado».

Listas de espera

«Defendendo o interesse nacional e os interesses dos próprios utentes o PCP propôs na última legislatura um projecto de lei e a Assembleia da República aprovou-o, consagrando um Programa Especial de Acesso aos Cuidados de Saúde».

Este Programa consagra o princípio do aproveitamento da capacidade do Serviço Nacional de Saúde através da contratualização com as instituições do próprio SNS de forma a aumentar a resposta dada por estes serviços. E prevê a concretização de várias medidas, entre as quais são de sublinhar:

- o recenseamento rigoroso dos utentes em listas de espera, regularmente actualizado;
- a avaliação da capacidade instalada do SNS em recursos humanos, infra-estruturas e equipamentos e sua mobilização para a resolução sustentada do problema das listas de espera, mediante acordos entre as Agências das Administrações Regionais de Saúde e as instituições do SNS, que estabeleçam as medidas organizativas e de apoio indispensáveis;
- o estabelecimento do princípio de que o recurso a meios externos ao SNS só terá lugar em situações de insuficiência ou esgotamento da capacidade instalada;
- a atribuição ao Programa Especial de Acesso aos Cuidados de Saúde de uma dotação orçamental adicional e própria.

Política do Medicamento

O PCP defende em relação aos medicamentos, entre outras, as seguintes medidas:

- dispensa gratuita aos utentes do SNS do conjunto de medicamentos que lhes sejam prescritos cuja comparticipação financeira sai mais cara ao erário público do que a sua dispensa gratuita nos hospitais e centros de saúde;
- a prescrição de medicamentos comparticipáveis pelo SNS terá de ser efectuada com indicação da substância activa ou denominação comum internacional seguida de dosagem e forma farmacêutica;
- implantação de um formulário nacional de medicamentos que tenha em conta o balanço entre o custo e o benefício terapêutico dos fármacos nele incluídos;
- enquanto o formulário nacional de medicamentos não entrar em vigor defendem-se transitoriamente alguns procedimentos concretos;
- alteração do sistema de comparticipação de medicamentos com eliminação dos medicamentos que tenham uma eficácia terapêutica actualmente considerada discutível e os que tenham preços relativamente excessivos de forma a se poder aumentar o valor da comparticipação nos medicamentos essenciais;
- promoção da utilização dos medicamentos genéricos, devidamente certificados, de acordo com as normas de patentes vigentes internacionalmente;
- aperfeiçoar a lista de medicamentos comparticipados a 100% pelo Estado de forma a contemplar entidades nosológicas de carácter crónico cujas características clínicas e sociais são equivalentes às de outras já contempladas;

- utilização de critérios mais rigorosos e eficientes na autorização dos medicamentos de forma a que em Portugal não sejam aprovados medicamentos cujo balanço entre o benefício terapêutico e o risco seja discutível;

- desenvolvimento de estruturas a nível das farmácias dos hospitais que permitam a distribuição de medicamentos aos doentes que acedem às urgências e consultas externas;

- aperfeiçoar a legislação sobre ensaios clínicos com medicamentos de forma a que a investigação nesta área se desenvolva em Portugal salvaguardando os direitos dos doentes e a transparência nas relações entre a indústria farmacêutica e os investigadores;

- alteração da legislação sobre publicidade de medicamentos de forma a que se restrinja a sua prática nos grandes meios de comunicação social e se controlem de forma mais eficaz as pressões sobre os profissionais de saúde e os consumidores;

- desenvolvimento de uma política estruturada de informação científica independente destinada aos profissionais de saúde utilizando novas tecnologias de informação;

- intervenção mais activa nas instâncias da União Europeia e da OMS que têm um papel determinante na definição das políticas relacionadas com o medicamento de forma a se salvaguardarem os interesses nacionais nos aspectos económicos, científicos e culturais;

- criação de linhas de apoio à investigação nomeadamente em farmacologia e tecnologia farmacêutica;

- política de apoio ao investimento produtivo na indústria farmacêutica nacional, que dificulte a transferência para outros países da produção local de medicamentos;

- garantir a produção e a distribuição de manipulados e outros medicamentos não existentes no circuito comercial;

- criação de um laboratório de referência oficial para o controlo da qualidade dos medicamentos.

Melhoria da oferta de cuidados de saúde primários

«O PCP defende as seguintes dez medidas, entre outras, para melhorar a oferta de cuidados de saúde primários:

- o reforço prioritário do investimento nos cuidados primários, considerando que esta medida é uma condição essencial para o bom funcionamento do sistema de saúde;
- a renovação e criação de novas instalações e equipamentos para os cuidados primários de saúde atendendo ao insuficiente e deteriorado parque de saúde existente; com esta finalidade o PCP propõe a duplicação do investimento nesta área na próxima legislatura;
- uma nova política de pessoal que, para além do redimensionamento e preenchimento dos quadros, valorize a adequada gestão das carreiras profissionais, garantindo a pertinente requalificação dos trabalhadores da saúde;
- a articulação através de ligações horizontais flexíveis entre centros de saúde e serviços hospitalares, na base do interesse mútuo e orientadas por objectivos concretos de saúde;
- a adequada expressão da vontade das populações na direcção dos centros de saúde, através de representação electiva, de forma a fazer reflectir no funcionamento e organização dos centros de saúde, os reais interesses da população e dos profissionais;
- a promoção de uma política de estímulos que promova a inovação organizativa, designadamente a aproximação dos horários aos períodos de conveniência da comunidade e o desenvolvimento do apoio domiciliário e as transferências de tecnologia dos cuidados secundários para os cuidados primários;
- o desenvolvimento de programas de prestação de cuidados de especialidade nos Centros de Saúde, da responsabilidade dos hospitais de referência;
- o reforço da produtividade, através da inovação tecnológica e organizativa, da motivação dos profissionais, e da facilitação dos contactos entre utentes e profissionais de saúde;
- a reforma da legislação de enquadramento dos cuidados primários de saúde que consagre uma nova filosofia de gestão democrática, mudança organizativa, nova política de recursos humanos e financiamento contratualizado;
- a garantia da qualidade dos cuidados de saúde através de uma avaliação da adequação de recursos, dos processos de prestação e dos resultados alcançados, em termos de ganho em saúde.

Adopção de um Plano de separação do público e do privado

«Impõe-se a necessidade de adopção de um Plano de separação do sector público e do sector privado, com a adopção de um conjunto de medidas tais como:

- alteração do sistema que permite o desenvolvimento de medicina privada no interior dos estabelecimentos públicos;
- introdução, em simultâneo, de modalidades remuneratórias que permitam fixar no SNS técnicos de elevada competência;
- estabelecimento de um código de conduta que torne ilícito aos médicos do SNS o desvio de doentes para consultórios privados;
- consagração do carácter público da gestão de todos os estabelecimentos públicos e cessação dos contratos de gestão privada de estabelecimentos do SNS, actualmente existentes.»



DORC festeja os 70 anos de Alberto Vilaça

Alberto Vilaça completou na semana passada 70 anos. Para comemorar a data, a Direcção da Organização Regional de Coimbra do PCP promoveu um jantar de camaradas e amigos que encheu completamente o restaurante Arte e Gala.

Oriundas de todos os quadrantes políticos, chegaram nesse dia a Alberto Vilaça mais de 70 mensagens e saudações que reflectem o enorme prestígio, admiração e amizade de que ele desfruta junto de camaradas e amigos que desta forma se quiseram associar à iniciativa.

De entre elas, destacam-se as do Presidente da Assembleia da República e do secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, que, em dada altura, afirma ser aquele «um dia de alegria» para todos os que ao longo da «vida de luta coerente e corajosa» de Alberto Vilaça com ele conviveram. Porém, para Carlos Carvalhas, é também o PCP que está de parabéns, pois há mais de 50 anos merece o contributo da «energia, sensibilidade política e exemplo para o reforço da influência» do Partido, de Alberto Vilaça.

Em nome da DORC, Sérgio Teixeira salientou a qualidade de intelectual e homem da cultura, de militante comunista e antifascista do aniversariante, razão por que todos ali presentes se orgulhavam de brindar com ele e a sua família «a passagem dos seus 70 anos intensos e belos».

«Não se trata de uma homenagem», disse Sérgio Teixeira, ainda que o passado, o presente e o futuro de Alberto Vilaça a justifiquem. Trata-se «de um jantar de aniversário» que traduz a amizade e admiração de camaradas e amigos por «um homem com convicções, um amigo sempre disponível para ajudar, um homem de grande humanismo, superior na personalidade e na forma optimista como encara a vida».

Alberto Vilaça «faz parte daquele núcleo de homens e mulheres, corajosos, que não vergam perante as adversidades e contribuíram decisivamente para que hoje possamos viver em liberdade», disse o dirigente comunista. É, pois, ao homem «vertical e corajoso, ao comunista, ao autarca, ao intelectual e homem de letras, ao profissional de grande prestígio» que, através daquele jantar, os amigos lhe querem expressar a sua gratidão.

No fim, visivelmente comovido, Alberto Vilaça agradeceu a iniciativa e, num curto improvisado, referiu-se a alguns dos episódios mais marcantes da sua vida.

Em Palmela Histórias da clandestinidade

No dia 17 de Dezembro de 1949, António Dias Lourenço era preso pela PIDE em Aires, Palmela. Cinquenta anos depois, a Comissão de Freguesia de Palmela do PCP recorda os acontecimentos numa sessão que realiza amanhã, à noite, no Airense, com a presença daquele destacado dirigente comunista. Segundo a organização, o objectivo da iniciativa é dar corpo à ideia-força de que o «PCP é o Partido que vence adversidades e adversários».

Num depoimento que fez a esse propósito, Dias Lourenço recorda o período de «grande intensificação da repressão fascista» em que se deu a sua prisão, precedida meses antes das de Álvaro Cunhal e Militão Ribeiro.

António Dias Lourenço havia sido, na altura, destacado para o trabalho de Direcção do Sul, até então sob a responsabilidade de Joaquim Pires Jorge, em casa de quem foi viver. Porém, conhecida a prisão de Militão Ribeiro, que havia reunido com eles nessa casa, por razões de segurança - «não porque tivéssemos receio que o Militão falasse, pois tínhamos a certeza que ele preferia morrer, como infelizmente veio a acontecer na prisão» - ambos tiveram que «saltar» dali.

Viveu, a seguir, nos Olhos d'Água, numa casa que também teria que largar por ter sido visto de lá a sair por um camarada conhecido, procurando então casa em Setúbal, que não chegaria a ocupar por o senhorio

Medidas de justiça remuneratória Grande vitória dos trabalhadores açoriananos

O Conselho Regional dos Açores do PCP, recentemente reunido, apreciou as medidas de justiça remuneratória aprovadas em fins de Novembro na Assembleia Legislativa Regional, definiu posição em relação a questões económicas e sociais de interesse para a Região.

«Grande vitória dos trabalhadores açoriananos», é como o PCP classifica a aprovação pela Assembleia Legislativa Regional do Acréscimo Regional ao Salário Mínimo Nacional (5%), da Remuneração Complementar para os trabalhadores da Administração Regional e Local (8500\$00 para os que não têm benefício fiscal) e do Complemento de Pensão para os reformados, pensionistas e idosos residentes na Região (6000\$00 para as pensões inferiores ao Salário Mínimo Nacional).

Há, entretanto, que ter em conta que o conteúdo dos decretos de lei agora aprovados - e por que o PCP luta há mais de 10 anos - é «muito melhor e muito mais justo» do que aquilo que o Governo queria aprovar e foi possível devido ao contributo determinante do PCP e da CDU e ao facto de o Governo do PS

não mandar sozinho na vida regional.

Segundo os comunistas, ficou ainda claro que a redução da carga fiscal sobre os rendimentos de trabalho por si só não é suficiente pois «deixa de fora ou compensa só simbolicamente uma elevadíssima percentagem de trabalhadores».

Por outro lado, o Conselho Regional do PCP está preocupado com as questões do emprego. É que, apesar de o Governo falar em pleno emprego, sabe-se que «essa oferta é constituída por empregos cada vez mais precários e com níveis salariais muito degradados». O PCP propõe, por isso, «uma política económica de crescimento global, de defesa dos sectores produtivos, de expansão dos serviços, associada a uma política coerente de formação profissional e a uma política correcta de incentivos».

Quanto à questão do esgotamento das quotas de leite e a diminuição de produção que daí resulta, o PCP propõe que na negociação das medidas especiais de combate à ultraperiferia seja incluída uma resolução Política sobre o alargamento da quota a atribuir à Região.

Em relação à proposta pela Comissão Europeia de redução de dois milhões de euros nas verbas do POSEIMA para o ano 2000, os comunistas consideram que ela prova que a Comissão está a tratar a questão da ultraperiferia de «forma inadequada»

e exige que a presidência portuguesa da União Europeia no primeiro semestre do próximo ano, «aprofunde e conclua o processo de elaboração e regulamentação das medidas específicas previstas no Tratado da União Europeia».

Por fim, o Conselho Regional analisou a evolução da situação política regional nos últimos três anos, definindo como objectivo da CD a eleição de mais deputados por mais ilhas e concluindo pela necessidade de assegurar condições para que o debate pré-eleitoral, seja livre e plural.

Maria da Piedade Gomes Festa na Atalaia

Uma centena de camaradas e amigos juntaram-se, no sábado, na Atalaia, para comemorar os 80 anos de Maria da Piedade Gomes. Festejando-os, os participantes quiseram mostrar o seu apreço por esta destacada militante comunista - que averba no seu passado 16 anos de clandestinidade e seis de prisão. Na sua maioria, haviam sofrido como Maria da Piedade a dureza da clandestinidade e da privação da liberdade.

A festa não teve, contudo, um sabor saudosista. De facto, o sentimento que se respirava, no sábado, na Atalaia era de confiança e determinação de luta. E, naturalmente, de alegria e camaradagem.

Numa curta intervenção, José Casanova, membro da Comissão Política do PCP, sublinhou a importância da geração de homens e mulheres que com a sua coragem, a sua inteligência, a sua lucidez, tiveram papel decisivo na construção do PCP - Partido da classe operária e de todos os trabalhadores.

Impedido de estar presente na iniciativa, Arnaldo Mesquita, advogado de defesa de Maria da Piedade Gomes, não quis deixar de se associar ao acto, enviando uma mensagem que recorda algumas passagens da sua vida de luta.

Para Arnaldo Mesquita, a figura de «firme lutadora e resistente» de Maria da Piedade é-lhe «preciosa em alto grau», particularmente desde 1964, quando a PIDE pretendeu mantê-la na prisão como refém, em represália pela fuga de Peniche do seu companheiro Joaquim Gomes, assim transformando-a «na primeira mulher para quem o fascismo pedia legalmente a prorrogação das celeradas medidas de segurança por motivos políticos», através «dum subterfúgio de nítida inspiração nazi».

Arnaldo Mesquita lembra ainda que a defesa que então fez de Maria da Piedade o «levou à prisão por represália da PIDE, na fase mais decisiva do processo» mas que Maria da Piedade, finalmente liberta, de imediato foi de Lisboa para o Porto para encabeçar a luta exigindo a sua restituição à liberdade, ocorrida pouco depois.

Logo a seguir, recorda por fim este advogado, Maria da Piedade retomava o seu «posto de combate na luta clandestina, como os fascistas bem previam e apregoavam».

CAMARADAS FALECIDOS

Deolinda Valente Caeiro Cuco Ferreira

Com 59 anos, faleceu recentemente a camarada Deolinda Valente Caeiro Cuco Ferreira, natural de Safara, concelho de Moura. Militante do Partido desde 1976, residia e estava organizada no Feijó.

Eugénio Francisco Ferreira Santos

Faleceu no dia 9 de Dezembro, vítima de doença prolongada, o camarada Eugénio Francisco Ferreira Santos, de 58 anos, natural de Barcarena, Oeiras. Fez parte, durante vários anos, da célula da Lusite e foi muito activo nos trabalhos da Festa do Avante. Actualmente integrava a Comissão de Freguesia de Carnaxide, onde estava organizado, e a Comissão Concelhia de Oeiras.

Hermínio Santos Oliveira

Faleceu, no passado mês de Novembro, o camarada Hermínio Santos Oliveira. Lutador antifascista,

militou na Quimigal (Barreiro) e estava actualmente organizado na freguesia do Lavradio, onde residia e exercia várias tarefas.

Manuel António Baixinho Raminhos

Faleceu, no dia 7 de Dezembro, de doença súbita, Manuel António Baixinho Raminhos, de 75 anos de idade. Operário agrícola, pertenceu à Direcção da Unidade Colectiva de Produção 26 de Janeiro. Foi membro da Associação de Reformados do concelho da Vidigueira e integrou a Comissão Concelhia da Vidigueira do PCP.

Plínia Rodrigues Costa

Faleceu, no passado dia 5 de Dezembro, com 72 anos de idade, a camarada Plínia Rodrigues Costa. Era membro do Partido desde 1975 e estava organizada na freguesia da Cova da Piedade.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.



Carlos Carvalhas no Algarve

Um almoço-convívio de activistas da CDU, com a participação do secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, juntou, no domingo passado, em Aljezur cerca de duas centenas de pessoas (foto acima). À noite, Carlos Carvalhas participou num jantar-convívio, em Albufeira, promovido pela Comissão Concelhia do PCP.

INTERNACIONAL

Comunistas checos realizaram V Congresso

ONU prolonga missão no Saara Ocidental

O Conselho de Segurança da ONU decidiu terça-feira prorrogar até Fevereiro de 2000 o mandato da Missão da ONU para o Referendo no Saara Ocidental (MINURSO). A realização do referendo, sucessivamente adiada, está de novo ameaçada devido ao elevado número de recursos apresentados por eleitores considerados não habilitados a participar na consulta sobre o futuro do Saara Ocidental. Os recursos, cerca de 80 mil, poderão ascender até aos 150 mil quando se concluir o processo de identificação das pessoas que podem votar. A última data apontada para a consulta popular era Julho de 2000, mas a apreciação dos recursos poderá levar ao seu adiamento até 2002.

UNITA sob pressão

O Conselho de Segurança da ONU exigiu segunda-feira à UNITA que cumpra o Protocolo de Lusaca, o acordo de paz que assinou em 1994 com o governo angolano. Segundo a Lusa, o presidente em exercício do Conselho de Segurança, o embaixador britânico Jeremy Greenstock, reiterou que a ONU continua a considerar a UNITA como primeira causa da crise angolana, e o principal obstáculo ao fim da guerra civil, que perdura desde há 24 anos. Greenstock adiantou que «os membros do CS enfatizaram a necessidade de continuar os seus esforços para o reforço das actuais sanções impostas à UNITA». O CS expressou ainda a sua «profunda preocupação» pela precária situação humanitária em que se encontra Angola e apelou a todas as partes para que garantam o respeito dos direitos humanos e da lei humanitária internacional, reafirmando a sua posição de que «a paz duradoura e a reconciliação nacional apenas poderão ser atingidas através do diálogo político».

Empate no Chile

O empate técnico registado domingo nas eleições presidenciais chilenas entre Ricardo Lagos (o candidato do governo) e Joaquín Lavín obriga à realização de uma segunda volta, marcada para 16 de Janeiro. Segundo os resultados oficiais, Lagos obteve 47,96 por cento dos votos e Lavín 47,52 por cento, pelo que deverão defrontar-se de novo nas urnas. É a primeira vez na história do Chile que se realiza uma segunda volta nas presidenciais. O presidente Eduardo Frei, numa mensagem em que destacou a transparência com que decorreu o escrutínio, apelou à participação

O V Congresso do Partido Comunista da Boémia e Morávia (KSCM em checo) realizou-se nos dias 4 e 5 de Dezembro na cidade de Zdar nad Sazavou, a cerca de 150 quilómetros a sudeste de Praga, num município em que os comunistas têm significativa representação autárquica e numa região onde há municípios por si governados. O PCP esteve representado no Congresso por Henrique de Sousa, do Secretariado.

Em mensagem enviada ao PCBM, o PCP manifestou o seu elevado apreço pela «coragem física e moral com que, arrostando com as perseguições, discriminações e dificuldades do presente, os comunistas checos prosseguem a sua luta e olham com confiança para o futuro», com «o socialismo no horizonte, renovado na sua concepção pelas lições das experiências positivas e negativas do seu rico património histórico e os novos

desafios que a História coloca». A mensagem refere ainda a «radical alteração da correlação de forças que ocorreu no mundo, a ofensiva neoliberal do grande capital», bem como «a correlativa agressividade crescente do imperialismo», que «confrontam os trabalhadores e os povos com sérias ameaças». Neste contexto, sublinha-se, «todos os esforços são necessários para conseguir uma ampla convergência e unidade de acção



dos comunistas, forças progressistas e de esquerda, organizações e personalidades amantes da paz», de forma a impedir a «deriva militarista e assegurar uma segurança real aos povos da

Europa, assente na cooperação e no desenvolvimento, no respeito pelos interesses e soberania de cada Estado, a Carta da ONU e a Carta de Helsínquia».

Sobre a situação que se

vive actualmente na República Checa e o importante papel desempenhado pelos comunistas, Henrique Sousa prestou ao «Avante!» um depoimento que se transcreve em separado.

Remédios neoliberais agravam crise

O V Congresso dos comunistas checos efectuou-se num momento em que naquele país se verifica uma grave deterioração da situação económica e social, com a aplicação por parte do Governo minoritário de Milos Zeman (do Partido Social-Democrata), sustentado num pacto com o principal partido da direita e anterior governante (Partido Cívico Democrata, de V. Klaus), de receitas neoliberais que não diferem significativamente das aplicadas em Portugal pelo PS. Dessas «receitas» avulta um processo de privatizações recheado de escândalos e corrupção, a fuga para o estrangeiro de 1/3 da riqueza nacional, a entrega do controlo da economia do país ao capital estrangeiro, à cabeça o capital alemão e as transnacionais, visíveis e omnipresentes. Nem a principal fábrica cervejeira checa, de uma indústria nacional emblemática, escapou à compra... por capitais sul-africanos. Tudo isto à mistura com o ataque a direitos e conquistas sociais, mais desemprego e a deterioração rápida dos padrões de vida dos cidadãos, 65% dos quais reconhecem hoje viver pior do que há 10 anos, antes do derrube do anterior regime socialista. O resultado é o inevitável crescimento do descontentamento e do protesto social, dirigido sobretudo contra os partidos (PSD e PCD) que nestes 10 anos têm protagonizado no poder o processo desastroso de reconstrução do capitalismo checo.

Quanto ao PCBM, terceiro partido em representação parlamentar com 24 deputados (11% nas últimas eleições), quatro senadores e uma expressiva influência no poder local (13,6% nas últimas eleições), é publicamente reconhecida a subida da sua influência e do apoio popular, atribuindo-lhe sondagens de opinião valores da ordem dos 24% e a condição de primeiro ou segundo partido se as eleições legislativas se realizassem neste momento.

Camaradas checos testemunharam-me, aliás, como particularmente significativo do reconhecimento por muitos cidadãos de que é o PCBM que polariza uma alternativa de esquerda à lamentável situação do país, o facto de, pela primeira vez em muitos anos, trabalhadores (de uma fábrica de tractores da região de Brno) terem convidado a Direcção do PCBM para ir reunir com eles, tendo-se lá deslocado o Presidente do Partido, Grebenicek. Um acontecimento que de algum modo simboliza também para os comunistas checos uma nova e promissora fase no seu relacionamento com a classe operária e os trabalhadores checos, depois da desconfiança e desorientação instaladas pelos acontecimentos de 89 e pela tentativa de poder de direita nos últimos anos

de condicionar e despolitizar o movimento operário e sindical.

Democracia condicionada

O crescimento do apoio popular ao PCBM é tanto mais significativo quanto se verifica num país onde o regime da chamada «revolução de veludo» de 1989, que permitiu à direita apossar-se do poder, é um regime de liberdade condicionada; onde se mantém em vigor legislação que considera o Partido Comunista uma «organização criminosa», que proíbe a organização e a actividade político-partidária nas empresas (imaginem-se só como seria intolerável proibir em Portugal a existência de células de empresa do PCP!); em que alguns deputados de um partido de direita ainda se atrevem a dinamizar um abaixo-assinado para a ilegalização do PCBM; em que comunistas continuam a ser marginalizados e perseguidos profissionalmente pelas suas convicções; e onde o Presidente da República, Vaclav Havel - esse modelo de «democrata» para consumo internacional tão estimado pelo PS e pela direita em Portugal, apoiante de primeira linha da agressão da Nato à Jugoslávia -, continua a recusar receber os comunistas quando recebe os outros partidos e declara publicamente que, mesmo que o PCBM ganhasse as eleições, não aceitaria que formassem governo.

Não admira, pois, que, ao mesmo tempo que se realizava o Congresso do PCBM, sectores da direita procurassem também construir uma nova saída para manterem o controlo do poder e do sistema político, aproveitando para isso o 10.º aniversário dos acontecimentos de 1989 e indo desenterrar os chamados «líderes estudantis» de então para dinamizarem um abaixo-assinado e manifestações com que tentam assim evitar a construção de uma real alternativa e a polarização à esquerda e no PCBM do descontentamento geral relativamente aos partidos que são responsáveis pela desastrosa política anti-social e antinacional destes dez anos. E que outros, como M. Zeman, mandassem nas vésperas do Congresso os recados, que também cá conhecemos, de que o PCBM só poderia ser um eventual parceiro de coligação se realizasse uma transformação semelhante a outros partidos análogos na Polónia, Hungria, Eslováquia, que se converteram em partidos sociais-democratas.

Um partido comunista que conta e propõe alternativa

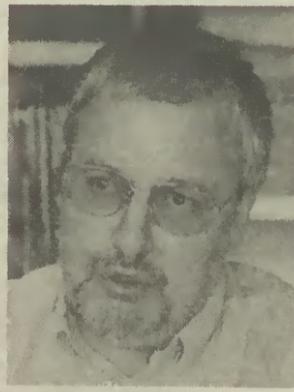
Neste contexto complexo e instável, mas também promissor, o V Congresso do PCBM confirmou a sua identidade de partido comunista, a sua condição de grande partido nacional e de grande força organizada da esquerda naquele país. Aprovou um programa para a «reconstrução e

modernização» do país que sustenta a sua proposta de uma alternativa política face à actual crise, em que inclui a defesa das conquistas sociais anteriores a 89, a amplificação dos direitos e da participação dos trabalhadores nas empresas, a exigência da revisão do processo de privatizações e a defesa de um sector público na banca, transportes, energia, telecomunicações e matérias-primas. Aprovou uma resolução sobre «O Partido na mudança de milénio», que situa o PCBM numa clara oposição

à participação da República Checa na NATO, afirma o carácter imperialista do actual processo de globalização capitalista, exige que o processo de adesão do país à União Europeia seja fundado no respeito pelos direitos e nos prazos que sirvam o país, defende a cooperação internacional das forças de esquerda, com uma valorização especial da cooperação entre os partidos comunistas na Europa.

O debate realizado no Congresso, como os documentos aprovados, dão a ideia de um Partido que, recusando também visões passadistas ou nostálgicas, soube resistir à intensa pressão anticomunista e, confirmando a sua identidade, procura a partir deste Congresso avançar na renovação e rejuvenescimento das suas estruturas dirigentes e da sua organização e abrir o Partido a uma relação mais intensa e transformadora com a sociedade, dando particular destaque à classe operária e aos trabalhadores, à juventude e aos sectores intelectuais.

Os contactos realizados com quadros e dirigentes do PCBM durante a nossa estada foram igualmente demonstrativos da importância do relacionamento entre os nossos dois partidos e contribuíram seguramente para um processo de diálogo e de cooperação que vai naturalmente desenvolver-se.



■ Henrique Sousa

Cuba EUA admitem entregar Elián González ao pai

Elián González, o menino cubano retido nos EUA, poderá regressar brevemente a Cuba e à custódia paterna. A informação foi prestada no início desta semana pelo pai da criança, Juan Miguel González, ao diário espanhol «El País», que se manifestou «muito otimista» após um encontro com funcionários do Departamento de Estado e do Serviço de Imigração e Naturalização norte-americano. O movimento de solidariedade gerado em torno do caso, quer a nível nacional quer internacional, obrigou os EUA a rever a sua decisão de reter Elián no país contra a vontade do pai.

Funcionários norte-americanos deslocaram-se esta semana a casa de Juan Miguel González, em Cárdenas, uma povoação a 150 quilómetros de Havana, onde verificaram a certidão de nascimento da criança cubana retida nos EUA e «numerosos documentos», desde certificados escolares e boletins médicos, comprovativos quer da paternidade quer da assistência que lhe era prestada. «Durante a entrevista também me perguntaram se queria que o menino voltasse à ilha, e eu disse-lhes que sim, que nem eu nem Elián tínhamos nada a fazer nos EUA», disse González.

Recorda-se que Elián sobreviveu o mês passado a um naufrágio em que morreram onze «balseiros», incluindo a sua mãe, e que a luta pela custódia da criança se transformou num confronto político entre os EUA e Cuba, com as autoridades norte-americanas a recusarem entregar a custódia do menor ao pai, manifestando-se abertamente favoráveis a que ficasse nos EUA a cargo de familiares aí imigrados.

A questão transformou-se rapidamente num caso político, com tomadas de posição públicas por parte de destacadas figuras internacionais. Está neste caso o escritor português e Prémio Nobel da Literatura 1998, José Saramago, que em declarações à Prens Latina exigiu aos EUA o cumprimento das leis internacionais, permi-

tindo o regresso de Elián para junto do pai e avós maternos e paternos, em Cuba.

na a situação de sequestro da criança e defendeu que seja devolvida «quanto antes ao pai». No mesmo sentido se pronunciou o congressista Carlos Montes, do Partido Socialista, para quem este caso faz parte de «um conflito histórico, em que Washington abusou de forma desapiedada de um pequeno país como Cuba».

Contra a prepotência norte-americana manifestaram-se igualmente, entre outros, a Federação de Estudantes Universitários de Guadalajara, México; o reverendo britânico Geoffrey Bottoms, da igreja de Santa Mónica, em Blackpool; o brasileiro Antóni-

norte-americano que tome as medidas necessárias para permitir o regresso imediato da criança a Cuba. Numa conferência de imprensa conjunta, representantes da Brigada Antonio Maceo, da Aliança de Trabalhadores da Comunidade Cubano, do Grupo Cultural Afro cubano e da Coligação de Miami contra o Embargo a Cuba denunciaram a campanha levada a cabo por certa imprensa norte-americana que procura fazer crer que a comunidade cubana nos EUA tem uma posição monolítica sobre a recusa de entregar Elián ao pai. Para demonstrar que isso não é verda-

-americana de confirmação da paternidade do pequeno Elián, «a única coisa que falta é entregar» a criança ao pai. «Uma vez que procederam a essa formalidade, a de descobrir o que todo o mundo sabe, que ele (Juan Miguel) é o pai de Elián, o único que lhes resta fazer é aplicar a lei, a norte-americana, a cubana, o direito internacional, que determina que quando um menor aparece abandonado seja entregue ao seu pai».

Inicialmente, os EUA haviam afirmado que o caso Elián não faria parte das conversações sobre imigração. No entanto, antes do



As manifestações de solidariedade com o pai de Elián González e de protesto contra os EUA têm mobilizado o povo cubano para quem este caso rocambolesco é uma inadmissível provocação

Saramago classificou de «sequestro» a retenção da criança em território norte-americano, e apelou à solidariedade internacional para pôr fim a mais esta prepotência contra Cuba e o seu povo.

No Chile, a deputada do Partido pela Democracia, Maria Antonieta Saa, afirmou que Elián foi utilizado pelos EUA como instrumento político, sem se ter em conta que se trata de uma criança. A deputada qualificou de «inuma-

Ezequiel de Araujo Nete, presidente do Instituto Interamericano de Direito Penal e Processo Penal; e os delegados ao 9.º Congresso da CGTP-IN, reunidos em Lisboa nos dias 10 e 11 de Dezembro.

EUA forçados a ceder

Também quatro organizações de cubanos residentes nos EUA se juntaram aos protestos gerados por este caso, pedindo ao governo

de as quatro organizações convocaram para a passada terça-feira uma manifestação «exigindo a devolução de Elián ao pai».

Entretanto, em Havana, o presidente do Parlamento cubano, Ricardo Alarcón, que preside à delegação cubana na ronda de conversações entre os EUA e Cuba para a revisão do cumprimento dos acordos migratórios bilaterais assinados em 1994 e 1995, afirmou que uma vez cumprida a exigência norte-

início de uma nova ronda negociada, William Brownfield, o subsecretário de Estado de Assuntos Hemisféricos que preside à delegação norte-americana, afirmou que «todos os assuntos relacionados com o tema migratório estão em cima da mesa». Esta afirmação, aliada às declarações de Juan Miguel González, fazem crer que a pressão internacional e a forte reacção do povo cubano ao sequestro do pequeno Elián forçaram os EUA a mudar de ideias.

dos eleitores, dirigindo-se em especial «aos mais de 850 000 chilenos que se abstiveram» no domingo e sublinhou estar em causa um confronto «entre dois projectos e duas visões do país». Frei declarou-se orgulhoso pelo facto de, apesar das dificuldades económicas e do desemprego, a coligação no poder, Concertación, «continuar a ser a primeira força eleitoral» e disse esperar «um debate elevado, transparente e muito responsável» para a segunda volta.

Militares indonésios podem ser julgados

Os altos comandos das forças armadas indonésias poderão vir a ser julgados se forem apresentadas provas do seu envolvimento na onda de violência e destruição que devastou Timor-Leste em Setembro, admitiu o presidente indonésio, Abdurrahman Wahid, ao jornal «Jakarta Post». Segundo o principal periódico indonésio, Abdurrahman Wahid indicou aos jornalistas que não interferirá no processo judicial e permitirá que os tribunais decidam quem são os culpados, incluindo o actual ministro coordenador dos assuntos políticos e sociais, general Wiranto, que era chefe das forças armadas durante a barbárie em Timor-Leste. «Não serei influenciado por qualquer tentação. (...) O que é importante é que aceitemos a decisão dos tribunais», disse Wahid. As palavras do presidente indonésio contradizem declarações feitas na semana passada pelo ministro da defesa, Juwono Sudarsono, para quem «os generais não poderão ser julgados dado que a sua função se limitou a seguir a política do Estado».

Israel e Síria reatam negociações

O parlamento israelita aprovou no início da semana, por maioria, o reinício das negociações de paz com a Síria. Com 47 votos a favor, 31 contra e 24 abstenções, o parlamento deu luz verde ao primeiro-ministro, Ehud Barak, para seguir de imediato para Washington para um encontro com o ministro dos Negócios Estrangeiros sírio, Faruk Al-Shara. Entre os deputados que se abstiveram contam-se vários deputados da coligação governamental, o que denuncia as grandes dificuldades que Barak irá ter aquando da consulta que pretende fazer ao eleitorado relativamente à devolução dos montes Golá à Síria. Fora do parlamento, centenas de colonos israelitas, instalados nos montes Golá, manifestaram-se contra a votação, garantindo que não tencionam abandonar pacificamente as suas casas.

Canal do Panamá Transferência de soberania desvalorizada pelos EUA

O controlo do canal do Panamá passou anteontem formalmente para as mãos das autoridades panamianas, numa cerimónia em que primaram pela ausência os principais governantes norte-americanos.

A ausência de figuras destacadas da administração Clinton não foi acidental nem devido a problemas de agenda, apesar da cerimónia de transferência de poderes ter sido antecipada (a data inicialmente prevista era 31 de Dezembro). Na verdade, em vésperas de uma batalha eleitoral que se anuncia renhida, os democratas norte-americanos procuram com a desvalorização do evento retirar argumentos aos republicanos, no seio dos quais se fazem ouvir muitas vezes discordantes quanto aos acordos negociados em 1977 pelo general Omar Torrijos para a devolução do canal. Assim, a representação da administração Clinton ficou-se pelos secretários do Comércio e dos Transportes, respectivamente William Daley e Rodney Slater, e pelo desconhecido novo enviado especial para a América Latina, Kenneth MacKay.

Embora o governo conservador de Mireya Moscoso tenha procurado dissimular a sua contrariedade pelas ausências, Martín Torrijos, filho de Omar Torrijos e diri-

gente do Partido Revolucionário Democrático (PRD), não deixou de lamentar «a desvalorização do nível dos eventos, uma vez que os tratados foram conseguidos pela cooperação internacional».

O Panamá, que foi uma província da Colômbia, tornou-se um país em 1903, graças à intervenção militar norte-americana, e desde então não mais se libertou da sua tutela, em particular através das bases militares.

Importa salientar que a própria entrega do canal não é irreversível, como resulta do Tratado de Neutralidade, igualmente assinado em 1977, segundo o qual está prevista a intervenção norte-americana no istmo se Washington considerar que o canal está ameaçado. Os EUA invocaram essa cláusula sobre o «direito de intervenção» para a invasão do Panamá, em 1989, para prender o então presidente Manuel Noriega por alegado envolvimento no tráfico de droga. A referida cláusula estipula que, independentemente do constante nos tratados, os EUA têm o direito de tomar medidas em relação ao Panamá, «incluindo o uso da força militar», «para reabrir o canal ou reactivar as suas operações» sempre que as considerem ameaçadas.

Brasil Adiado julgamento de José Rainha

O julgamento do dirigente do Movimento dos Sem Terra (MST), José Rainha, inicialmente marcado para 13 de Dezembro, foi adiado para Março de 2000 por decisão do juiz Ronaldo Gonçalves.

Segundo uma informação do MST, o adiamento ficou a dever-se ao facto de nem José Rainha nem os seus advogados de defesa terem sido intimados para o julgamento. Os advogados de acusação e os latifundiários do Estado do Espírito Santo procuraram de imediato tentar tirar dividendos da situação, fazendo passar para a opinião pública que a não comparência de José Rainha em tribunal se devia ao facto de ser culpado, chegando mesmo a afirmar na imprensa que iriam pedir a prisão preventiva do dirigente dos Sem Terra. Essa possibilidade foi descartada pelo juiz Ronaldo Gonçalves que confirmou o facto da intimação não ter sido entregue, pelo que a ausência de Rainha não lhe pode ser imputada nem há lugar para a prisão preventiva.

Durante os dias que antecederam o adiamento o MST, com o apoio de diversas entidades, organizações populares, sindicais e políticas, bem como personalidades do Estado do Espírito Santo, desenvolveram um intenso trabalho de esclarecimento sobre as razões do julgamento de da farsa que foi o julgamento anterior que condenou José Rainha a 26 anos de prisão por um crime que não cometeu.

Entretanto, no Parlamento Europeu, o Grupo da Esquerda Unitária propôs o agendamento da discussão do caso Rainha para a sessão que decorre esta semana. A proposta foi rejeitada pelos restantes grupos, a pretexto de que o caso pode ser agendado para Janeiro.



Acampamento de professores contratados frente ao ME

Professores exigem trabalho com direitos

Cerca de 14 mil professores ficaram este ano por colocar e sem subsídio de desemprego. Estes dados, divulgados pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa (SPGL), com base no último concurso de Setembro, compreendem educadores e professores do 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário, no desemprego pela primeira vez e outros depois de muitos anos de serviços. Esta a razão do protesto, em forma de acampamento, frente ao Ministério da Educação, que precedeu o Plenário Nacional de Professores e Educadores Contratados e Desempregados, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico. Uma forma original de protesto que, tal como a manifestação de sexta-feira, visava reclamar «o direito ao trabalho com direitos», pautado pelo «direito ao vínculo» e à «abertura das negociações sobre os concursos de colocação». Em causa está uma lei injusta que, como denunciou António Avelãs, vice-presidente do SPGL, «mantém indefinidamente os docentes em situação provisória de trabalho, por períodos de um ano, seis meses ou três meses apenas». Em comunicado de imprensa a Federação Nacional dos Professores (FENPROF) sublinha que a atribuição de um subsídio de desemprego aos professores é «o reconhecimento de um direito que desde sempre vem sendo negado aos docentes e pelo qual a FENPROF se vem batendo em acções sucessivas de denúncia e exigência».

Santa Casa do Barreiro

Em requerimento entregue na AR, o deputado Joaquim Matias denuncia as irregularidades que se têm verificado na Santa Casa da Misericórdia do Barreiro, e questiona o Ministério do Trabalho e da Solidariedade que subsidia a sua actividade, sobre medidas que pensa tomar.

Os acontecimentos têm origem em procedimentos adoptados pela Mesa Administrativa da instituição e levaram à demissão do presidente da Assembleia Geral e do tesoureiro, como já no anterior mandato desta mesma Mesa Administrativa haviam levado o Conselho Fiscal a demitir-se em bloco.

A situação agravou-se com a apreciação de uma proposta da Mesa Administrativa para alteração dos Estatutos, que visava diferenciar os direitos dos associados, retirando a alguns a possibilidade de intervir nas Assembleias Gerais, apreciar relatórios e contas, eleger e ser eleito para os corpos sociais.

Tal proposta foi rejeitada pela Assembleia Geral e, a partir dessa data, não foram marcadas duas Assembleias a pedido do número de associados estatutariamente necessário para o efeito, com o objectivo de analisar o relatório e contas da instituição e analisar o comportamento da Mesa Administrativa.

Entretanto, a Mesa Administrativa suspendeu a emissão e pagamento de quotas e começou um processo discriminatório de selecção dos associados através da emissão de um novo cartão.

Já no mês de Novembro, com sete meses de atraso, foi convocada a Assembleia Geral para apreciação do relatório e contas do ano transacto; contudo, não foi permitida a entrada nas instalações em que se realizaria a Assembleia, a cerca de 300 associados, alegadamente por não possuírem o novo cartão. Entretanto, a Mesa Administrativa fez constar que não está disponível para, no cumprimento dos estatutos, apresentar o plano e orçamento para o próximo ano.

Desemprego em Castanheira de Pêra

A profunda crise que afecta todas as empresas têxteis de Castanheira de Pêra está a ter graves consequências sociais no concelho, onde o desemprego afecta praticamente todas as famílias. Das cinco fábricas apenas uma está em precária laboração; não paga salários há dois meses e já anunciou a sua venda em hasta pública. Na passada segunda-feira o deputado Vicente Merendas constou no terreno «uma degradação total do tecido económico e uma grande instabilidade social», tendo apresentado um requerimento na AR onde sublinha a necessidade da intervenção urgente do Governo para viabilizar as empresas.

Comunistas recusam discurso catastrofista na Saúde

Limpar dívidas e racionalizar o SNS

A proposta de Orçamento Rectificativo foi aprovada na passada quinta-feira, na generalidade, com os votos favoráveis do PS e contra do PSD, PP e do Partido Ecologista «Os Verdes». O PCP e os dois deputados do Bloco de Esquerda abstiveram-se. No mesmo dia, a bancada comunista apresentou um projecto de lei para reduzir gastos na saúde e introduzir medicamentos genéricos.

Apesar da abstenção da bancada comunista, o PCP fez duras críticas à política de saúde desenvolvida nos últimos quatro anos, a grande responsável pela necessidade de alterar o orçamento deste ano.

Como referiu Octávio Teixeira a «degradação financeira» decorre da «falta de capacidade e vontade» do Governo para «enfrentar os poderosos grupos de interesses que continuam a dominar o sector da saúde no nosso País».

O presidente do Grupo Parlamentar do PCP recordou as várias propostas que a sua bancada apresentou para o sector da saúde, as quais, com excepção do projecto referente às listas de espera (que aliás não está a ser cumprido ou o é de forma muito insuficiente), foram pura e simplesmente recusados pelo Governo e rejeitados pelo grupo parlamentar do PS.

Por outro lado, face à situação de descontrolo reconhecida pelo próprio PS, o deputado considerou «politicamente inaceitável» o discurso catastrofista em relação ao SNS, o qual só pode servir os interesses dos que pugnam pela sua privatização.

Quanto ao conteúdo estrito da alteração orçamental, Octávio Teixeira manifestou a discordância da sua bancada com a transição de parte da dívida para o próximo ano: «se o Governo quer um virar de página, a transparência nas contas e o fim do subfinanciamento crónico e voluntário do SNS», então «não nos deve propor nem deixar que transitem para o próximo ano 41,4 milhões de contos de dívidas do passado. Se é para mudar de vida, então exige-se que não deixem rabos de palha para trás».

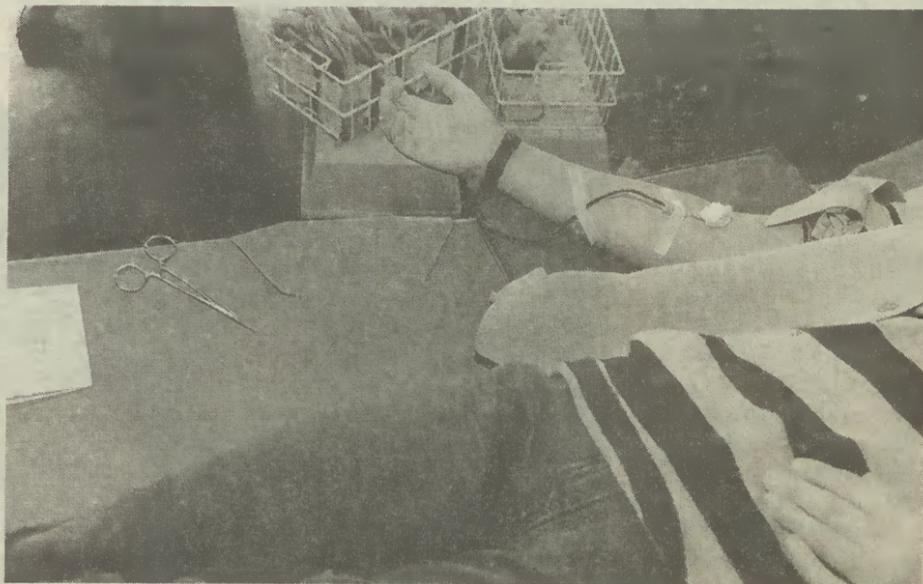
de Estado já para o próximo ano, bem assim como um acompanhamento parlamentar rigoroso e regular da execução orçamental do SNS ao longo de todo o ano».

Genéricos para reduzir gastos

No mesmo dia, quinta-feira, o PCP apresentou na Assembleia um «Programa de redução dos gastos com medicamentos», onde

O projecto visa «a prescrição médica em todo o Serviço Nacional de Saúde por substância activa, nome genérico ou denominação comum internacional, e a implantação de um Formulário Nacional de Medicamentos, acompanhada pelo desenvolvimento do mercado de genéricos e da função de farmácia no âmbito do SNS».

Prevê ainda acabar com os casos em que o custo da participação pelo Estado de



O Estado gasta mais a participar alguns medicamentos do que se os dispensasse gratuitamente, como o PCP propõe

ções que a execução orçamental torne necessárias se façam no mesmo ano. E essa será, pela parte do PCP, uma questão central a ter em conta no Orçamento

se incluem diversas medidas de comprovada eficácia na redução e racionalização dos gastos com medicamentos, quer do SNS quer dos utentes.

medicamentos é superior ao que se gastaria com a compra directa e dispensa gratuita nos próprios estabelecimentos do SNS. Neste sentido, os comunistas defendem que a distribuição gratuita destes fármacos, pós prescrição no SNS, afirmando que a medida permite ganhos substanciais tanto para o SNS como para os utentes.

Os ganhos obtidos com a aplicação das diversas medidas deste programa devem ser directamente aplicados no aumento da participação de medicamentos essenciais por parte do Estado.

Os comunistas consideram que é possível evitar as sucessivas derrapagens orçamentais e o aumento da despesa com medicamentos, as quais não se traduziram em qualquer ganho para a população, mas tão só em fabulosas margens de lucro para os interesses privados.

AR aprova verba para Timor

A Assembleia da República aprovou por unanimidade a proposta de transferência de verbas para Timor-Leste, no âmbito do orçamento rectificativo. A ideia de autonomizar as verbas extraordinárias partiu do PCP, sendo depois completada e formalizada pelo PSD.

Octávio Teixeira sublinhou que a dotação de 10 milhões de contos devia ser inscrita numa rubrica autónoma e visível, explicando que «todos os portugueses têm orgulho em ajudar financeiramente a reconstrução de um território devastado e a construção de um país livre e independente». Os comunistas consideraram ainda que deve ficar legalmente prevista a possibilidade de reforço dessa verba, avisando que não permitirão que desta dotação possam ser desviados meios para quaisquer outras despesas que nada tenham a ver com Timor Lorosae.

Têxteis da Covilhã aguardam apoios

Na anterior legislatura, o PCP fez aprovar uma resolução que previa a adopção de um programa que revitalizasse o aparelho produtivo do distrito de Castelo Branco, em especial a zona mono-industrial da Covilhã que é uma das mais afectadas pela liberalização do mercado têxtil.

Apesar das promessas, o Governo pouco ou nada fez até hoje, constatou a deputada Luísa Mesquita que na passada semana apresentou um requerimento pedindo esclarecimentos sobre os apoios em falta para a recuperação e viabilização das empresas Têxteis Moura & Mattos, SA e Laniber.

O documento recorda que, segundo os trabalhadores, «não há nenhuma razão econó-

mica nem técnica que justifique a ausência de decisão». As empresas, desde que recebiam apoios para os investimentos tecnológicos de que carecem, são absolutamente viáveis e o seu encerramento muito provavelmente originará o fecho de outras empresas prestadoras de serviços. Actualmente, apesar das encomendas em carteira, do interesse de diversos investidores, estas empresas tiveram que suspender a sua laboração, despedindo 165 trabalhadores.

Siemens rescinde

As rescisões de contratos de trabalho na TYCO Internacional (Siemens), de Évora,

motivaram a apresentação de um requerimento pelo deputado Lino de Carvalho, onde recorda que há um ano, na sequência da reestruturação da multinacional, o Governo garantiu que o nível de emprego estaria salvaguardado.

No entanto, a Tyco Internacional, que adquiriu a unidade produtora de semicondutores e condensadores à Siemens, está a pressionar 120 trabalhadores para aceitarem a rescisão dos contratos de trabalho.

O PCP pergunta: qual a avaliação do Governo e que medidas vai adoptar para defender os contratos e os direitos e garantias dos trabalhadores?

Lembrar



Soeiro Pereira Gomes

**Intelectual revolucionário
animador cultural e associativo
combatente da clandestinidade
dirigente do Partido Comunista
Português, Soeiro Pereira Gomes
testemunha exemplarmente
através da sua vida e da sua obra
o profundo compromisso com a
luta pela libertação dos
explorados e oprimidos, pela
democracia e pelo socialismo.**

Percursor do neo-realismo, dirigente comunista e organizador de importantes lutas de massas, Soeiro Pereira Gomes desapareceu há 50 anos. Por todo o País multiplicam-se iniciativas que assinalam a data e celebram a vida e a obra daquele que nunca separou a literatura da militância e dos ideais. O *Avante!* junta-se à homenagem com um dossier onde se inclui uma reportagem do debate sobre o autor, organizado em Alhandra, e a intervenção de Álvaro Cunhal na ocasião, bem como textos de Manuel Gusmão, António Dias Lourenço e Urbano Tavares Rodrigues.

Os textos de António Dias Lourenço e Urbano Tavares Rodrigues são extractos de intervenções proferidas no Seminário «Soeiro Pereira Gomes: o homem, a obra, a vida», realizado recentemente em Nápoles pelo Instituto Universitário Oriental, sob a responsabilidade científica do professor Giovanni Ricciardi. Os textos integrais destas e das restantes intervenções apresentadas no seminário, da autoria de reputados especialistas portugueses e italianos, serão publicados no número relativo a Janeiro/Fevereiro da revista *Vértice*.

No âmbito das celebrações, o PCP promove uma exposição sobre Soeiro Pereira Gomes, patente ao público no Centro de Trabalho de Alhandra até ao fim de Dezembro.

50 anos depois



**Soeiro
Pereira
Gomes**

Texto
Isabel
Araújo
Branco

Fotos
Sérgio
Morais

Alhandra recorda vida e obra de um escritor militante



Exposição
dedicada
a Soeiro
Pereira Gomes,
em Alhandra

Em Alhandra, no dia 7, desfilaram histórias da época de Soeiro Pereira Gomes e reflectiu-se sobre o presente e o futuro, num concorrido encontro com Álvaro Cunhal. Na sala da Sociedade Euterpe Alhandrense, podia-se ainda ver uma exposição sobre a vida e a obra do escritor, patente até ao fim do mês no Centro de Trabalho.

Centenas de pessoas enfrentaram a fria noite de 7 de Dezembro para participar no debate sobre «A Vida e a Obra de Soeiro Pereira Gomes», tema proposto pela Comissão de Freguesia de Alhandra do PCP, que organizou a iniciativa.

Junto a um Tejo invisível pela neblina, o grande salão da Sociedade Euterpe Alhandrense praticamente encheu com as pessoas que ali se deslocaram para ouvir Álvaro Cunhal (cujas intervenções publicamos nestas páginas) e com ele discutir não só as criações do escritor neo-realista, como também a intervenção política e social do militante comunista. Soeiro Pereira Gomes nasceu longe de Alhandra, mas a população local vê-o como um natural da vila e mesmo como um herói da região. Isso ficou bem patente nas intervenções no debate, repleto de testemunhos das lutas sindicais da época de Soeiro e de histórias protagonizadas pelo escritor: as operações de salvamento após o ciclone de 1941, a criação de bibliotecas nas colectividades ribatejanas, a construção de uma piscina em Alhandra, entre outras.

Um dos intervenientes, já membro do Partido na década de 40, lembrou a tentativa dos militantes da zona de Vila Franca de Xira de levar Soeiro Pereira Gomes para Inglaterra para lá ser tratado. A operação seria feita de forma clandestina num navio, mas os responsáveis decidiram abortá-la quando descobriram que estavam previstas escalas noutros portos.

Álvaro Cunhal recordou também o passado, mas abordou o presente e o futuro do Partido, do país e do mundo. O dirigente comunista afirmou que, quando o Governo pede ao PCP que rejeite o passado e se transforme num partido semelhante ao PS, está a dar «um conselho de morte, um conselho para a nossa liquidação». Para Álvaro Cunhal, o Partido tem de manter as suas convicções e permanecer ligado às massas na luta por melhores condições de vida. Veja-se os exemplos dos países onde os partidos comunistas deixaram de o ser. «Onde estão os benefícios dessas mudanças?», interrogou um participante na discussão.

O dirigente comunista elogiou a juventude portuguesa e falou da sua experiência com os mais novos, sublinhando a sua «vivacidade» e os «debates interessantes» em que tem participado em escolas secundárias e universidades de todo o país. Álvaro Cunhal referiu que os jovens constituem «uma grande massa que podemos ganhar, confiando neles e incentivando-os».



Capa da primeira
edição de «Esteiros»
com desenho de
Álvaro Cunhal



Dedicação, coragem firmeza ideológica

■ Álvaro Cunhal



Soeiro Pereira Gomes

Temos boas razões para estarmos aqui em Alhandra neste encontro evocativo de Soeiro Pereira Gomes. A vida, a luta, a actividade revolucionária, a sua obra como escritor, estão inseparavelmente ligadas a esta terra.

1

Soeiro Pereira Gomes teve destacado papel: na reorganização do Partido nos anos 40; nas grandes lutas operárias, em que participou, nomeadamente na greve de 8 e 9 de Maio de 1944; no desenvolvimento da organização, nomeadamente na Organização Regional do Ribatejo, que nesses anos dirigiu, como membro do Comité Central a partir do IV Congresso; no aprofundamento da ligação do Partido às massas e aos movimentos de massas; e na formação, organização, actividade e influência do movimento de unidade antifascista, nomeadamente do MUNAF e do MUD, tendo sido (como representante do Partido) membro das estruturas de direcção do movimento.

*

A sua actividade de militante na fábrica e nas lutas operárias tinha ainda outros aspectos de extraordinário valor: no movimento associativo; na realização de obras sociais; no desporto; na ligação estreita, actuante e solidária com as populações. Em 1941, nas operações de salvamento, quando do ciclone e inundações, com a sua coragem salvou muitas vidas. E ainda na actividade artística.

Soeiro Pereira Gomes foi um dos jovens escritores que constituíram o núcleo inicial da corrente literária que ficou conhecida com o nome de neo-realismo. Militante na fábrica, organizador de greves e outras lutas de operários e camponeses, dirigente do Partido, Soeiro Pereira Gomes era também um talentoso artista.

A sua obra de escritor é curta, mas valiosa e significativa. A par dos «Contos Vermelhos», em que narra episódios da vida e da luta clandestina, e do romance «Engrenagem», inspirado pela sua experiência na Cimento Tejo, a sua afirmação como romancista revela-se com «Esteiros» escrito e editado antes de passar à clandestinidade. «Esteiros» é uma comovente história da vida de crianças que (como ele escreveu) «nunca foram meninos». Uma história de trabalho infantil; de miséria; de picardias, de audácia e aventuras, transbordando qualquer coisa de heróico na vida dessas crianças.

«Esteiros» foi desde logo considerado e reconhecido como uma pequena obra-prima. Pediu-me que a ilustrasse e assim fiz, certo porém de que os modestos desenhos não eram dignos do valor da obra literária.

Observação atenta da vida, «Esteiros» é um romance de profundos sentimentos de amor e ternura pelas crianças e transmite (sem o explicitar) a indignação pela exploração e miséria de que são vítimas. Este romance traduz (não em termos de análise política, mas com igual força de expressão e convencimento) o humanismo dos ideais e da luta dos comunistas.

*

Ainda uma outra característica da personalidade de Soeiro Pereira Gomes. Além da dedicação, da coragem, da firmeza ideológica e da sua obra literária, deixou-nos um exemplo de particular relevo num comunista, sobretudo num dirigente comunista. Simples, modesto, dirigindo sem assomos de superioridade ou imposição, tratava os camaradas e as pessoas em geral com respeito e estima. Convivia fraternalmente com eles, ensinando e aprendendo com a vida e com os outros. São valores, com os quais, todos nós, na época, procurávamos aprender, e com os quais necessitamos de continuar a aprender. É um dos mais ricos elementos da herança que Soeiro Pereira Gomes nos deixou.

2

Há porém ainda dois aspectos: um, a situação mundial que se vivia; outro de natureza ideológica, de que são inseparáveis o pensamento, actividade e a personalidade de Soeiro Pereira Gomes. Pouco se fala neles, mas eu gostaria de os abordar aqui convosco.

Para conhecer e compreender a orientação e acção do Partido nesses anos (e portanto também a vida militante de Soeiro Pereira Gomes) é indispensável ter em conta a situação internacional que se vivia. É uma verdade histórica que a Revolução de Outubro de 1917 e a formação da URSS tiveram influência determinante na criação do PCP.

Desses acontecimentos o Partido recebeu o poderoso estímulo e a activa solidariedade da primeira Revolução (em milénios da história da Humanidade) que empreendeu a construção de uma sociedade sem explorados nem exploradores — uma sociedade socialista.

A União Soviética, nos anos 40, inspirava os trabalhadores do mundo pelas suas realizações na construção da nova sociedade e pelo seu papel na luta contra o fascismo que culminou com derrota do fascismo na 2ª Guerra Mundial.

Nesses anos, mesmo quando os exércitos alemães avançavam



Debate sobre a vida e a obra de um homem profundamente ligado à vida e luta do seu povo

irresistíveis, ocupavam a Europa, chegavam aos Pirenéus e, a Leste, invadiam a União Soviética e chegavam às portas de Leninegrado, de Moscovo e Stalinegrado, mesmo então, nós aqui confiávamos na vitória militar da União Soviética, como determinante para a vitória final dos Aliados.

*

O «Avante!» dava notícias da guerra tendo como título da página «A URSS vencerá!». E Soeiro Pereira Gomes (como muitos outros militantes) tinha na parede um mapa da URSS, no qual bandeiras presas com alfinetes marcavam a linha da frente, no avanço libertador do Exército Vermelho, até à tomada de Berlim, ao hastear da bandeira, com a foice e o martelo no alto do Reichstag e (como se dizia então) «até liquidar a fera no próprio covil».

*

É de lembrar que o Partido se encontrava então isolado do movimento comunista internacional, desde a ruptura das relações com a Internacional Comunista em 1938, por suspeitas da IC de provocação, no seguimento da fuga do Aljube de Francisco Paula de Oliveira (Pavel). Em 1947 fui encarregado pelo Partido de tentar restabelecer essas relações. Levava também como tarefa (no caso de conseguir chegar à União Soviética) de solicitar aos camaradas que Soeiro Pereira Gomes (já então gravemente doente) fosse lá tratar-se.

A última vez que nos encontrámos foi em fins de 1947 (precisamente nas vésperas da minha partida). Foi em Salir do Porto (na Baía de S. Martinho do Porto), onde então Soeiro Pereira Gomes vivia na clandestinidade. Estava escrevendo o seu romance «Engrenagem» que não viria a acabar.

Apesar de gravemente doente, mantinha o seu espírito militante, a sua esperança na vida e a sua confiança no futuro. Infelizmente a gravidade da doença e a dificuldade de ligações e viagens clandestinas não permitiram que fosse tratado.

Faleceu jovem, em 5 de Dezembro de 1949, com 40 anos de idade. A luta contra a morte não impediu que (até aos últimos dias de vida) continuasse confiante na vitória da causa comunista.

*

Camaradas:

Ele, como muitos outros que deram tudo de si próprios na luta pela liberdade e por uma sociedade melhor ficaram pelo caminho. Vitimados pela doença. Ou mortos nas prisões. Ou assassinados pela PIDE. Não chegaram a viver a conquista da liberdade, a Revolução de Abril e suas exaltantes realizações, a instauração de um regime democrático.

Falando nós hoje aqui de Soeiro Pereira Gomes, creio ser justo e necessário não só lembrá-los, mas manter viva a gratidão que lhes devemos por tudo quanto deram para o bem dos trabalhadores, do povo, do País e pelo grande exemplo das suas vidas.

3

Um último aspecto. Nesses anos foi de importância capital para a acção revolucionária do movimento comunista e do nosso Partido a consciência de que possuíamos a poderosa arma de uma teoria revolucionária que não só explicava o mundo, mas indicava como transformá-lo. Uma teoria antidogmática e criativa, a teoria revolucionária do proletariado, o marxismo-leninismo. Teoria que assenta as suas raízes na prática revolucionária que se enriquece e desenvolve e actualiza dando respostas novas às novas situações, aos novos fenómenos, à evolução da sociedade, mas cujos princípios fundamentais relativos ao conhecimento da natureza e do mundo, à explicação do capitalismo e à necessidade e possibilidade da sua superação por uma sociedade socialista inspiravam (e, a meu ver, bom será que continuem a inspirar) as nossas análises e a nossa orientação.

*

Soeiro Pereira Gomes e outros dirigentes e quadros do Partido estudávamos as obras de Marx, de Engels, de Lénine e procurávamos e encontrávamos nelas experiências e ensinamentos para o nosso pensamento e a nossa acção.

Partidos que, dizendo-se marxistas, riscaram do seu património a Revolução de 1917 e o pensamento e acção de Lénine, deixaram de ser marxistas. Alguns, liquidaram-se a si próprios e acabaram por desaparecer.

Estais certamente de acordo em que, quando actualmente se pergunta «O que é ser comunista hoje?», podemos responder (além de outras definições) que não pode intitular-se comunista quem de facto deixou de o ser.

Para nós, «ser comunista hoje» (frente às grandes transformações sociais e à ofensiva global do imperialismo) é saber encontrar o caminho da luta para a solução dos problemas da hora presente, e os previsíveis a curto prazo.

Para nós, a par da luta por uma viragem democrática e patriótica na política nacional e a par da luta contra a ofensiva global do imperialismo; é também tarefa da nossa natureza e identidade continuar com confiança a luta por uma sociedade socialista, assinalando as lições do passado; mantendo-nos dignos de gerações e gerações de comunistas que (como Soeiro Pereira Gomes) consagraram suas vidas à luta pelos nossos ideais, prosseguindo com confiança a luta pela causa comunista.

Soeiro Pereira Gomes



Foto da clandestinidade de Avaro Cunhal e Soeiro Pereira Gomes, com outros amigos, num passeio de barco no Tejo

A personalidade política de Soeiro Pereira Gomes

(...)
Joaquim Soeiro Pereira Gomes terminou o curso de regente agrícola na cidade universitária de Coimbra onde se radicara um professorado avançado e democrático e uma juventude académica irreverente e combativa empenhados no combate ao escolasticismo do ensino superior oficial.

com a activação do «vespeiro dos Balkans», as primeiras operações de anexação do Sarre, da região dos Sudetas, da Áustria, da Abissínia, foram acontecimentos de grande repercussão no mundo e em Portugal sob o domínio do fascismo. É neste quadro que se forma e se integra a vida e actividade política e militante de Soeiro

portuguesa daquele que poderia ter sido a figura mais alta do neo-realismo português e do seu Partido — o Partido Comunista Português — de um valoroso militante e quadro dirigente que muito poderia ter dado ainda à causa dos trabalhadores manuais e intelectuais e do seu povo. Uma vinculada expressão da sua personalidade política era sem dúvida a sua íntima ligação à população trabalhadora da sua terra adoptiva — Alhandra —, aos problemas sociais e culturais dos alhandrenses.

Em Alhandra a multifacetada acção social de Soeiro granjeou-lhe o reconhecimento, a admiração e a profunda estima da população local.

Não é deslocado referir aqui um episódio — já conhecido e por mim referido num trabalho há quatro anos publicado, «Vila Franca de Xira um concelho no País», revelador do seu espírito solidário e de extrema dedicação ao povo.

No decurso de uma calamitosa tempestade que em Fevereiro de 1941 assolou toda a região de Lisboa e vale do Tejo e fez numerosas vítimas nas zonas ribeirinhas Soeiro Pereira Gomes tripulando, com três trabalhadores de Alhandra, uma frágil barca do Tejo conseguiu salvar do Mouchão de Alhandra (uma ilha do Tejo fronteiriça à fábrica de Cimento em que trabalhava) mais de uma vintena de vidas de assalariados agrícolas (homens e mulheres) que viram engolidas pelas águas revoltas os «aposentos» de palha e colmo onde se alojavam.

Outro, jovem comunista e campeão internacional de natação de fundo — Baptista Pereira, o «Gineteo» do seu romance «Esteiros» —, conseguiu, seguindo o exemplo corajoso do escritor, fazer vários salvamentos a nado.

Em Alhandra, chefe de escritório da cimenteira, Soeiro Pereira Gomes sempre se recusou a ser peão dos interesses patronais, identificou-se totalmente com os do mundo do trabalho na empresa. Aí se encontrou com a organização clandestina do Partido Comunista Português a que emprestou os primores de uma elevada cultura geral e da sua actividade dinâmica de carácter social de amplos contornos.

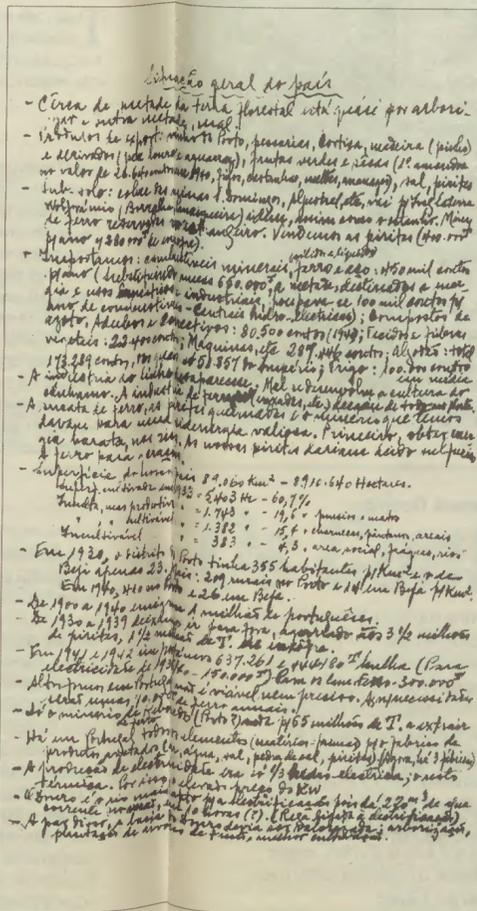
Este «encontro» com o PCP foi decisivo para a sua formação política e militante, para o seu percurso de resistente antifascista e de escritor neo-realista. O contacto directo com os trabalhadores comunistas da Cimento Tejo e como núcleo neo-realista de Vila Franca de Xira, as suas qualidades pessoais justificaram a sua inclusão, primeiro no Comité Local de Alhandra, depois no Comité Regional do Ribatejo.

Os primeiros anos da década de 30 (Pereira Gomes radica-se em Alhandra em 1932) foram cruciais, de profundos abalos e transformações.

Na retoma da primeira grande explosão da crise geral do sistema capitalista mundial, de 1929/31, marcada pelo ascenso do nazi-fascismo na Alemanha hitleriana dá-se o endurecimento da exploração e da repressão fascista que se agravam com o desencadear da II Guerra Mundial. Mas a estrela do nazi-fascismo na frente militar começa a empalidecer e após Stalinegrado o espectro da derrota hitleriana abala os regimes fascistas de Portugal e Espanha. Obrigado a recuos estratégicos o salazarismo, sob a pressão do movimento operativo e da luta antifascista, manobra para sobreviver. As grandes greves operárias e camponesas de 1941 e 1942 rasgam horizontes inusitados à luta libertadora do povo português. A

António Dias Lourenço

Folha de apontamentos inéditos de Pereira Gomes: «A situação geral do país», sem data (cerca de 1948-49)



Ficcionista-poeta pioneiro do neo-realismo

Urbano Tavares Rodrigues

Soeiro Pereira Gomes

Importa reconsiderarmos hoje o Neo-Realismo, após todos os sucessos e desastres históricos que o Socialismo conheceu desde o início dos anos quarenta e todas as voltas e reviravoltas, tratos de polé e momentos exaltantes que o romance sofreu desde então. Primeiro o chamado novo romance francês ou romance objectal e até anti-romance ou ainda romance do olhar; e logo em seguida, na década de sessenta, a força e o fascínio do realismo mágico latino-americano; depois a escrita textual ou do apogeu do hipertexto, que evacua do romance o próprio autor, e mais tarde a desconstrução do romance e de novo a idolatria do fragmento e ainda o regresso à História e à biografia e por fim à fábula inócua superficialmente interessante, em sintonia com uma certa pós-modernidade (uma delas) ligada ao culto da moda e da televisão, e à sociedade-espectáculo, que acompanham o triunfo actual, passageiro que seja, do neo-liberalismo ou capitalismo global. O neo-realismo português foi, antes de tudo — é bom não esquecer —, uma literatura de resistência ao fascismo salazarista, o que lhe ampliou as margens, embora tenha tido como «deus oculto» (para citar Lucien Goldmann, o grande

sociólogo da literatura desse período) ou como guia teórico, a visão marxista da história e do futuro, concebida como luta de classes, e a inevitável vitória do Socialismo. Esta lição preside de facto à elaboração das grandes obras ficcionais de Soeiro Pereira Gomes. Alves Redol, Fernando Namora, Carlos de Oliveira, Manuel da Fonseca, Mário Dionísio, Faure da Rosa e Manuel Tiago, por exemplo. E de Antunes da Silva, Alexandre Cabral e outros neo-realistas de maior ou menor mérito. Mas cada um deles, consoante o seu grau de conhecimento, nem sempre muito elevado, do materialismo histórico e dialéctico e a sua outra cultura humanística e literária, e naturalmente a sua sensibilidade e a sua ideossincrasia própria, produziu romances e contos muito diversos na apreensão do real, na maneira de veicular criticamente a mensagem, no nível de literariedade e nas ressonâncias pessoais, embora com um denominador comum: a denúncia do regime e das suas desigualdades iníquas e uma certa esperança em contribuir pela escrita para transformar o País, fazendo-se ouvir. Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes, os primeiros a surgirem, com o chamado

grupo de Vila Franca de Xira, voltaram-se decididamente para a sondagem lúcida, mas também apaixonada, do mundo dos operários e camponeses, alimentando o ambicioso projecto de levarem a efeito, à luz da análise marxista, uma espécie de levantamento do homem e da terra portuguesa, que relevava quase tanto da sociologia como da literatura, o que se explica pelo facto de esta poder romper ou iludir mais facilmente as barreiras da censura, que condicionou durante tantas décadas a vida cultural e a produção artística em Portugal. Essa mesma censura castrou a produção neo-realista, humilhando os escritores, cortando-lhes parcialmente as obras, como sucedeu com Redol e Manuel da Fonseca da forma mais estulta, ou proibindo-as totalmente e gerando a auto-censura, o pior dos males, o medo de escrever, a necessidade de baixar a fasquia, de usar eufemismos, de sugerir, sem dizer, de deixar à imaginação do leitor muito do não dito. Há quem entenda que os neo-realistas se defenderam bem destes escolhos, criando os seus códigos alusivos, usando o efeito de distância, certas parábolas, certas ambiguidades expressivas. A verdade é que tudo isso, esses disfarces,



Soeiro durante a construção da piscina do Alhandra Sporting Clube

Terminado o seu curso técnico Soeiro, ainda jovem, deslocou-se para Angola, então uma espécie de «súbia da coroa» do colonialismo português em África e aí colheu novos valores de consciência diante da desumana exploração colonial. Por pouco tempo aí se manteve. Breve deixou África, rompeu o emprego da empresa colonialista portuguesa de Luanda e retornou ao continente.

Estava-se no início dos anos 30 quando Salazar, assumido o comando absoluto do Estado, iniciava a consolidação e institucionalização do regime fascista privilegiando a ofensiva contra o movimento operário organizado e os sindicatos

independentes de classe. No mundo, com a paulatina superação da crise económica mundial de 1929/31, o nazi-fascismo ascende ao poder na Alemanha. Davam-se os primeiros passos para a criação do eixo Berlim-Roma. O triunfo da República em Espanha, a escalada para a Guerra Civil Espanhola (cujo chefe, general Sanjurjo, que vivia no Estoril e tinha em Lisboa a direcção política e a direcção militar operacional da insurreição e que se despenhou na região do Alentejo quando, num avião, se dirigia a Marrocos para assumir o comando), também os primeiros passos na preparação e desencadear da II Guerra Mundial, iniciada

Pereira Gomes. Radicado em Alhandra — na época um centro industrial de certa importância num concelho de forte concentração da propriedade rústica, Vila Franca de Xira, onde laços de classe ligavam numa aliança natural em torno de reivindicações fundamentais comuns os assalariados da indústria e da agricultura. Aí conheceu e contraiu matrimónio com uma jovem compositora musical e activista local do teatro amador — Manuela Cândia Reis. Aí também, quadro superior da maior cimenteira do país — a Cimentos Tejo, do poderoso grupo Sommer Champalimaud — onde se situavam igualmente fortes núcleos da metalurgia e das indústrias alimentar e têxtil, Pereira Gomes encontrou o PCP, em rigorosa clandestinidade, e uma actividade cultural de massas de projecção nacional que iria estar em força na actividade e na base social do movimento neo-realista em Portugal e do trabalho criador de dois dos mais qualificados iniciadores na área do romance e do jornalismo de ideias.

(...)
Soeiro Pereira Gomes inspirou-se para o seu trabalho de romancista, contista e sociólogo, no sector de exploração do trabalho em que ele próprio se inseria, do operariado industrial de Alhandra e do Baixo Ribatejo. Depois, quando teve de passar à clandestinidade para não cair nas malhas da odiosa polícia política do regime fascista de Salazar, encontrou, na odisséia clandestina dos seus irmãos de combate e dele próprio, motivos de inspiração para os seus «Contos Vermelhos» e «Refúgio Perdido» e para o seu trabalho de organizador e teórico do movimento de massas particularmente o seu folheto «Praça de Jornas», que teve grande impacto no movimento dos assalariados agrícolas. A sua morte prematura na clandestinidade e as exigências do trabalho clandestino a que se entregou por inteiro privaram a literatura

repressora fascista contra o movimento operário e popular adquire carácter de massas. É no Baixo Ribatejo, durante as agressões de assalariados agrícolas de 1943 e principalmente as lutas e greves do operariado industrial de 1943 e 1944 na região de Lisboa, Margem Sul e Baixo Ribatejo que o fascismo envereda por formas de repressão em massa. Pela primeira vez as praças detentoras de Vila Franca, de Lisboa e de Montemor-o-Novo são transformadas em transitórios campos de concentração. As greves de 8 e 9 de Maio de 1944 assinalam uma viragem na vida e na actividade de Soeiro Pereira Gomes. Já como quadro político de responsabilidade numa região onde se concentravam unidades industriais de grande dimensão no plano nacional, Soeiro empenha-se activamente no novo curso do movimento de massas, colhe ao vivo e em directo uma experiência de luta de grande envergadura. As greves de 8 e 9 de Maio, exactamente a um ano do fim da II Guerra Mundial, movimentam mais de 20 000 trabalhadores.

(...)
Na fábrica de Cimentos Tejo, onde se empregava Soeiro Pereira Gomes, conjuntamente com a Têxtil do Sul e a Penteação de lãs, constituíam um baluarte de luta de importância decisiva na região. Conciavam por isso, com particular ferocidade, as actividades repressivas da polícia política. Pereira Gomes escapou por pouco às garras policiais. Avisado a tempo por uma vizinha, pôde escapulir-se da sua residência quase sob as vistas dos esbirros policiais. Um dos jovens grevistas aprisionados na Praça de Touro de Vila Franca — Saul Pereira — viu-o mesmo passar diante da porta, num carro a grande velocidade anotando de passagem a expressão de tristeza do escritor fugitivo. E Pereira Gomes passa à clandestinidade. Membro do organismo clandestino de direcção regional do PCP é-lhe confiada a responsabilidade política do Alto Ribatejo. Nas novas condições vêm ao de cima as suas

excepcionais qualidades de organizador e de responsável político. Também o seu carácter de homem e militante comunista.

(...)
Com Soeiro Pereira Gomes o Alto Ribatejo, todo o distrito de Santarém se tornaram uma forte base da organização do PCP com uma intensa vida cultural e política. É no jornal «Ribatejo», órgão clandestino a que ele deu vida, que publica pela primeira vez o trabalho sobre as «Praças de Jornas». Estas «praças» eram o mercado de trabalho dos assalariados agrícolas. Aí patrões e «managers» discutiam o preço das «jornas» (o salário diário dos proletários do latifúndio). No folheto Soeiro avançou com a proposta de formação de «Comissões de Praças» que centralizavam o montante do salário a discutir com os patrões ou os seus «managers». Um passo importante foi dado com as «Comissões de Praças» na unidade dos trabalhadores do campo. Pereira Gomes tornou-se um quadro dirigente de excepcional capacidade. O Congresso (ilegal) do PCP em 1946, na Lousã — região de Coimbra —, elege-o membro do Comité Central e tarefas politicamente mais complexas lhe são confiadas.

(...)
Com a sua morte desaparece uma grande figura da literatura portuguesa e um firme e corajoso resistente antifascista e dirigente do PCP. Hoje quando se comemora em Portugal um quarto de século da Revolução libertadora de 25 de Abril de 1974, o seu nome e a sua actividade não podem deixar de estar nos cimentos do regime democrático em Portugal.





Soeiro Pereira Gomes

Ficcionista-poeta pioneiro do neo-realismo

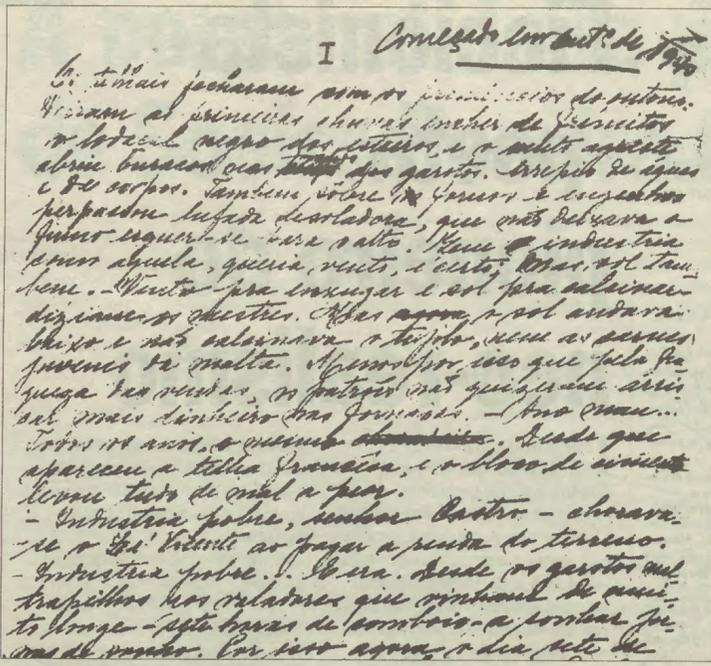
essas metáforas e cumplicidades com o leitor, pode o escritor socorrer-se delas em liberdade e então resultam melhor.

(...) Soeiro escreveu amorosamente *Esteiros*. À janela da vida, debruçando-se sobre as adolescências pobres e tendo já entrado quantas vezes nas casas da miséria e da marginalidade, pode imaginar sem esforço, ou mesmo copiar do real, amalgamando-as e transformando-as, personagens tão ricas e diversas como as do João Gaitinhas, do Maquineta, do Malesso, do Cocas, do Sagui, do violento Gineto, representação da pura e nua rebeldia.

(...) A apetência de Soeiro para aflorar o onírico e o poético, paralelamente à crua representação das injustiças sociais e à análise das infra-estruturas económicas (a exploração dos fracos pelos fortes, a devoração das pequenas e médias empresas pela grande fábrica), essa vontade de penetrar no mais fundo e no menos claro dos seres humanos e também a difusa vontade da beleza que a palavra surpreende e recria, tão patente nas rápidas descrições da natureza e das estações do ano, conferem-lhe um lugar muito especial no aréopago neo-realista. o de um fiel seguidor dos princípios da escola. ao mesmo tempo com sensibilidade estética, próxima da escrita poética. Mas é sobretudo nas situações, no arranjo dos quadros familiares, na expressão do sofrimento humano e na permanente vontade de sonho que se entremeia o poeta que há em Soeiro Pereira Gomes.

(...) *Engrenagem* é um esplêndido romance, que apenas carecia da revisão (porventura da reelaboração de algumas passagens) que Soeiro não pôde levar a cabo, para nos surgir simultaneamente como incisiva análise das relações económicas e humanas numa vila ribatejana e numa grande fábrica de ferro e aço (semelhante nalguns aspectos à dos Cimentos-Tejo, onde o autor foi chefe de escritório) e verdadeira epopeia das lutas do operariado industrial. Extremamente dotado para o diálogo, Soeiro faz-nos ouvir os rudes proletários dessa fábrica paradigmática, tal como os camponeses das hortas e os filhos da miséria que desaguam na estrada em

Manuscrito de «Esteiros»



Soeiro Pereira Gomes

Soeiro no escritório da Fábrica de Cimentos Tejo (à esquerda) e aspecto de uma homenagem ao escritor, em Alhandra, a 31 de Janeiro de 1993 (foto da direita)

construção e, sob a ríspida orientação do empreiteiro, suam todos os venenos, britando pedra de sol a sol. Maços e picaretas de uma escravatura consentida.

(...) É patente nas páginas de *Engrenagem* a familiaridade e o lúcido conhecimento que Soeiro tinha do carácter, das manhas, da revolta e do sofrimento dos proletários de Alhandra, o pequeno grande mundo que ele amava. Basta ver como no-lhos apresenta e revela em acção; um deles até sacrifica um dedo da mão para obter o seguro de trabalho. Mas a grande pintura colectiva, em tons afogueados, quase excessivos, é a do motim em que os operários, na fúria do protesto, ameaçam, como já disse, tudo arrasar. Além desta cena, é ainda muito impressionante o inspirado segmento textual em que o narrador externo pinta por palavras o ventre da fábrica.

(...) Os contos de Soeiro Pereira Gomes têm de ser reavaliados, isto é, devidamente reconhecidos como magníficos exemplares de uma arte da narrativa curta voltada para a suprema síntese e, em muitos casos, para a súbita fulgurância poética. Não são rápidos apontamentos rascunhados nos intervalos da acção política; bem pelo contrário me aparecem na generalidade como frutos sazonados de um intenso desejo de exprimir a fraternidade com os mais escarnecidos e isolados, os mais pobres de afecto, totalmente excluídos do bem-estar, da cultura, até mesmo do círculo dos seus iguais, como o Pastire.

(...) Com o recuo de mais de meio século, ao

olharmos para trás, para a juventude ardorosa desse primeiro neo-realismo, fremente de poesia emancipadora, ainda ligado ao melhor naturalismo de Zola e à lição dos grandes escritores russos como Gorky e Fedor Gladkov, criadores do realismo socialista, vemos os pioneiros Redol e Soeiro numa nuvem de esperança, ao lado da classe operária, a grande vítima social de então, mas também protagonista de um futuro histórico radioso, tal como os dois romancistas a vêem na sua infinita confiança. Ambos militantes do Partido Comunista Português, ambos em combate com as palavras, instrumento da sua arte e da sua luta. Soeiro Pereira Gomes, no entanto, ama a palavra em si - não pode escondê-lo -; os seus arranjos verbais, as suas metáforas e comparações, a forma como, através das imagens verbais, tenta recriar o telurismo da natureza, o milagre sempre renovado da luz, a beleza e os dramas de cada estação, os desencontros do homem e da terra líbere, que um destino aziago amiúde lhe torna madrastra, são, fora de dúvida, de um esteta, sendo de um revolucionário.

É-me difícil encontrar as palavras necessárias para falar criticamente dos *Contos Vermelhos*. Estão tão perto da vida, são páginas tão fortes, tão cheias de singelo humanismo, de infinita dedicação à luta pela liberdade do povo português, que, sempre que os releio, me emocionam e me aparecem como transcrição exacta e apaixonada do que foi concretamente para cada comunista, cada clandestino, essa saga interminável e obscura, entre o perigo constante, a solidão e quantas vezes o cárcere, a tortura. Mas, se assim eu recebo e dolorosamente, euforicamente também, vibro a tal ponto com os *Contos Vermelhos*, é que, sem dúvida, em cada página, cada verbo, cada adjectivo, cada comparação ele pôs, talvez mais por instinto artístico do que por artifício (sabemos como a arte da palavra é consubstancial à literatura), ele pôs unidas, fundidas, a alma, quer dizer, toda a vibração do espírito e do corpo, e sobre tal o talento. Esse seu invulgar talento de narrador-poeta.

Manuel Gusmão

Escritos por Soeiro Pereira Gomes na clandestinidade, *Os Contos Vermelhos* narram experiências típicas ou exemplares da vida clandestina dos resistentes comunistas ao fascismo. Contam acções de personagens em situações excepcionais, porque a clandestinidade política é um estado de excepção, por um lado porque é violentamente imposta, por outro, porque aqueles que a ela se decidem, sempre minoritários, o fazem para acabar com a situação que a impõe. São histórias que figuram homens comuns, mas portadores de uma força; histórias sobre a sua experiência física e moral do medo. Medo de ser preso, medo de falhar, medo de ter medo, medo supersticioso dos fantasmas que vêm (em parte) da infância, medo da tortura e do sofrimento físico, medo de morrer, de perder a vida e os afectos que a tecem. Mas são também histórias sobre a força anímica, moral e política, que pode vencer esses medos. São assim, também, histórias de uma esperança. A daqueles a quem anima uma paixão histórica: a de uma luta pela liberdade que lhes aparece indissociavelmente ligada à luta por uma revolução. Há quem ache que se trata de uma esperança ingénua, equivocada, ou destinada a frustrar-se. Mas, reparem, talvez não seja muito difícil perceber que essa esperança é, nestes contos, um factor de dignidade individual e, ao mesmo tempo, algo que vem de se fazer parte de um colectivo, tão livremente escolhido que por ele se arrisca a dureza da vida clandestina e, no limite, o risco de morte. Este *fazer parte* significa a partilha de um conhecimento de como as coisas são e de ideais de transformação, de valores e de projectos de uma mudança do mundo e da vida. No primeiro conto, "Refúgio perdido", um revolucionário, perseguido e quase cercado, perde o seu refúgio e, por duas vezes mais, no mesmo dia, falha a sua instalação num novo quarto; falha também um encontro para passar os jornais clandestinos que deve distribuir.

Os Contos vermelhos

Quando quem dedica um conto também dedica a vida

Acaba por dormir ao relento, sem ter comido, e pensando que não faltará ao encontro de recurso (um segundo encontro já pré-marcado para o caso de falhar o primeiro). No segundo conto, "O pio dos mochos", alguém que, tendo estado preso, "falou", recebe dos seus camaradas uma oportunidade para se reintegrar no combate. Devendo deixar, no cemitério de uma povoação em luta e cercada pelas forças policiais, panfletos de apoio aos camponeses e alguns mantimentos, é assaltado pelos medos, mas, ajudado por aquele que lhe propôs a tarefa, acaba por cumpri-la e reencontrar uma espécie de alegria. No fundo, venceu uma prova. No terceiro conto, "Mais um herói, alguém que é preso parece preparar uma auto-justificação para a eventualidade de, sob a tortura, acabar por denunciar os seus. Entretanto, confrontado com um camarada seu que já cedeu e começou a "falar", opera-se nele uma convulsão ao mesmo tempo estranha e clara: um gesto de indignação e de rebeldia, que levará a que aquele seu companheiro recuse o que já disse, e faz com que ele próprio vá resistir à tortura. Podemos reparar que a ordem dos contos não segue linearmente a ordem da sua redacção (todos eles são datados), o que revela um gesto de composição que estabelece uma ordem crescente de intensidade. O último conto é aquele que mais próximo nos leva ao encontro com a brutalidade, o risco do desastre moral, da derrota política, da morte. A intensidade do que está em jogo temos que a imaginar. De certa forma, na literatura é tendencialmente sempre assim: a literatura é obra de imaginação, mas também no sentido em que solicita a imaginação de quem lê. Em cada conto, os protagonistas estão em grande medida, sós. É certo que há sempre, embora com funções diversas, uma outra personagem, um seu camarada que aparece; mas a força com que experimentam o medo, reagem e actuam, têm que a encontrar em si.

Entretanto, a essa relativa solidão chegam os ecos e os gestos de uma presença solidária: a de um partido que, golpeado pelas prisões e o assassinato, sobrevive pelas suas raízes sociais, pelos laços que o ligam àqueles que o fazem. Tais ecos chegam pelo encontro ou acção de um outro camarada, pela recordação da "voz" que fala nos jornais clandestinos, pela participação poética do narrador naquilo que conta. Reparem noutra coisa. O narrador parece frequentemente contar a partir do ponto de vista, do olhar, do pensamento da personagem. Logo a abrir o primeiro conto, o último período do primeiro parágrafo parece indirectamente integrar no discurso da narração o pensamento da personagem. Por outro lado, esse narrador ao dar-nos conta do que os protagonistas pensam, usa por vezes o discurso directo, mas também, e com significativa frequência, um processo que podemos designar como *discurso indirecto livre*: então, esses pensamentos relatados entre aspas, contêm entretanto modificações da pessoa e dos modos e tempos verbais que esperaríamos num discurso directo entre aspas. Um exemplo de discurso directo: "Não largarei a mala que os companheiros me confiaram". Um outro agora de discurso indirecto livre: "E se, enquanto saísse, a senhoria lhe vasculhasse a mala? Talvez não. Ela não tinha cara de bisbilhoteira. De qualquer modo, não podia demorar-se" (Estas frases, se em discurso directo, dariam qualquer coisa como: "E, se enquanto sair, a senhoria me vasculha a mala. Talvez não. Ela não tem cara de bisbilhoteira. De qualquer modo, não posso demorar-me"). Nestes textos, estes processos podem ser lidos, por exemplo, como sinais de uma intensa cumplicidade entre o narrador e os seus protagonistas. É que o narrador é um deles, partilha da sua "paixão", ou seja partilha da sua experiência apaixonada de uma vida que combate. É aliás relativamente claro que estes contos

participam da produção daquela "voz" de que acima falei. Sendo contos, eles fazem aquilo que contam. O que quero dizer é que o seu contar faz parte da "construção" daquele colectivo de humanos que fazem e sofrem as coisas que os contos contam. Contos de aventuras numa situação limite ou de crise, contos morais ou contos exemplares, porque contam experiências humanas em estado particularmente intenso ou concentrado, estas pequenas histórias são também elogios, homenagens ou dedicatórias sob forma narrativa. Quando foram, por várias vezes, publicadas clandestinamente, traziam já a dedicatória que abre a série dos três contos. Mas só depois do 25 de Abril passaram a poder aparecer com as dedicatórias que o seu autor atribuiu a cada conto. Estes contos podem também ser lidos como amplificações narrativas dessas dedicatórias. Aliás, e em sentido inverso, podemos verificar que os textos de várias das dedicatórias contêm já alusões ou micro-narrativas que remetem para a "grande narrativa" e a acção histórica de que estes contos participam. Talvez valha a pena reparar agora que os dois romances que Soeiro Pereira Gomes escreveu abriam com dedicatórias. *Esteiros*: "Para os filhos dos homens que nunca foram meninos, escrevi este livro"; *Engrenagem*: "Para os trabalhadores sem trabalho - rodas paradas - uma engrenagem caduca". Qualquer delas contém uma referência a um estado de coisas ("homens que nunca foram meninos"; "trabalhadores sem trabalho"); referência que implica um ponto de vista determinado, uma posição e uma avaliação ("rodas de uma engrenagem caduca"), que partem de um modo de olhar (ou de conhecer) que, ao mesmo tempo, projecta no presente a presença/ausência de um futuro de emancipação. Esse futuro

está já presente, como possibilidade real, quando se caracteriza a engrenagem como *caduca* (assim como na acção que Fariseu protagoniza e no panfleto que lê), e está ausente (por isso objecto de conquista), porque a *engrenagem* permanece e domina (sabemos que ainda hoje domina, mesmo na diferença das suas formas. Não é preciso construir uma estética normativa para legitimar literariamente os *Contos Vermelhos* de Soeiro Pereira Gomes. Eles autojustificam-se na sua comvente condição de gestos de alguém que ao dedicá-los também dedicava a (sua) vida. As suas dedicatórias são gestos político-ideológicos, é evidente, mas nisso, mesmo são gestos éticos, não o esqueçamos; gestos poéticos.

Já em semi-clandestinidade, doente, Soeiro visita os pais, no Porto. Ao seu lado uma irmã, Berenice



Biografia



Soeiro Pereira Gomes

Joaquim Soeiro Pereira Gomes nasceu em 1909 na aldeia de Gestação, concelho de Baião, no seio de uma família de pequenos agricultores do Douro. Aprendeu a ler com o pai no «Primeiro de Janeiro», ainda antes de entrar na escola primária. Mais tarde vai para a Escola Agrícola de Coimbra, onde tira o curso de regente.

Em 1930, assina um contrato com a Companhia da Catumbela e embarca para Angola. Em 1931, regressa a Portugal insatisfeito com a experiência, quer pelas condições de trabalho quer pelos rigores do clima.

Nesse ano casa com Manuela Câncio Reis, fixa residência em Alhandra e emprega-se no escritório da fábrica «Cimento Tejo». No final dos anos 30, Soeiro Pereira Gomes adere ao PCP, ingressa na célula da empresa e pouco depois integra o Comité Local de Alhandra, participando activamente na vasta acção cultural impulsionada pelo Partido em todo o Baixo Ribatejo, em articulação com o trabalho clandestino da organização. Pioneiro do movimento neo-realista cuja consolidação se acentua a partir de 1939,

Soeiro Pereira Gomes colabora nos jornais «Sol Nascente» e «O Diabo». Na sua casa juntam-se, entre outros, Alexandre Cabral, Sidónio Muralha e Alves Redol. Soeiro organizou ainda cursos de ginástica para os operários da «Cimento Tejo», ajudou a criar bibliotecas populares nas sociedades recreativas e deu corpo ao projecto de construção de uma piscina (a «charca») para o povo de Alhandra, onde se forjaria uma figura ímpar da natação portuguesa, o comunista Baptista Pereira (a personagem Ginêto dos «Esteiros»). Juntamente com Alves Redol e Dias Lourenço, promoveu e animou inúmeras excursões de fragata no Tejo, onde, a pretexto da confraternização, se aglutinavam intelectuais e se estabelecia o contacto político fora da vista do fascismo. A fragata e a bateira transformaram-se então em verdadeiras casas de apoio ao trabalho conspirativo, nas duras condições de luta clandestina.

Entre 1940 e 1942, Soeiro Pereira Gomes participa na reorganização do PCP e passa a fazer parte do Comité Regional do Ribatejo, que integrava Dias Lourenço e Carlos Pato. Em Novembro de 1941, é publicado «Esteiros» pela editora Síruius com ilustrações de Álvaro Cunhal, obra que foca aspectos fundamentais da transformação da sociedade portuguesa da época.

O ano de 1941 é também marcado pela passagem de um devastador ciclone, em cujas operações de salvamento Soeiro se empenhou intensamente.

Entretanto, o regime salazarista tudo fazia para impedir o conhecimento dos crimes do holocausto nazi: as tabernas, os cafés e outros lugares públicos estavam proibidos de ligar os aparelhos de rádio à BBC à hora das emissões em língua portuguesa. Por isso, Soeiro Pereira Gomes, residente numa pequena moradia de um só piso, abria a janela da sala em que tinha a telefonia para que muitos populares pudessem escutar disfarçadamente as informações de Londres sobre a evolução da II Guerra Mundial. Em 1944, Soeiro começa a escrever «Engrenagem», livro que não terá tempo de concluir, dado o rumo que a sua vida tomara a partir de então.

Nas greves de 8 e 9 de Maio desse ano, Soeiro encontrava-se no seio dos trabalhadores em luta, como membro do Comité Regional da Greve do Baixo Ribatejo. A Pide teve conhecimento prévio do movimento grevista e começa a preparar uma cilada a Soeiro. Este vence a situação, mergulhando na clandestinidade na tarde de 11 de Maio de 1944.

É-lhe então confiada a Direcção Regional do Alto Ribatejo, entretanto criada, e onde ainda hoje a sua influência é recordada no alargamento da organização do Partido. Acabada a II Guerra Mundial, o PCP realiza o seu IV Congresso na Lousã, em Julho de 1946, sendo Soeiro Pereira Gomes eleito para o Comité Central. Em Agosto elabora um «esboço sobre a maneira como utilizar as praças de jornas ou praças de trabalho no Movimento de Unidade Camponesa para o derrubamento do fascismo» e, pouco depois, é destacado para o Sector de Lisboa, onde se torna membro da Comissão Executiva do Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista (MUNAF), ao mesmo tempo que acompanha a actividade dos camaradas que actuavam no Movimento de Unidade Democrática (MUD).

Soeiro era elemento de ligação do Partido com o Conselho Nacional de Unidade Anti-Fascista quando adoece gravemente. Ainda participa no início da campanha presidencial de Norton de Matos em 1949, mas a doença progride minando-lhe a resistência física. Fallece a 5 de Dezembro de 1949.

mineiros em Agosto, e anunciam a verificar em Esmoriz, estando mais despedimentos, o mesmo se
SEGUE PÁG. = 2 =

MORREU JOAQUIM SOEIRO PEREIRA GOMES!

No passado dia 5 de Dezembro faleceu o membro do Comité Central do Partido Comunista e conhecido escritor revolucionário, Joaquim Soeiro Pereira Gomes, que nas fileiras do Partido usou os pseudónimos de Serrano, Silva e Vaz.

Soeiro Pereira Gomes além de escritor de vanguarda e autor dos romances «Esteiros» e «Companheiros», o primeiro contando já 3 edições, e o segundo ainda inédito, foi um militante destacado do Partido desde a reorganização de 1942, e ingressou nos seus quadros legais em 1944, após as greves de 8 e 9 de Maio, no Ribatejo, em que teve uma participação activa como quadro do Partido e como empregado da Cª. de Cimento Tejo.

O nosso querido camarada Soeiro Pereira Gomes morreu vítima de uma doença grave, que não pôde ser tratada a tempo, devido à vida clandestina e à perseguição feroz de que era alvo por parte da PIDE, que tinha mandado para as autoridades de todas as localidades do Ribatejo o seu retrato, e aí o procurava activamente. Sentindo bem os sofrimentos e a exploração de que é vítima a classe camponesa ribatejana, Pereira Gomes realizou junto do campesinato ribatejano

um intenso trabalho de organização e mobilização, que o destacaram como quadro do Partido e o tornaram querido das massas camponesas. Pereira Gomes foi também um defensor estremo da Unidade anti-fascista, e um dos obreiros das grandes jornadas de luta do nosso povo quando do movimento da candidatura do Sr. General Norton de Matos.

Com a morte prematura do nosso querido camarada VAZ, o Partido perdeu um dos seus quadros de direcção central, a classe operária um combatente de vanguarda, o povo português um seu defensor activo e abnegado, e a intelectualidade progressiva portuguesa, um dos seus valores mais representativos.

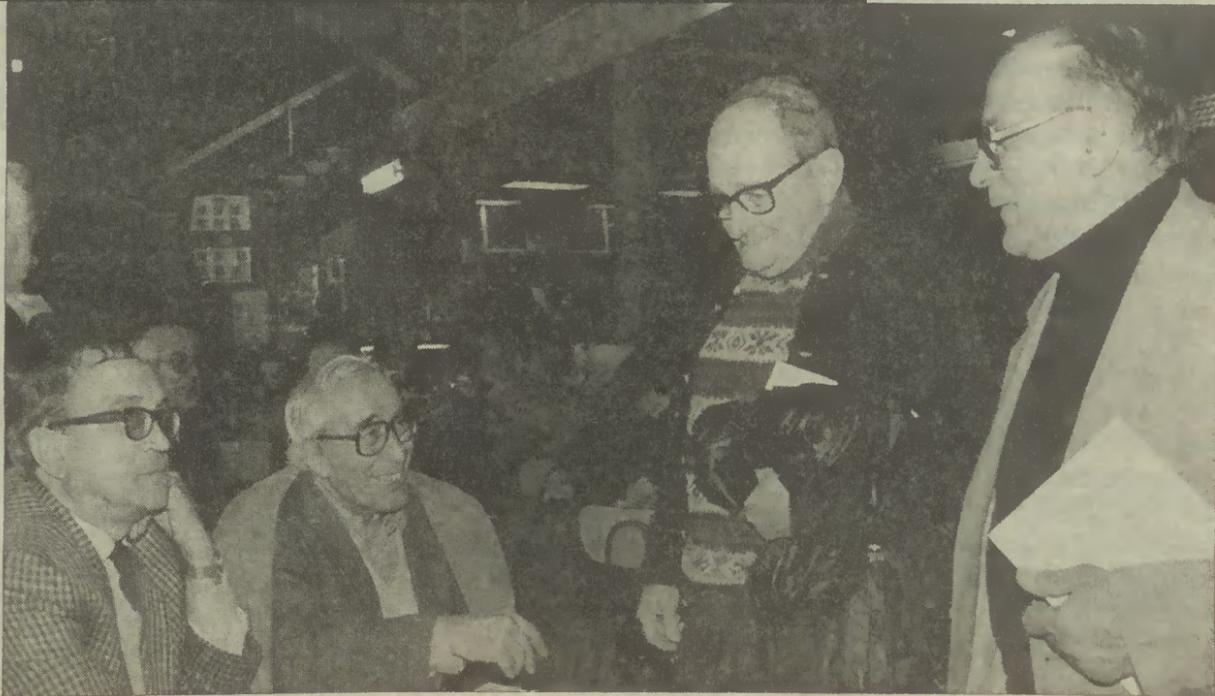
O nosso querido camarada Pereira Gomes foi um companheiro de luta que bem cedo tomou no caminho, sem ter conseguido ver realizada a sua grande ambição: o raiar sobre a terra portuguesa da alvorada da Paz, da Liberdade e da Democracia, por que tanto lutou. Outros seguirão os seus passos e prosseguirão na luta até à vitória final, prestando desta forma a mais justa e mais sentida homenagem ao seu grande coração e ao seu grande amor ao nosso povo.



Soeiro aos 19 anos, quando terminou o curso de regente agrícola



Da esquerda para a direita, Pinheiro Torres, Cardoso Pires, Mário Dionísio e Dias Lourenço na exposição sobre os 50 anos de «Esteiros», em Alhandra, a 1 de Dezembro de 1991



■ ALBANO NUNES

Membro
da Comissão Política

Capital e democracia

A pesar da evidência da regressão democrática que aí está - e que o PCP muito justamente considerou na Resolução Política do seu XV Congresso como uma característica básica fundamental do capitalismo na actualidade - nem por isso o imperialismo e seus plúmitivos cessam de invocar a "democracia" para justificar a sua política de ingerências nos assuntos internos dos povos e Estados soberanos. O exemplo de Cuba é paradigmático pela contumácia de quatro décadas, pelo cortejo das derrotas acumuladas pelos inimigos da revolução cubana, e pelo grotesco dos argumentos. Mas há muitos outros. Em geral eles evidenciam a mais cínica e desbragada hipocrisia só possível e (ainda) rentável porque suportada por colossais recursos mediáticos.

O caso da cavalcada da NATO, da União Europeia, do capitalismo para o Leste da Europa é bem elucidativo do modo como os senhores do capital entendem e se relacionam com o conceito de democracia: prioridade ao lucro, à destruição de tudo o que possa recordar o que de melhor existiu nesses países, ao afastamento de qualquer resistência à expansão imperialista. O imenso desastre que no Leste afundou as economias, atirou para o desemprego, a miséria e a marginalidade centenas de milhões de pessoas, colocou no poder o crime organizado, não parece impressioná-los. Nunca deixarão de ver em Vaclav Havel um "democrata" exemplar apesar da sua responsabilidade em leis que criminalizam gerações de comunistas e de ter formalmente declarado, perante a real possibilidade de o Partido Comunista da Boémia e Morávia vir a tornar-se o partido mais votado, não empossar um governo que viessem a formar. E acharão inteiramente normal que Clinton se tenha deslocado propositadamente à Bulgária para agradecer o apoio do respectivo governo de direita à guerra da NATO contra a Jugoslávia, "apesar da oposição da maioria da população". Como normal considerarão - a avaliar por notícias publicadas nos jornais portugueses - que a imprensa alemã tenha ignorado o discurso de Günther Grass, na cerimónia de atribuição do Prémio Nobel de Literatura 1999, porque esse escritor não se conforma com a realidade do seu país e explicitamente denuncia a anexação da RDA.

A expansão para o Leste da Europa do sistema capitalista é uma prioridade do grande capital alemão, europeu e norte-americano, a que ninguém tem o direito de se opor. Por isso a antiga Jugoslávia foi desmantelada e a nova Jugoslávia bombardeada, aliás com base em pretextos que estão cada vez mais desmistificados. Por isso prossegue a tentativa ilegal de separar o Kosovo da Sérvia (já devidamente depurado pela violenta expulsão de mais de 200 000 cidadãos kosovares de origem não albanesa) e torná-lo uma base avançada da NATO. Por isso continuam as tentativas para impor em Belgrado um regime títere. De tal modo que a própria União Europeia, hoje confortada com um "Sr. PESC", o "socialista" Javier Solana que comandou a agressão à Jugoslávia, não desdenha ocupar-se a alto nível dos detalhes táticos do seu plano para levar a "democracia" ao povo jugoslavo. "O Conselho decidiu, com o objectivo de promover mudanças democráticas na RFJ (República Federativa da Jugoslávia), intensificar cooperação com forças democráticas na RFJ, quando necessário trilateralmente com os EUA, incluindo a nível internacional e na forma de "task forces" ou outros mecanismos consultivos. A cooperação com as forças democráticas deve focalizar-se na assistência imediata, apoio à democracia na RFJ e planeamento da era pós-Milosevic" (de uma resolução do Conselho de Assuntos Gerais da U.E. de 6/7.12.99). É espantoso onde pode chegar o fervor "democrático" do imperialismo!

Se dúvidas pudesse ainda haver quanto à absoluta prioridade que o capital dá aos interesses de classe sobre os valores da democracia - incluindo da democracia política, com o seu valor intrínseco - aí temos a decisão do Conselho Europeu de Helsínquia de admitir a Turquia como candidata oficial à adesão à União Europeia. Genocídio no Curdistão, rapto e condenação à morte de Oçalan, prisão de Leyla Zana, de

Cimeira da OSCE em Istambul, ter assinado um acordo com os EUA para a construção de um novo oleoduto em alternativa ao que passa pela Rússia!

Numa evidente encenação, o "Sr. PESC" foi a Ancara buscar o Primeiro-Ministro Bulen Ecevit, a tempo de poder figurar na foto de família dos contemplados com o alargamento, e de poder declarar para os microfones que lhe puseram à frente: "Inevitavelmente as fronteiras da Europa vão estender-se mais a Leste, ao Cáucaso, ao Azerbaijão e finalmente à Ásia Central e ao resto da Ásia". Nem mais nem menos. Assim mesmo, segundo o *Público* de 12.12.99. Que enormidades se dizem para defender um sistema que, considerando-se superior e terminal, se arroga o direito de dar ao mundo lições de "democracia" e de intervir por toda a parte para impor a "democracia". A tiro de canhão se necessário. A acelerada militarização da União Europeia que deu agora em Helsínquia um novo e grande passo em direcção à "Europa da defesa" e à criação de um "exército europeu", tem obviamente objectivos "democráticos".

Democracia e soberania nacional são, em certo sentido, duas faces da mesma moeda. Uma não pode existir sem a outra. O pretenso "direito de ingerência", que o imperialismo pretende ver juridicamente consagrado, é afinal um instrumento do imperialismo, do colonialismo e do neocolonialismo, e como tal deve ser energeticamente rejeitado pelas forças de esquerda e progressistas, mesmo quando apareça disfarçado com as roupagens do mais entranhado respeito pelo "indivíduo" e pela "pessoa humana". Quando Guterres, no encontro de Florença em que pontificou Clinton, se congratula com o "crescimento do direito da pessoa humana perante o direito de soberania nacional", está afinal a levar água ao moinho da reacção.

outros deputados curdos e milhares de outros cidadãos, ocupação da parte norte de Chipre... tudo isso passou para segundo plano. Ou não fora a Turquia já membro da NATO, não tivesse uma aliança militar estratégica com Israel contra o mundo árabe, não participasse activamente no processo de desestabilização do Cáucaso e na guerra pelos recursos petrolíferos do Cáspio, ao ponto de, durante a

De facto o "direito de ingerência" - como o de "bom governo", "governabilidade" e outros - é um conceito/pilar de uma "nova ordem" institucional e jurídica que, a concretizar-se, colocaria fora de lei a própria democracia, o direito de cada povo a escolher e construir o seu próprio modo de viver. A luta pela transformação anticapitalista da sociedade ficaria proibida nesta "nova ordem". Para serem tolerados pelo sistema, os partidos comunistas e revolucionários teriam de deixar de o ser. Os comunistas portugueses deveriam abandonar o seu projecto de sociedade socialista e comunista para Portugal e abdicar do seu próprio Programa de uma Democracia Avançada.

A democracia está a ser duramente golpeada pelo avanço do processo de mundialização capitalista. A democracia política, já reduzida a quase nada na sua dimensão participativa, tende a tornar-se meramente simbólica e formal na sua dimensão representativa. A vontade popular é desfigurada por eleições condicionadas pelo imenso poder do dinheiro e a manipulação dos "media". As instâncias eleitas são crescentemente esvaziadas de capacidade de decisão e poder. As grandes opções de desenvolvimento e de configuração da sociedade são transferidas para entidades supranacionais não eleitas, fora do controlo democrático e popular. O poder económico não só comanda o poder político, como tende a confundir-se e a fundir-se com ele. Uma tal evolução está nos antípodas da concepção de democracia que preconizamos e confirmamos, agora no plano internacional, uma tese central do PCP em relação à revolução portuguesa: a de que a defesa e aprofundamento da democracia é inseparável do combate antimonopolista e anti-imperialista.

A democracia, ou é cada vez mais e simultaneamente económica, social e cultural (além de política, obviamente) ou não será verdadeiramente.

O que implica a crítica, teórica e prática, do sistema de relações socio-económicas dominantes (a começar pelo regime de propriedade e as relações de exploração) e da superestrutura política, jurídica, cultural, moral que se ergue sobre aquela base material e existe precisamente para a conservar e reproduzir. O que coloca a questão do Estado e da sua natureza de classe, dos interesses que objectivamente defende, da orientação das suas políticas. O que aponta para profundas transformações socio-económicas que, para serem efectivamente democráticas, ao serviço dos interesses e aspirações das grandes maiorias, geralmente despossadas e deserdadas, serão necessariamente antimonopolistas e anti-imperialistas. Ou seja, dirigidas contra os grandes grupos económicos e financeiros que se apropriaram das conquistas da revolução científico-técnica, controlam os "media" e os principais centros (Universidades, Fundações, Institutos...) de produção e reprodução ideológica, concentram patrimónios e capitais, dominam os fluxos financeiros e comerciais do mundo. E contra um sistema de poder mundial em processo de formação (G-7, OCDE, FMI, BM, OMC, NATO, etc.) com pretensões ao papel de "governo global" e "gendarme planetário".

Neste sentido, acções como as realizadas em Seattle e um pouco por todo o mundo aquando da recente reunião ministerial da OMC, têm particular significado. Elas indicam e confirmam todo um caminho a percorrer de cooperação e acção comum no plano internacional conjugada com a luta no marco nacional. Evidenciam também o estreitamento da base social de apoio do capitalismo na sua forma actual e as amplas perspectivas abertas à acção das forças sociais e políticas que se opõem ao neoliberalismo e ao próprio capitalismo. São bons sinais para o século que aí vem.



Estratégia dos EUA reactualiza perigo de uma guerra nuclear

Os grandes *media* internacionais quase ignoraram o incidente. Um míssil experimental lançado de uma ilha do norte da Noruega foi por erro técnico identificado pelo dispositivo de segurança da Rússia, no Ártico, como míssil balístico estratégico «multi stage», disparado de um submarino e armado com ogivas.

A resposta com ogivas nucleares russas foi suspensa no último instante, quando só faltava o «sim» vindo da *maleta* de Ieltsin.

As agências noticiosas dedicaram escassas linhas ao episódio. Pouca gente no mundo tomou conhecimento do que se passara. Aquilo mereceu na altura menos atenção do que um beijo da princesa Diana.

Aconteceu em 1995, numa fase em que as relações entre os EUA e o governo russo atravessavam uma fase de lua de mel.

Desde então houve grandes mudanças na estratégia norte-americana e as relações entre Washington e Moscovo tornaram-se extremamente complexas e contraditórias.

Invocando pretensas ameaças à sua segurança, os EUA lançaram-se na maior corrida armamentista da sua história. Concebem e produzem novas ogivas nucleares e armas convencionais de alta tecnologia assim como sofisticados sistemas antimísseis de custo fabuloso.

humanidade para uma situação que, segundo alguns cientistas e observadores, é a mais perigosa desde a Segunda Guerra Mundial, uma situação na qual o uso efectivo de armas de destruição maciça assume perspectivas ameaçadoras.

Nem nos piores períodos da guerra fria os EUA investiram tanto dinheiro em armamentos e «sistemas de defesa». No ano 2000 o orçamento de Defesa prevê um aumento de gastos militares da ordem de 16 mil milhões de dólares. O total estimado para o ano é de 289 mil milhões, devendo ultrapassar 331 mil milhões em 2005. (2)

Enquanto aplica sanções a países que promovem experiências nucleares, Washington retoma, com descaramento, as suas. No momento está em curso um projecto para realização de «experiências nucleares virtuais» (que utiliza uma nova geração de supercomputadores) e de reacções nucleares em laboratório. O argumento oficial para justificar essas iniciativas é o de que elas são indispensáveis para a manutenção da operacionalidade e segurança do arsenal nuclear norte-americano. Na realidade trata-se de «desenhar» novas ogivas, que visam substituir as do sistema Trident. Somente esse pro-

Foi no decurso de um seminário internacional promovido pelo Movimento Cubano para a Paz e a Soberania dos Povos.

Quando o físico nuclear italiano Angelo Baracca principiou a falar, poucos o escutavam com atenção. Era a última intervenção, no final dos trabalhos, e todos estavam fatigados. Tais coisas disse, entretanto, que, ao terminar, o plenário saudou-o com a maior ovação do dia. Da sua intervenção retirei muitas das informações que se seguem.

Baracca começou por trazer ao debate uma realidade pouco lembrada. Washington persiste no seu objectivo de reduzir a Rússia à condição de país subdesenvolvido e faz o possível para a tornar inofensiva militarmente. É um jogo altamente perigoso.

Os EUA, contrariando o espírito de declarações apaziguadoras sobre a «nova amizade russo-americana», mantém o seu arsenal estratégico em estado de permanente alerta com as ogivas apontadas para «alvos inimigos» em território russo. Nunca, é útil recordar, renunciaram ao direito do «first use», isto é, de dispararem o primeiro míssil nuclear.

Em Novembro de 98, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha, Joschka Fischer, propôs timidamente que os EUA (e a NATO) renunciassem à doutrina do «first use». Logo o secretário da Defesa de Clinton, William Cohen, o admoestrou friamente, declarando que o «first use» constitui «parte integrante do nosso conceito estratégico e pensamos por isso que deve permanecer exactamente como está». (4)

O novo conceito estratégico da NATO, aprovado em Abril p.p., confirmou, aliás, no essencial, a doutrina nuclear do Pentágono, segundo a qual as armas estratégicas ofensivas são «a suprema garantia da segurança dos aliados».

Cientes de que a Rússia (e a China) não tem actualmente possibilidades de os acompanhar na corrida a novas armas, os EUA esforçam-se por desenvolver armamentos convencionais de alta tecnologia, argumentando que tal opção representa

um serviço à humanidade e à paz, pois as tais armas tornarão progressivamente obsoletas e superfluas as nucleares. E porquê?

Segundo Washington, as novas armas convencionais permitem golpear os objectivos estratégicos do inimigo com muito maior precisão do que as ogivas nucleares, com a vantagem de serem «limpas».

A tese da precisão e eficácia cirúrgicas de tais armas, submetida, entretanto, à prova na agressão à Jugoslávia ficou reprovada no sangrento exame.

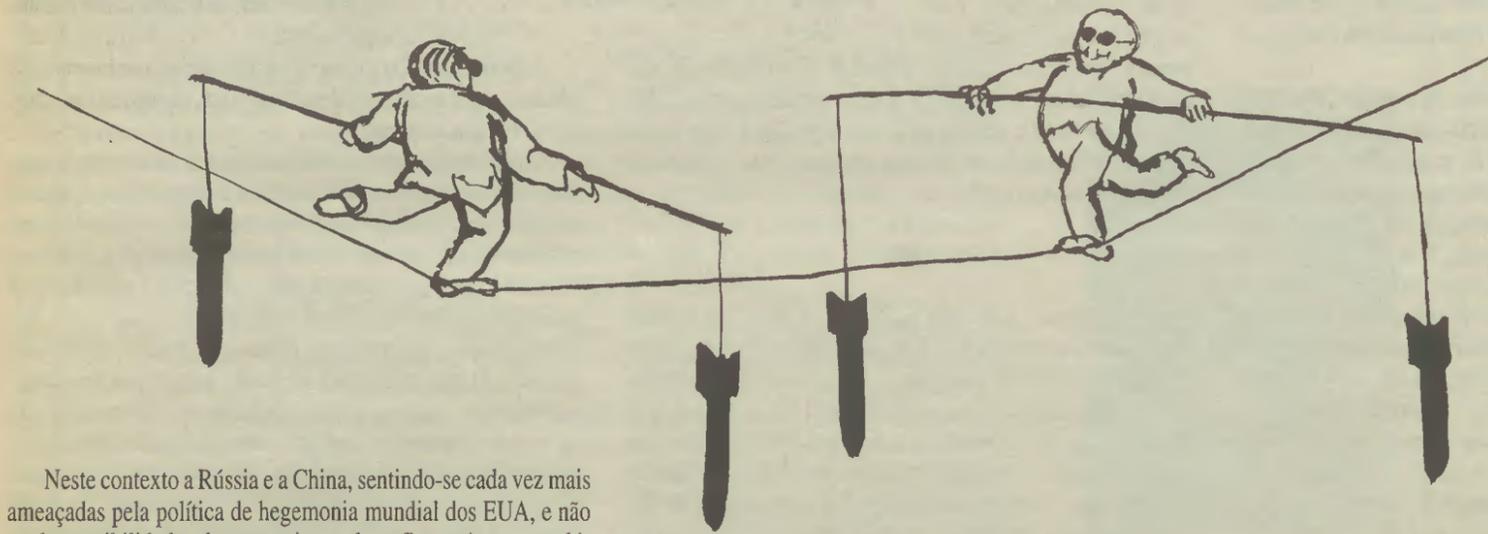
A estratégia paranóica daqueles que nos EUA exercem o poder político invisível teria, inevitavelmente, de desencadear reacções defensivas em países que por ela se sentem ameaçados.

A própria CIA adverte que no ano 2015 dezenas de países estarão em condições de lançar mísseis balísticos. A corrida às armas nucleares acentua-se, portanto, naqueles que, possuindo-as, não estão em condições de produzir armamentos convencionais de altíssima tecnologia.

Isso é já uma realidade no Irão, no Paquistão, na Coreia do Norte, na Rússia e na China. Com regularidade, a CIA, activíssima na espionagem, informa que tipos de mísseis e ogivas estão a ser produzidos aqui e ali no vasto mundo exterior ao império americano. Segundo a Agência de Langley, a China, que deve possuir já a bomba de neutrões, ensaiou o míssil DF-31, de combustível sólido com alcance de 8000 quilómetros, e prepara o Dong-Feng 41, capaz de atingir alvos estratégicos a 12 000 km, nos EUA (5).

A Rússia moderniza os seus mísseis Cruise Kh-55 e Kh-22 e aperfeiçoa o Topol-M, transportador de ogivas múltiplas, e concebido para ultrapassar o muro das defesas americanas antimísseis.

Obviamente, os relatórios da CIA são utilizados na justificação da escalada do Pentágono. A estratégia planetária norte-



Neste contexto a Rússia e a China, sentindo-se cada vez mais ameaçadas pela política de hegemonia mundial dos EUA, e não tendo possibilidades de competir no plano financeiro e tecnológico, começam a encarar o recurso às armas nucleares como uma forma de «sobrevivência».

Uma perigosa e mal conhecida forma de loucura instala-se assim no planeta. A entrada no novo milénio coincide com a ressurreição da ameaça do holocausto nuclear.

A responsabilidade pela situação criada cabe aos EUA. O sistema de poder que dirige aquele país elaborou uma doutrina que visa a supremacia absoluta e perpétua sobre a totalidade do planeta. Para defender aquilo a que chama os interesses vitais dos EUA e impor a vontade imperial, Washington afirma publicamente a sua disposição para intervir militarmente em qualquer parte do mundo onde e quando o julgue necessário.

A guerra de agressão contra a Jugoslávia foi uma advertência. A revisão do conceito estratégico da NATO é esclarecedora da transformação desta em instrumento militar e político dessa estratégia e também de um protectorado de novo tipo que a Europa aceita, contrariada, mas passiva (1).

Os países do Terceiro Mundo que não se submetem à vontade imperial são, ao entrarem em choque com os EUA, designados como «estados bandidos» e emergem como alvos potenciais de agressões armadas. A inscrição na lista negra depende de múltiplos factores, entre os quais prevalece a ambição. Mas, em princípio, qualquer país não desenvolvido que recuse ostensivamente o modelo imposto pela globalização neoliberal e insista em seguir um caminho próprio corre o risco de ser incluído entre «os Estados bandidos ou terroristas».

A ameaça de agressão aparece cada vez mais inseparável da paranóia política do sistema de poder norte-americano. A vítima escolhida é apresentada ao povo dos EUA como perigoso agressor potencial.

Formou-se gradualmente um círculo vicioso que empurra a

jecto absorverá 4500 milhões de dólares (mais do que o Projecto Apollo). Outro projecto prevê para 2003 a realização da chamada «National Ignition Facility». Nesta, 192 lasers simularão o calor produzido por uma mega-exploração termoneuclear. Em claro desafio à letra e espírito de compromissos internacionais, serão iniciadas em breve em Nevada e Los Alamos (ou já o foram) experiências nucleares subterráneas (definidas como subcríticas) com plutónio.

A preocupação suscitada por tais experiências e pela política a elas subjacente é tamanha que um jornal tão fiel ao *establishment* como o *Washington Post* as definiu em editorial como «uma receita para o desastre» (3).

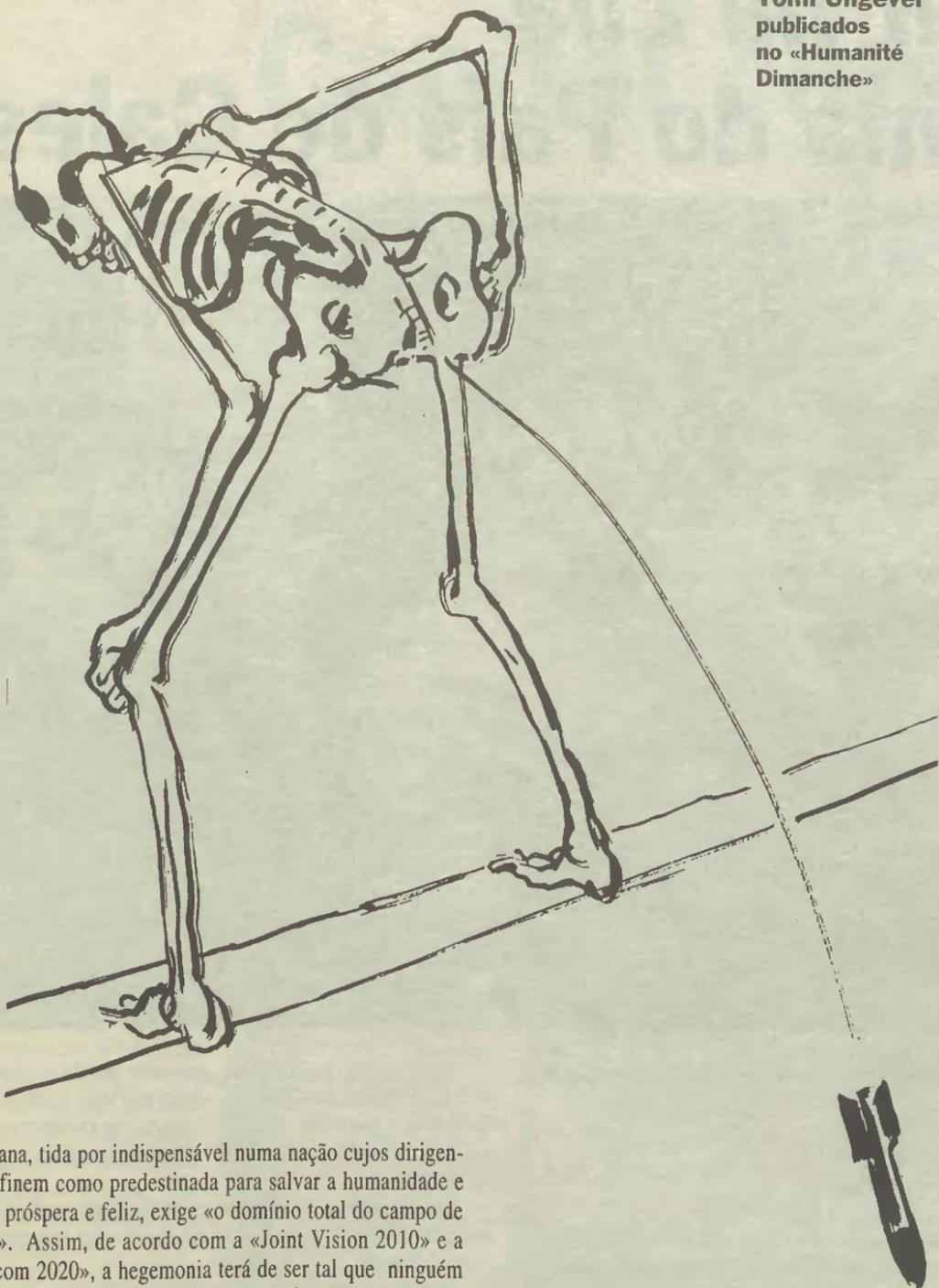
Ogivas em alerta permanente e armas convencionais no espaço

A tradicional relutância dos intelectuais pelos aspectos tecnológicos da problemática nuclear explica, parcialmente, a ausência de tomadas de posição claras e frequentes sobre as novas ameaças que se adensam sobre a humanidade. Simultaneamente, os grandes órgãos de comunicação social, directa ou indirectamente controlados pela engrenagem neoliberal, não estão minimamente empenhados em informar a opinião pública sobre os perigos da escalada militar norte-americana.

Nas últimas semanas tive a oportunidade de assistir em Havana a interessantes conferências sobre o tema, pronunciadas por especialistas. Uma delas impressionou-me particularmente.

EM FOCO

Desenhos de Tomi Ungerer publicados no «Humanité Dimanche»



-americana, tida por indispensável numa nação cujos dirigentes a definem como predestinada para salvar a humanidade e torná-la próspera e feliz, exige «o domínio total do campo de batalha». Assim, de acordo com a «Joint Vision 2010» e a «Spacecom 2020», a hegemonia terá de ser tal que ninguém ousará desafiá-la. O domínio da Terra seria garantido por um sistema digitalizado integrado por satélites de espionagem, alarme e comando-controlo e por defesas missilísticas e de armas convencionais instaladas no espaço. Esse sistema, similar a coisas que temos contemplado nos filmes da Guerra das Estrelas, poderia golpear o «inimigo», em dois ou três minutos, quando os actuais mísseis balísticos estratégicos necessitam de vinte ou trinta para atingir objectivos distantes.

Angelo Baracca, ao denunciar a paranóia bélica norte-americana, sublinha com carradas de razão, que, ao alarmar povos que por ela se sentem ameaçados, aumenta enormemente os perigos de um holocausto. «As novas armas convencionais - afirma - destroem qualquer estabilidade estratégica precedente». Acoitados, alguns países tentam «reequilibrar a situação confiando em armas de destruição maciça de tecnologia menos avançada, potenciando o dissuasor nuclear e prevendo o recurso a qualquer meio militar: desde armas químicas e bacteriológicas até à guerra ecológica, a guerrilha e o terrorismo».

Outro grave factor de desestabilização é o velho sonho norte-americano do escudo espacial, a barreira antimíssil que tornaria os EUA «invulneráveis», porque interceptaria e destruiria todos os mísseis lançados pelo inimigo antes de poderem atingir os alvos. O Tratado ABM (Anti Ballistic Missile Treaty) de 1972 proíbe a montagem desse sistema defensivo porque o equilíbrio então existente previa a vulnerabilidade do inimigo.

A Rússia, colocada contra a parede, encara com pavor a ameaça do escudo espacial norte-americano que a tornaria impotente na eventualidade de uma agressão dos EUA. O seu já minguado e quase obsoleto arsenal estratégico ficaria inofensivo.

As afirmações de Washington de que o escudo espacial teria por função única interceptar mísseis vindos do Irão ou da Coreia do Norte, ou de outros «Estados bandidos» não convenceram os estados-maiores russos. Moscovo chegou à conclusão de que a ruptura por Washington do tratado ABM seria o fim de qualquer negociação START sobre mísseis estratégicos

Desespero russo

Em Moscovo, Ieltsin tem feito o possível para acalmar tensões. Mas não consegue mais conter o protesto dos secto-

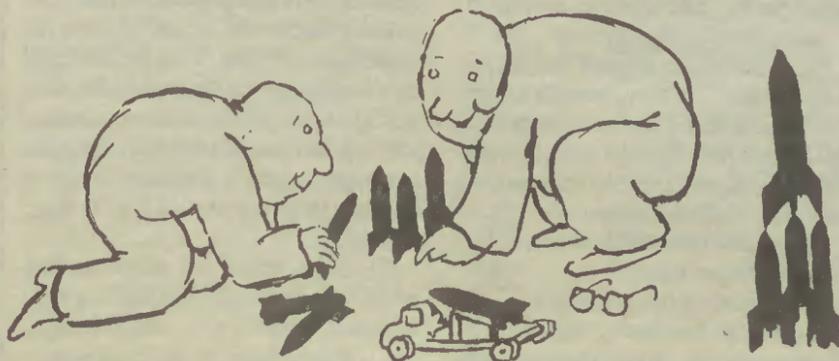
res das Forças Armadas que reagem com indignação às humilhações infligidas pelos EUA ao país e exigem uma política de resposta firme à agressiva estratégia de Washington.

No corpo de oficiais cresce o número dos que têm consciência da necessidade de uma política patriótica que corresponda à tradição nacional. A Rússia continua a ser o maior país do mundo e apesar de arruinada pela mafia que se instalou no Kremlin dispõe de enormes recursos naturais e humanos. Cedo ou tarde voltará a ser uma grande potência com influência decisiva no rumo da humanidade.

A pretensão norte-americana de integrar na NATO as repúblicas bálticas foi a gota de água que no Exército fez transbordar a panela da indignação reprimida.

O ministro dos Estrangeiros Ivanov, que está muito longe de ser um radical, viu-se obrigado a advertir Washington de que Moscovo se opõe intransigentemente a um novo avanço para leste da NATO e tomará medidas adequadas para impedir a concretização do projecto. Simultaneamente informou que os efectivos das Forças Armadas russas na Europa, reduzidos no âmbito do CFE (Convencional Forces in Europe), podem ser aumentados.

O ministro da Defesa, Sergueyev, já havia tornado público que a doutrina militar russa fora revista. Um porta-voz do Ministério acrescentou que se os EUA levarem adiante o sistema antimísseis, «a Rússia ver-se-á forçada a aperfeiçoar as suas forças nucleares estratégicas e tomar outras medidas assimétricas orientadas para a melhoria da sua própria segurança nacional nas novas condições militares estratégicas». (1)



■ Miguel Urbano Rodrigues

O ministro da Energia atómica, Lev Ryabov, confessou que a produção de ogivas nucleares é presentemente um décimo da registada na última fase de existência da URSS, pelo que será necessário rever a produção de armamentos.

As primeiras medidas concretas já foram tomadas. Na opinião da Duma, o rearmamento constitui hoje a principal prioridade do país, precedendo o problema da dívida externa. Está previsto um aumento de 50% nas verbas atribuídas à Defesa. O novo Conceito de Segurança Nacional tornado público a 5 de Outubro p.p. prevê um rearmamento escalonado por dez anos, o que fará os gastos militares subirem de 2,5% para 6,5% do PIB.

Como era de esperar Washington reagiu imediatamente. A pressão maior é, porém indirecta, sendo exercida através de uma manobra de chantagem do FMI.

Muito mais alarmante é o texto do projecto da Nova Doutrina Militar Russa, elaborado sob a responsabilidade do ministro da Defesa e defendido por este perante o Conselho de Segurança Nacional. Às Forças Armadas é atribuído um papel diferente, resultante da introdução inesperada do conceito do «first use». O preâmbulo proclama o espírito defensivo da doutrina, mas, assumindo uma postura fortemente crítica da agressiva estratégia unipolar dos EUA, sublinha que «a Federação Russa considera que o progresso social, a estabilidade e a segurança internacionais podem ser garantidos no contexto de um mundo multipolar». Reconhecendo a actual debilidade russa no campo das armas convencionais, informa que «a Federação Russa se reserva o direito de usar armas nucleares em resposta ao uso de armas nucleares ou de outras armas de destruição maciça contra ela e os seus aliados, em resposta a uma agressão em larga escala com armas convencionais em situações críticas para a sua segurança nacional». (2)

Finalmente, naquilo que foi interpretado como advertência solene aos EUA, o ministro afirmou enfaticamente que Moscovo não exclui a possibilidade de uma guerra nuclear.

Seria ingénuo concluir que se tratou de uma bravata. O ministro Sergueyev falou pelas Forças Armadas, expressou o seu sentimento. Daí o alarme que as suas palavras provocaram em Washington.

A paranóia americana, que lembra - repito mais uma vez - a do III Reich, está a empurrar o mundo para a beira do abismo.

É preciso, urgentemente, tomar consciência dessa assustadora ameaça.

O que se passou no Kosovo não foi suficiente para abrir os olhos às grandes massas, não mobilizou ainda as forças democráticas e progressistas para uma luta necessária, difícil, tenaz, de longa duração contra o sistema de poder cuja estratégia, se não for contida, pode conduzir ao holocausto.

Nos Balcãs impende já um perigo medonho sobre as futuras gerações. As quantidades de substâncias químicas altamente tóxicas, liberadas pelo bombardeamento da fábrica de Pancevo podem, por si só, gerar, além de múltiplas variedades de cancro, mutações genéticas de consequências imprevisíveis. A contaminação do Danúbio é uma tragédia ecológica que vai afectar por tempo indeterminado a vida no grande rio e nas suas margens até ao Mar Negro. Transcorrerão anos antes que se possa ter o quadro definitivo dos efeitos devastadores para a saúde das bombas de grafite.

O silêncio de um sistema mediático perverso, controlado pelos sacerdotes da globalização imperial, não consegue esconder o panorama assustador que a humanidade contempla, cada vez mais angustiada, na viragem do milénio. Os jogos de guerra que acompanhamos no cinema podem, de repente, desembocar num conflito apocalíptico. Mas nada está decidido. A humanidade dispõe de saber, forças e lucidez para evitar a catástrofe. Talvez nunca o desafio às esquerdas responsáveis tenha sido tão universal e decisivo.

(1) Ver «Avante», 21.11.99

(2) Numeros citados por Angelo Baracca, em Havana, 26.11.99

(3) «Washington Post», 25.5.99

(4) «New York Herald Tribune», 24.11.98

(5) Associated Press, 21.5.99

(6) «Nuclear News», 28.7.99

(7) Russia Weekly-69, Center for Defense Information, Washington, 31.8.99

EM FOCO

■ Pina
Gonçalves

Caminhar na Lua numa mina do País de Gales

Uma experiência protagonizada por mineiros galeses de que tomei conhecimento há pouco tempo prendeu a minha atenção, não tanto pela originalidade, já que outros tentaram sem êxito em séculos anteriores as suas «cidades ideais», mas pelo exemplo de tenacidade, capacidade de resistência e ousadia para desafiar o destino neste momento historicamente muito difícil para os trabalhadores de todo o mundo.

Também não pude deixar de me preocupar com a hipótese de tentação pela «terceira via» de Blair, ou pelo «capitalismo popular» (desafio o leitor a descobrir as diferenças), para que esta experiência pode vir a tender.

Mas, vamos à nossa história.

Os acontecimentos ocorreram na localidade de Tower Colliery, onde existe uma das últimas minas de profundidade do País de Gales, e a história começa entre 1972 e 1974 com a longa greve dos mineiros britânicos durante a vigência do governo conservador de Edward Heath.

Nessa altura o abastecimento de energia da Grã-Bretanha provinha ainda em 80% do carvão doméstico, o que garantia um significativo poder reivindicativo aos mineiros, organizados no NUM, sindicato nacional dos mineiros.

Quando a Sra. Thatcher chega ao poder, em 1979, traz uma ideia de vingança contra os mineiros (que durante a 2.ª Guerra Mundial foram a espinha dorsal do abastecimento energético para o esforço de guerra da indústria britânica), mas sobretudo traz na carteira compromissos políticos e económicos com os grandes interesses dos patrões da indústria nuclear e do gás, iniciando de imediato um processo de redução da indústria mineira, substituindo-a pelo gás, mesmo a um preço superior ao carvão em 30%, e pelo nuclear, apesar dos seus enormes custos ecológicos e financeiros.

Os mineiros dão luta, e entre 1984 e 1985 realizam uma longa greve. Mas até 1990 o encerramento e privatização de minas da empresa nacional do carvão reduz os postos de trabalho de 181 000 para 65 000.

Esta política é continuada pelo Sr. Major, e Michael Heseltine, ministro da Indústria, anuncia o encerramento de 31 das últimas 50 minas e mais 30 000 mineiros são lançados no desemprego de um só golpe.

A nossa mina, Tower Colliery, foi também atingida bem no coração de Cynon Valley, no sul do País de Gales, uma bolsa de resistência activa às políticas thatcherianas.

Os mineiros desta localidade mobilizam-se. Marcham para Londres protestando contra o encerramento dos seus poços. As mulheres têm um papel extremamente activo na luta, juntando-se ombro a ombro aos seus maridos, filhos, pais e irmãos.

Toda a localidade apoia os «seus mineiros», organizando colectas para eles, já que os fundos sindicais foram bloqueados pelo governo argumentando que a acção dos sindicatos era ilegal.

Aliás, o governo da Sra. Thatcher, para combater os sindicatos, obteve do parlamento o voto necessário para aplicar múltiplas cláusulas restritivas do direito à greve e aos direitos sindicais em geral, ilegalizando acções como a ocupação do local de trabalho durante a greve, e permitindo a transposição dos piquetes de greve em caso de lock out, e, cúmulo dos



Back the
MINERS



cúmulos, impedindo a realização de greves de solidariedade, inclusive no mesmo sector de actividade.

Resgatar a mina

A divisa, como sempre, foi dividir para reinar, e em Abril de 1994 os conservadores «ofereceram» 9000 libras a cada mineiro de Tower Colliery que aceitasse o encerramento dos poços, «oferta» que com outras indemnizações adicionais atingiu a soma de 18 000 libras por trabalhador. Só havia uma condição: tinham dois dias para se decidir.

As dívidas acumuladas, as enormes carências sofridas pelas famílias, a vivência de situações dramáticas e o desespero tornaram a soma aliciante.

A organização sindical local dos mineiros dirigida por Tyrone O'Sullivan tenta mobilizar os camaradas contra essa oferta envenenada, mas somente 30 mineiros aderem. O encerramento da mina é assinado em 19 de Abril de 1994.

Não aceitando este desfecho como uma fatalidade, o grupo mais irredutível de mineiros reúne-se num pub local, e tem a ideia de comprar a «sua mina». Mas, para a concretizar, era preciso convencer os restantes camaradas a investir metade de todas as suas indemnizações.

De início aderem 180 mineiros, alguns dias depois serão já 239. Em apenas alguns dias conseguiram juntar uma soma apreciável na «caixa comunal».

Os passos seguintes consistiram em encomendar um estudo a especialistas, efectuar a compra da mina e iniciar a produção, que passou de 440 000 toneladas em 1995 para 600 000 em 1998.

Com exportações garantidas para a França, Bélgica e Irlanda, dos iniciais 239 assalariados passou-se para mais de 400, contrariando aqueles que diziam, em nome do progresso, que a indústria mineira estava condenada.

Para limitar os riscos de especulação e para limitar a influência do exterior, o «colectivo do resgate», como se designam a si próprios estes mineiros, decidiram que as acções só podem ser vendidas aos assalariados da mina.

Tyrone O'Sullivan refuta que esta SARL, constituída por trabalhadores-accionistas, seja a concretização do «capitalismo popular» thatcheriano, e contrapõe: «Nós demonstrámos apenas que os trabalhadores são melhores a gerir a sua mina do que a empresa nacional do passado e do que os capitalistas de hoje. A nossa experiência devia fazer escola.»

Nestes últimos anos a mina de Tower Colliery investiu no melhoramento das condições de trabalho, que são superiores a qualquer das minas privatizadas da região, e participa em inúmeras actividades municipais e regionais, desde a banda de música da terra à equipa de rúgbi, da escola equestre para deficientes aos orfanatos.

Os desafios, no entanto, são enormes, e a possibilidade de o projecto, isolado na sociedade britânica, se desvirtuar, espreita constantemente nas consciências de cada um dos seus participantes. Por essa razão talvez, mesmo em autogestão, estes mineiros não abdicam da sua organização sindical e, conhecedores da sua história, sabem que os mineiros nunca alcançaram melhores condições de trabalho e de vida sem luta e sem organização capaz de dirigir.

De momento Tyrone O'Sullivan considera-se um «caminhante sobre a lua» e projecta já o investimento necessário ao aumento da extensão da mina, sem deixar de ir dizendo, reflectindo, com a bonomia que lhe é característica: «Os que estão em cima têm sempre tendência a açambarcar poderes e privilégios. É o que mostram todas as revoluções. Os de baixo devem portanto exercer um controlo sobre os dirigentes». Obriga-se por isso a descer aos poços uma ou duas vezes por semana, como parte da sua tarefa de direcção da mina, para se juntar aos que «estão em baixo», e afirma convicto: «Nada substitui a camaradagem dos homens no trabalho, é aí que nós discutimos melhor, de igual para igual. Alguns nunca me viriam falar ao escritório, apesar de a porta estar sempre aberta. É muito melhor que eu vá junto deles...»

Os outros trabalhadores britânicos continuam a lutar por uma verdadeira alternativa que viabilize e incentive a sua «caminhada sobre a Lua».

Por mim, desejo com sinceridade os melhores êxitos à comunidade de Tower Colliery e aos seus mineiros.

União Europeia

Cimeira sobre o emprego

«...vamos ter cuidado com promessas assinadas em papel molhado...»

No mês de Março de 2000 realiza-se, sob a presidência portuguesa da União Europeia, uma cimeira extraordinária sobre o emprego.

O CES - Congresso Europeu de Sindicatos - divulgou uma nota à imprensa após uma reunião com o Primeiro-Ministro português, António Guterres, em 12 de Novembro último.

Dessa reunião, o CES realçou que Portugal dará relevo à «...sociedade de informação, inovação e aprendizagem para uma vida». O CES considera também que esta abordagem do problema por parte do Governo português, «...poderá ajudar a criar empregos».

Emílio Gabaglio, da delegação do CES, afirmou ainda que «...de facto a presidência portuguesa pretende marcar uma nova fase na estratégia europeia para o emprego, partindo da estabilidade actual para assegurar o crescimento e políticas de criação de emprego».

Aguardemos o comunicado do CES no final da presidência portuguesa.

Descontando o factor diplomacia, que envolve este tipo de encontros, temos como realidade a persistência e crescimento de elevados

índices de desemprego e pobreza na União Europeia, como dizem as estatísticas oficiais. O «Avante!» tem publicado esses dados em vários dos seus números.

Não será, no mínimo, ingenuidade acreditar que é o Sr. Eng.º António Guterres, comprometido, como tem demonstrado estar, com os grandes interesses económicos, que vai inverter esta tendência?

Em Portugal os trabalhadores estiveram a semana passada reunidos em congresso, o congresso da CGTP-IN, apontando, de uma forma realista e determinada, os seus objectivos reivindicativos, o caminho da luta dos trabalhadores e da independência das organizações sindicais. Vale a pena prestar atenção ao seu balanço sobre a «...nova fase na estratégia europeia para o emprego...», e das «...políticas de criação de emprego» da presidência da UE do Sr. Eng.º Guterres.

Entretanto, mesmo com um português na presidência, vamos lutar para termos o nosso quinhão da sua política de «...criação de emprego». Já agora com direitos, não se esqueçam.

Alemanha

Rui Paz

Capital compra democracia-cristã

«**D**e acordo com as indicações do senhor Klep (tesoureiro da CDU de Kohl) tomei o avião de Frankfurt para Zurique... Ali chegado apresentou-me um cavalheiro desconhecido e disse-lhe para não se preocupar que eu era de confiança... Chegado a casa, abri a mala e verifiquei que continha um milhão de marcos em notas de mil». Eis um curto resumo das declarações prestadas pelo conselheiro fiscal da democracia-cristã, Weyrauch, ao Ministério Público em Frankfurt.

Mais alguns milhões de marcos, de origem ilegal e criminosa, depositados em vinte contas secretas da democracia-cristã e acessíveis apenas a um círculo muito restrito de dirigentes, entre os quais o antigo chanceler e actual presidente honorário do partido, Helmut Kohl, foram entretanto descobertos. O pouco que a justiça alemã até agora conseguiu apurar é suficiente para se fazer uma ideia dos interesses tenebrosos que durante dezasseis anos governaram a Alemanha e ditaram a política europeia do arquitecto de Maastricht. É que não se trata só do milhão de marcos pelo fornecimento de dezenas de cristianíssimos tanques da firma Thyssen à Arábia Saudita. Tudo indica que a chamada «unificação» alemã constituiu também uma autêntica mina de ouro e um excelente negócio para os governantes democratas-cristãos e o seu partido. O juiz suíço Bernard Bertossa, encarregado de investigar em Genebra o suborno no valor de mais de uma centena de milhões de marcos relacionado com a aquisição da refinaria Leuna, da ex-RDA, pela Elf Aquitaine da França, e a venda de terrenos situados na antiga República Democrática, acaba de declarar na ARD que «estamos perante e as mesmas pessoas e firmas fictícias do escândalo dos tanques. Pode-se afirmar que se trata do mesmo caso».

O modelo da mafia

O semanário «Die Woche», num artigo da primeira página intitulado «A Mafia dos Esponsors», salienta a semelhança existente entre «o sistema ilegal de financiamento da CDU» alemã e «o modelo da mafia italiana». O «Spiegel» pergunta se «a nossa pátria (expressão muito utilizada por Kohl para cativar os alemães da antiga RDA) não foi durante dezasseis anos uma república das bananas mascarada de cristianismo» e dirigida por «um padrinho de Oggersheim» (aldeia natal do ex-chanceler).

Preocupados em mostrar aos militantes que no fundamental as contas do partido estavam em ordem, os dirigentes da CDU recorreram aos serviços da sociedade contabilística Ernst & Jourg, cuja filial de Colónia é dirigida por Erwin Pougín. Esqueceram-se porém que Pougín foi o homem encarregado pelo Vaticano de «pôr as contas em ordem», após o assassinio em Londres do banqueiro Roberto Calvi quando este se preparava para demonstrar que a falência do banco Ambrosiano tinha sido provocada pelos milhões ilegalmente enviados para Lech Walesa e o sindicato «Solidariedade» na Polónia. Em 1986, poucos meses depois de Pougín iniciar o serviço, o chefe da mafia Sindona, que se dispusera a revelar à justiça italiana idênticos segredos, é envenenado na prisão ao beber uma taça de café contendo zyncali. Mas, pior ainda, os relatórios de contas da CDU foram até 1997 também assinados por Pougín. Neste contexto, o desfile de João Paulo II de mãos dadas com Helmut Kohl na porta de Brandemburgo, em Berlim, adquire assim uma dimensão e significado muito mais profundos.

Alguns observadores interpretam a revelação de segredos tão tenebrosos sobre os cofres da democracia-cristã poucos dias antes do congresso do SPD, por um ex-agente dos serviços secretos

(BND), Schreiber (o tal da mala de Zurique com um milhão de marcos), a viver hoje no continente norte-americano, como um presente destinado a retribuir a «fidelidade» aos interesses dos Estados Unidos e da NATO, demonstrada pelo Partido Socialista Europeu durante a guerra contra a Jugoslávia e que lhe custara a perda da maioria no Parlamento de Estrasburgo. Mas isso não altera em nada o facto de o Estado alemão constituir o exemplo mais perfeito de uma gigantesca fusão entre o poder



político e económico, os partidos confessionais e as igrejas. O capital sustenta financeiramente a democracia-cristã. Esta obriga por lei todos os crentes a contribuírem mensalmente para a Igreja. O patronato desconta directamente dos salários dos trabalhadores o imposto religioso que é enviado aos bispos através do Ministério das Finanças e que só à Igreja Católica rende cerca de dezasseis mil milhões de marcos anuais. Quem for baptizado e se recusar a pagar é expulso da igreja pelos tribunais estatais. Os bispos agradecem, pregam a guerra contra o comunismo, asseguram aos fiéis que a economia de mercado e o capitalismo são a «democracia» mais perfeita.

Lista de pagamentos

A título de curiosidade, reproduzimos uma das listas de pagamentos feitos directamente pelo contabilista do grupo Flick a Helmut Kohl, publicada pelo «Der Spiegel» (22.10.1984) e contendo a seguinte indicação escrita à mão: «pagamentos não oficiais à CDU»:

1974	26.01	Ka wg. Kohl	50 000,-
1975	04.02	Ka wg. Kohl	50 000,-
	03.09	Ka wg. Kohl	100 000,-
	20.11	Ka wg. Kohl	50 000,-
1976	13.07	v.B. wg. Kohl	50 000,-
	17.11	v.B. wg. Kohl	30 000,-
1977	10.05	v.B. wg. Kohl	50 000,-
	04.12	v.B. wg. Kohl	30 000,-
1978	11.08	v.B. wg. Kohl	25 000,-
1979	19.01	v.B. wg. Kohl	30 000,-
1980	30.01	v.B. wg. Kohl	50 000,-

O chanceler dos Flick

No início dos anos oitenta, o homem mais rico da Alemanha, Friederich Flick, e outros potentados económicos decidiram substituir o chanceler do SPD, Helmut Schmidt, por Helmut Kohl. A conspiração, que ficou conhecida pelo escândalo Flick, contou com a participação activa do episcopado, que na altura enviou uma carta ao chanceler social-democrata fazendo suas as preocupações do Deutsche Bank e dos meios financeiros pelo facto de a dívida do Estado ter atingido então 660 mil milhões de marcos. Nos dezasseis anos que se seguiram, do governo Kohl, a dívida triplicou sem que os bispos dissessem uma única palavra, o que levou o dirigente do SPD, Hans Joachim Vogel, a comentar o silêncio hierárquico explicando que «a dívida é tão elevada que já não chegaria uma carta dos bispos mas seria necessário uma encíclica do Papa».

Von Brauchitsch - o *manager* do império Flick encarregado de financiar a ascensão de Kohl à chefia da democracia-cristã e de comprar as personalidades do partido liberal que viriam a retirar o apoio parlamentar ao governo de Schmidt, como por exemplo o ministro da Economia, Lambsdorff - explicou então que «o fortalecimento daquela tendência política» lhe pareceu «urgente e necessária para travar e combater as correntes contrárias ao patronato e à economia de mercado de vastos sectores dos sindicatos e do SPD». Günter Verheugen, ao tempo secretário-geral do FDP, confirmaria em 1983 à «Stern». «Ele (Lambsdorff)... oferecia resistência sempre que na preparação do orçamento de Estado estavam em jogo os interesses dos bancos e das companhias de seguros». «Muito dinheiro» foi entregue ao partido mas «apenas a membros da ala direita, adeptos da mudança de coligação».

O actual ministro do Interior do governo Schroeder, o jurista Otto Schily, presidente da comissão parlamentar que investigou o caso Flick, referindo-se ao homem que entre 1933 e 1945 também já apoiara o partido nazi e Hitler com cerca de oito milhões de marcos, fez no Bundestag a seguinte intervenção: «Foi um grande erro e afirmo mesmo que é uma vergonha para o nosso povo não se ter expropriado Friederich Flick logo após a Segunda Guerra. Não é uma aberração jurídica, não é uma gritante injustiça, que os assassinos de povos inteiros e os seus ajudantes, como Friederich Flick, Ferdinando Marcos ou Duvalier continuem em poder dos milhões e biliões que são o fruto dos seus crimes enquanto as vítimas continuam a vegetar? O facto de Friederich Flick já desde 1949 contribuir com dinheiro para a CSU (democracia-cristã da Baviera) mostra bem como desde muito cedo se processou a sua reabilitação por aquele partido».

Von Bruachitsch, desapontado pela falta de solidariedade manifestada perante o tribunal por algumas das figuras que havia subornado, escreveria mais tarde referindo-se ao ministro presidente do Bad-Württemberg, Lothar Spath: «durante muitos anos discutimos questões de orientação política e de pessoas para a direcção da democracia-cristã».

Ainda há poucos dias, Von Bruachitsch voltou a defender na ARD o apoio aos partidos pelo mundo do dinheiro salientando que «a Constituição concentrou nos partidos uma enorme responsabilidade, mas não lhes garantiu os meios financeiros necessários para a realizar». Fica-se a saber de voz tão autorizada aquilo que até hoje ainda não constava em nenhum manual de direito constitucional, isto é, que na Alemanha é o grande capital que garante o cumprimento das funções constitucionalmente atribuídas aos partidos.

O presidente

Narciso Miranda deslocou-se esta semana a Matosinhos na sua nova condição de secretário de Estado da Administração Marítima e Portuária. Foi anunciar um benefício para a terra: o lançamento da construção do porto de abrigo de Angeiras, uma velha reivindicação dos pescadores locais de que ele próprio se fez eco, durante os seus sucessivos mandatos como presidente da Câmara de Matosinhos. Todavia, embora investido na sua solene responsabilidade de governante, Narciso foi recebido e fez-se receber em Matosinhos como se ainda fosse o presidente do município, agindo e deixando-se tratar como tal, apesar de estar acompanhado pelo seu substituto e correligionário no executivo camarário, Manuel Seabra. Aliás, Manuel Seabra tratou Narciso Miranda publicamente por «sr. presidente», colocando-se a si próprio na embaraçosa posição de um presidente em exercício que... não exerce quando está ao lado do homem que o antecedeu. Entretanto, felicíssimo da vida, Narciso Miranda lá foi executando o que sabe fazer com grande mestria: distribuir rodadas de beijinhos às mulheres e crianças e abraços e apertos de mão aos homens, como se estivesse em mais uma campanha alegre para as

PONTOS CARDEAIS

autárquicas. Intrigados com tal confusão de papéis, os jornalistas presentes neste acto governativo de Narciso Miranda questionaram-no sobre o facto, ao que este respondeu sem hesitações: «Eu sou o presidente da Câmara de Matosinhos. Só tenho o mandato suspenso». Isto, tendo ao lado o homem que o substituiu e que, face à lei e aos factos, é o actual presidente do município. O que levanta questões, no mínimo, curiosas. Se Narciso Miranda afirma continuar a ser o presidente da Câmara de Matosinhos, apesar de ter o mandato suspenso e de estar a desempenhar um outro cargo público (ainda por cima no Governo), então a suspensão de mandato não está a ser respeitada pelo próprio que o solicitou. Por outro lado e decorrentemente, o seu correligionário Manuel Seabra, que o substituiu no cargo, face a tal afirmação de Narciso Miranda nem sequer chega a ser um presidente a prazo (o que já era bizarro), surgindo como um presidente suspenso... pela não suspensão efectiva do seu antecessor! Como se vê, a genial caricatura levantada por Herman José com a personagem do «Eu é

que sou o presidente da Junta!», afinal, não é apenas ficção...

Perigos I

Com uma diferença de poucas horas, dois actuais rivais do panorama político russo – o ex-primeiro-ministro, Viktor Tchernomirdine, e o actual Presidente, Bóris Ieltsin – fizeram ameaças graves ao chamado «Occidente», em geral, e aos EUA em particular. O primeiro (que é um dos actuais candidatos às eleições presidenciais a realizar em breve) afirmou, taxativamente, que «as relações entre a Rússia e o Ocidente atingiram o seu ponto crítico, e arriscamo-nos a cair numa situação em que já não seja possível uma saída pacífica para a crise.» Quanto ao segundo, no seu desbocamento característico, não esteve com meias medidas e disse em Pequim, tendo ao lado os sorrisos dos mais altos dirigentes da República Popular da China: «Manifestamente, ele [Bill Clinton, Presidente dos EUA] esqueceu durante alguns segundos, um minuto ou uma meia hora aquilo que representa a Rússia, que a

Rússia dispõe de um arsenal completo de armas nucleares» No mesmo sentido foram as palavras do actual primeiro-ministro Putin, que veio a público dizer que a Rússia «não teme o isolamento nem as sanções» do Ocidente, tal como «não teme nada nem ninguém», enquanto o actual ministro da Defesa afirmava, com a mais pura subtileza castrense, que a Rússia continua a produzir novas armas e terá em breve «armas nucleares e convencionais capazes de enfrentar o sistema antimíssil americano». Displicentemente, tanto Bill Clinton e os EUA como os seus «derivados» europeus e ocidentais encolheram os ombros e olharam todas estas afirmações como bazófias, enquanto os comentadores internacionais do costume chegaram ao ponto de ver nelas um iniludível sinal de fraqueza. Nas touradas, os matadores também começam a virar sobranceiramente as costas ao adversário quando o julgam exausto e desorientado. É geralmente aí que a expressão «tours de morte» tem expressão à letra... a favor do touro.

Perigos II

Evidentemente, que o mais provável é que todas estas ameaças e desbocamentos dos mais altos dirigentes da Rússia actual não passem, em substância, de bazófias a esconder a dramática fraqueza e desorientação em que, manifestamente, mergulhou o governo do maior país do planeta. Mas são também, não apenas prováveis mas absolutamente verdadeiras, algumas das sinistras hipóteses lançadas em atoarda pela actual «nomenklatura» russa. Nomeadamente, é verdade que «a Rússia dispõe de um arsenal completo de armas nucleares», como diz Ieltsin, e que a Rússia, apesar da brutal crise socio-económica em que mergulhou em meia dúzia de anos, continua perfeitamente à altura de produzir «armas nucleares e convencionais capazes de enfrentar o sistema antimíssil americano», como os próprios norte-americanos o sabem melhor que ninguém. Tal como é verdade que o grosso da direcção do imenso país euroasiático está nas mãos de aventureiros sem escrúpulos, gananciosos sem lei e trapaceiros sem princípios, como manifestamente se depreende pelo crime, miséria e caos que galopam perigosamente em toda a sociedade. Encolher os ombros e subestimar tudo isto, prosseguindo uma política de continuada humilhação e assédio do gigante derrotado, é que parece uma bazófia não apenas monumental, mas mortal. Para todos nós, humanos...

PONTOS NATURAIS

■ Mário Castrim

Reflexão

Actualidade

Ninguém ignora. É preciso ter perdido o juízo para julgar que os rudes vendavais a voar sobre os medos são brinquedos, nada mais.

Não. Os moinhos de Cervantes na montanha queimada não são moinhos nada são gigantes.

Quixote: têm razão tuas loucuras. Os barbeiros e os curas loucos é o que eles são.

Herança

Era uma vez quem acreditava no respeito que cada qual deve ter por si próprio.

Estão a ver este tipo? Estão a ver? Dá-lhe para escrever umas larachas, desanda uma frase que tresanda a filosofia barata e pensa que se trata de poesia!

Pobre pateta. Assim até eu era poeta.

História

Explico onde quero chegar. Não está a resignação na humana condição. Por isso me recuso a renegar Espártaco, nem Jesus, nem a Comuna, nem Marx, nem Lênine, nem Outubro, nem Alex, nem nem nem qualquer Zé Ninguém do imenso alguém do povo.

Nem já agora eu também quando mais novo.

O barco

Fomes e sedes. Bater com a cabeça pelas paredes. As mãos sujas talvez de alguma sectária lucidez. Eu, a tudo o que foi de agrestes pontas, se me dói digo que vá para onde foi e lá então ajustaremos contas.

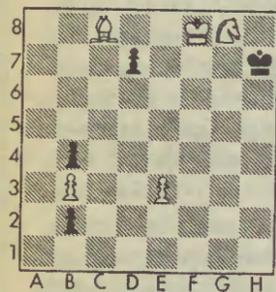
Precisa o barco de mais fortes velas para as ilhas achar e da melhor maneira? «Vamos a elas!» diz o barco no mar.

O mar que ele conhece de ginjeira.

XADREZ

DCCXXXIV - 16 DE DEZEMBRO DE 1999
PROPOSIÇÃO N.º 1999X45

Por: A. Nazanyan
1.ª Menção Honrosa «64», 1937
Pr.: [4]: Ps. b2, b4, d7-Rh7
Br.: [5]: Ps. b3, e3-Cg8-Bc8-Rf8



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 1999X45 [A. N.]

1. Bb7, d5; 2. B:d5, b1=D; 3. B64+, Rh8; 4. Ch6, D:e4; 5. Cf7+, Rh7; 6. Cg5+ e g.

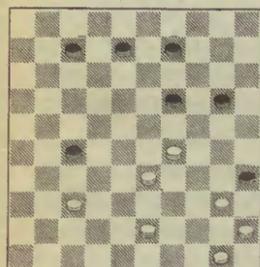
A. de M. M.

DAMAS

DCCXXXIV - 16 DE DEZEMBRO DE 1999
PROPOSIÇÃO N.º 1999D45

Por: H. Jongen
NL - 1935

Pr.: [7]: 7-8-9-19-20-27-35
Br.: [7]: 29-33-37-40-43-45-50



Branças jogam e ganham

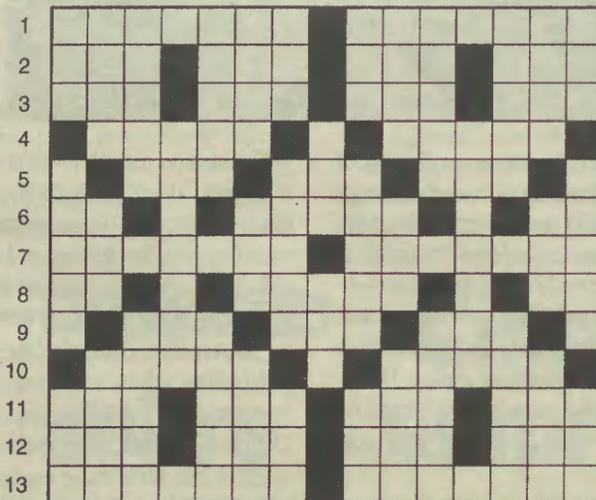
SOLUÇÃO DO N.º 1999D45 [H. J.]

1. 37-32, (27x49=D); 2. 29-23, (19x39); 3. 40-34, (39x30); 4. 50-44, (Dx); 5. 45x1=D e g.

A. de M. M.

PALAVRAS CRUZADAS

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



HORIZONTAIS: 1 - Bebida preparada com aguardente de cereais aromatizada com bagas de zimbro; duplicar. 2 - Patrão; aqui está; nome da sétima letra do alfabeto grego; ice. 3 - Prep. indicativa de carência ou ausência; pequeno poema da Idade Média, narrativo ou lírico, em versos octossilábicos; estudar; comparece. 4 - Sinete ou carimbo empregado para autenticar documentos (pl.); presa da ave de rapina (pl.). 5 - Igreja episcopal ou patriarcal (pl.); enfermidade; nota musical (pl.). 6 - Ósmio (s.q.); grupo musical de estudantes, que se desloca para concertos (pl.); Cobalto (s.q.). 7 - Fragmentos de argamassa soltos das paredes e tectos velhos (pl.); mistura umas coisas com outras. 8 - O mais (ant.); agulhas de pinheiro; naquele lugar. 9 - Suf. nom., de origem latina, que exprime a ideia de origem; isolados; pano de arrás. 10 - Fruto silvestre; cerume (pl.). 11 - Profundo; acolá; textualmente; nota musical (pl.). 12 - Condimento; sofrimento; amarro; irmão do pai. 13 - Aplanara; partira em lascas.

VERTICAIS: 1 - Fluido aeriforme; buraco no solo, no tronco de uma árvore, para acolher animais (pl.); nome de mulher. 2 - Nome de letra (pl.); ilha do arquipélago de Cabo Verde; condutor de palanquim, na Índia. 3 - Denominações; tornei mole ou brando. 4 - Imprudente. 5 - Bonitos; ermida fora do povoado. 6 - Braço de rio (pl.); bigorna de ourives; estímulo. 7 - Empunhei; cada uma das nove divindades que, segundo a mitologia romana, presidem as letras, ciências e artes liberais (pl.); cólera. 8 - Ilha inglesa no mar da Irlanda; esmaga. 9 - Massa gelatinosa obtida a partir das chamadas soluções coloidais; sacerdote budista tibetano (pl.); chiste (fig.). 10 - Líquido muito volátil e inflamável resultante da desidratação do álcool pelo ácido sulfúrico; hipótese (pl.); menciona um texto. 11 - Lebre-das-pampas (pl.); o m.q. porco (pl.). 12 - Fazer justiça por suas mãos. 13 - Parte do templo destinada aos fiéis (pl.); pula. 14 - Flancos; óxido de cálcio; passar para fora. 15 - Soberano; grupo de cantores; ressoa.

Alfabeto: lascar. VERTICAIS: 1 - Gás; tocas; las. 2 - Ervas; sal; anal. 3 - Nomes; emoli. 4 - Levit. no. 5 - Bêlos; orada. 6 - Rias; las; alor. 7 - Ast; musas; tra. 8 - Mam; mól. 9 - Cel; lamas; sal. 10 - Eter; scs; cita. 11 - Mads; recos. 12 - Linchar. 13 - Naves; salta. 14 - Aias; cal; sair. 15 - Rel; coral; soa.

SOLUÇÃO: 1 - Gênera; geminar. 2 - Amor; cis; cia; ale. 3 - Sem; lat; her; val. 4 - Selo; rales. 5 - Sés; mah; sis. 6 - Or; tinas; Co. 7 - Calças; mesclar. 8 - Al; samas; 14. 9 - Enos; sos; ras. 10 - Amor; ceras. 11 - Imo; ali; sic; las. 12 - Sal; dor; ato; ho. 13 -

AGENDA



Plenários e outras reuniões

LISBOA

Freguesia da Ajuda - Plenário de militantes sobre a situação político-social e autárquica e o plano de trabalho da organização para o ano 2000: sábado, 18, às 15h30, no Centro de Trabalho da Ajuda.

Montelavar - Plenário de militantes: sábado, 18, às 21h30, no Centro de Trabalho local

Almargem do Bispo - Plenário de militantes da freguesia: sexta-feira, 17, às 21h30, no Centro de Trabalho de Almargem

Porto Salvo - Reunião-debate para todos os militantes e amigos da freguesia sobre o trabalho dos eleitos PCP/CDU no Poder Local e perspectivas de acção da CDU em defesa dos interesses da população: sábado, 18, às 15h30, com a participação do camarada **Arnaldo Pereira**, vereador da CM de Oeiras.

OVAR

Maceda - Plenário de militantes da freguesia: domingo, 19, às 10h, no CT de Ovar.

BRAGA

Agostinho Lopes em Barcelos e Esposende - O deputado do PCP pelo distrito de Braga desloca-se nos próximos dias 17 e 18 aos concelhos de Barcelos e Esposende. Do programa constam:

- em **Barcelos**, sexta-feira, 17, a partir das 10 h, visitas ao Castro da Picarreira, em Carapeços, ao Monumento para Banhos da Idade do Ferro, em Galegos Sta. Maria, ao Património do Monte da Franqueira, ao Museu da Olaria, culminando com encontro com o director do Gabinete Técnico local.

- em **Esposende** (sábado, a partir das 10h), Agostinho Lopes visitará a Necrópole de Fão, o Tribunal Judicial, a zona envolvente dos Moinhos e Azenhas da Abelheira, o Rego do Peralto e a Área de Paisagem Protegida do Litoral de Esposende.

PORTO

Homenagem a Virgínia de Moura

Cerimónia de colocação do monumento a Virgínia de Moura, promovida pela Câmara Municipal do Porto e a Comissão Promotora do Monumento, no Largo Soares dos Reis (junto ao edifício da antiga PIDE)

Sexta-feira, 17, às 11h30



Histórias da Resistência

Encontro com Dias Lourenço

Palmela - 17 de Dezembro - 21h30 - Clube D. Airese

No Natal ofereça livros

edições
Avante!



VENDA DE NATAL

da ASSOCIAÇÃO
PORTUGAL-CUBA

(A partir de 6/12, das 17 às 19h)
Rua Rodrigo da Fonseca, 107,
r/c Esq. - Lisboa
Tel/Fax 213 85 73 05

**BANCA DE NATAL
no CT VITÓRIA**

De 2.^a a 6.^a das 11 às 21h,
sábados das 11 às 19h
(Até final de Dezembro)

- ARTESANATO
- MANTAS
- VERGAS
- DOCES
- ROUPAS DIVERSAS

**VENDA DE NATAL
em CASCAIS**

(Até 30 de Dezembro,
das 12 às 21h)

- ARTESANATO
- BRINQUEDOS
- BEBIDAS

TELEVISÃO

Quinta, 16

RTP 1
08.00 Infantil
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Natal dos Hospitais
21.00 Telegiornal
22.20 A Lenda da Garça
22.10 Lições do Tonecas
23.10 China 99 - Retrato em Movimento
00.30 24 Horas
01.15 Primeira Página
01.50 Julgamento e Castigo
02.50 O Regresso do Padrasto Assassino
(de Guy Mugar, EUA/1992, com Robert Wightman, Priscilla Barnes, Season Hubley. Terror)

RTP 2
10.00 Euronews
15.00 Informação Gestual
16.00 Derrick
17.00 História dos Papas
18.00 Informação Religiosa
18.35 Juvenil
20.00 Mowgli
20.35 Animais em Grande Plano
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.45 Testemunha
23.00 Acontece

Sexta, 17

RTP 1
08.00 Infantil
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 A Usurpadora
14.45 Consultório
16.00 Amigo Público
17.00 Infantil
18.30 Hugo
19.00 Regiões
20.00 Telegiornal
21.20 Lenda da Garça
22.10 Companhia do Riso
22.45 Sempre
(de Steven Spielberg, Jerry Belson e Diane Thomas, EUA/1989, com Richard Dreyfuss, Holly Hunter, Brad Johnson, Audrey Hepburn. Ver Destaque)
00.30 Macau - Entre Dois Mundos
01.30 24 Horas
02.20 Primeira Página
02.50 NBA

RTP 2
10.00 Euronews
15.00 Derrick
16.00 Informação Gestual
17.00 Mistérios do Egipto
18.00 Informação Religiosa
18.35 Juvenil
19.55 Basquetebol (Taça da Liga)

Sábado, 18

RTP 1
07.00 Infantil/Juvenil
12.00 Cosmos
13.00 Jornal da Tarde
13.50 Top+
15.00 Parlamento
16.00 Máquinas
17.00 The River Dance
18.00 Academia de Polícia
19.00 Jet 7
20.00 Telegiornal
21.00 Testemunha
21.25 Santa Casa
23.15 Esquadra de Polícia
00.25 Futebol: Gil Vicente-Boavista
01.00 24 Horas
01.40 Nash Bridges
02.40 Eles Chegaram
(de David Twohy, EUA/1996, com Charlie Sheen, Ron Silver, Tony T. Johnson, Lindsay Crouse. «Thriller»)

RTP 2
07.00 Euronews
09.00 Universidade Aberta
12.15 Quem Sai aos Seus
12.40 Juvenil
13.30 A Terra
14.30 Dinheiro Vivo
15.00 Desporto 2
19.00 2001

Domingo, 19

RTP 1
08.00 Infantil / Juvenil
13.00 Jornal da Tarde
13.45 Made in Portugal
15.00 Macau
16.30 Três Homens e um Bêbé (Longa-metragem. Comédia)
19.00 Academia de Polícia
19.35 Domingo Desportivo I
20.00 Telegiornal
21.35 Os Principais
23.00 Roteiro de Macau
00.05 Domingo Desportivo II
01.20 24 Horas
02.00 O Golpe do Herói
(de Bruce Malnuth, EUA/1994, com Dolph Lundgren, David Soul, Roger E. Mosley. Acção)
03.40 Liga dos Campeões

RTP 2
07.00 Euronews
09.00 Programa Religioso
10.00 Missa
11.20 O Nome da Nossa Gente
11.50 Memórias de Hotéis de Luxo
12.45 Quem Sai aos Seus
13.10 Fortunas Fabulosas
14.00 Jornal d' África
14.30 Rotações
15.00 Desporto 2
18.10 Novos Heróis

Segunda, 20

RTP 1
08.00 Infantil
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 A Usurpadora
14.45 Consultório
16.00 Amigo Público
17.00 Infantil
18.30 Hugo
19.00 Regiões
20.00 Telegiornal
21.30 A Lenda da Garça
22.20 Crónica do Século (Progr. 6)
23.30 Jogo Falado
01.00 24 Horas
01.45 Primeira Página
02.20 O Violador Assassino
(de Robert Ginty, EUA/1993, com Jeff Fahey, Bo Derek, Steven Bauer. «Thriller»)

RTP 2
10.00 Euronews
15.00 Informação Gestual
16.00 Derrick
17.00 Mistérios do Egipto
18.00 Informação Religiosa
18.35 Juvenil
19.55 Basquetebol (Final da Taça da Liga)
20.35 Animais em Grande Plano
22.00 Jornal 2

Terça, 21

RTP 1
08.00 Infantil
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 A Usurpadora
14.45 Consultório
16.00 Amigo Público
17.00 Infantil
18.30 Hugo
19.00 Regiões
20.00 Telegiornal
21.30 A Lenda da Garça
22.10 Não És Homem Não És Nada
22.40 Herman 99
00.30 Jesse
01.00 24 Horas
01.45 Primeira Página
02.20 Sequest, Brigada Submarina
03.20 Círculo de Sangue
(de Wesley Strick, EUA/1995, com Daryl Hannah, Keith Carradine, Moira Kelly. «Thriller»)

RTP 2
10.00 Euronews
15.00 Informação Gestual
16.00 Derrick
17.00 Mistérios do Egipto
18.00 Informação Religiosa
18.35 Juvenil

Quarta, 22

RTP 1
08.00 Infantil
10.00 Praça da Alegria
11.40 Culinária
13.00 Jornal da Tarde
13.45 A Usurpadora
14.45 Consultório
16.00 Amigo Público
17.00 Infantil
18.30 Hugo
19.00 Regiões
20.00 Telegiornal
21.30 A Lenda da Garça
22.10 Nós, os Ricos
22.40 Dois Velhos Rabugentos
(de Donald Petrie, EUA/1993, com Jack Lemmon, Walter Matthau, Daryl Hannah. Ver Destaque)
00.30 24 Horas
01.15 Primeira Página
01.45 Diário de Maria
02.45 O Espelho do Crime
(de David Hartwell, EUA/1994, com Eric Roberts, Kelly Preston, David Hartwell. «Thriller»)

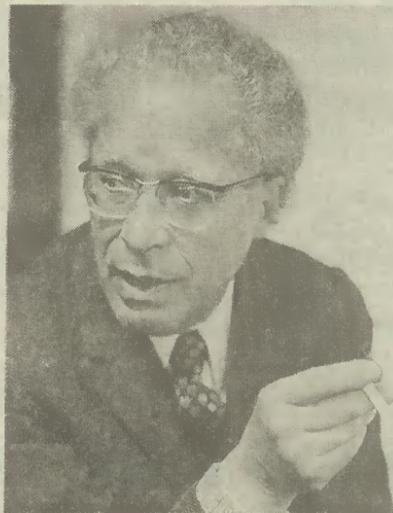
RTP 2
10.00 Euronews
15.00 Informação Gestual
16.00 Derrick
17.00 Bizâncio, o Império Perdido
18.00 Informação Religiosa
18.35 Juvenil



A moda consagrada como arte, no retrato de um dos seus mais famosos criadores, John Galliano: domingo à noite na RTP2



A época dos faraós em "Mistérios do Egipto": a meio da tarde, a partir de sexta-feira, na RTP2



A RTP2 retransmite segunda-feira um documentário sobre a vida e obra de Fernando Lopes Graça



Um dos mais brilhantes períodos da História, o do Renascimento, numa série a transmitir à segunda-feira na RTP2

23.15 Juízo Final
23.45 O Século das Descobertas
00.45 Mistérios de Ruth Rendel
01.40 CIA - Os Guerreiros Secretos da América (2)
02.40 O Coração Fantasma
(de Philippe Garrel, Fr./1995, com Luís Rego, Aurélia Alcáiz, Maurice Garrel. Ver Destaque)

21.45 Remate
22.00 Jornal 2
22.30 Acontece
23.15 Juízo Final
23.45 O Século das Descobertas
00.45 Viagem no Cosmos
01.40 Andamentos
02.10 Crime Violento

SIC
08.00 Buééré
10.00 SIC 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
21.00 A Loja do Camilo
21.30 Terra Nostra
22.45 Esta Semana
24.00 O Beijo da Morte
(de Barbet Schroeder, EUA/1995, com David Caruso, Kathryn Erbe, Nicolaas Cage, Helen Hunt. Policial)
02.00 Último Jornal
02.35 Dra. Quinn
03.35 Portugal Radical

SIC
08.00 Buééré
10.00 SIC 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
13.50 O Juiz Decide
15.00 Você Decide
15.40 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 A Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
21.00 Residencial Tejo
22.15 Terra Nostra
23.35 Jogo Limpo
02.10 Último Jornal
02.45 O Julgamento
(de Tom Topor, EUA/1990, com Keith Carradine, Blythe Danner, Jack Warden, David Stratheim. Drama)
04.45 Portugal Radical

TVI
09.00 Animação
12.20 Estrela de Fogo
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Colégio Brasil
16.00 Animação
18.30 Acção em Acapulco
19.30 Directo XXI
20.00 The Net
21.00 Directo XXI
21.10 Um por Todos
22.20 Especial TVI
23.55 A Bola É Nossa
02.00 Anjo Nocturno
(de Matthew Patrick, EUA/1993, com Jennifer Beals, James Wilder, Justin Louis, Allison Hossack. Drama)
04.00 Doido por Ti
04.30 Terra, Conflito Final
05.30 O Mundo do Futebol
06.00 A Balada de Hill Street
07.00 Mulher Perigosa

TVI
09.00 Animação
12.20 Estrela de Fogo
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Colégio Brasil
16.00 Animação
18.30 Acção em Acapulco
19.20 Directo XXI
20.00 The Net
21.00 Directo XXI
21.15 Os Reis da Música Nacional
00.15 Uma Mulher em Fuga
(EUA/1994, com Joanna Kerns, John Shea, Katy Boyer, Lee Carlington, Blaire Baron. Drama)
02.20 Doido por Ti
03.00 Terra, Conflito Final
04.00 A Balada de Hill Street
05.00 Mulher Perigosa

19.35 Onda Curta
(Seda ("Youfek") de Mahvash Shaykh Alesiami, Irão. Curta Metragem)
20.05 Neste Século Aconteceu
21.00 Novos Heróis
22.00 Jornal 2
23.00 O Lugar da História - "A Conquista do Oeste"
23.50 Allô, Allô!
00.20 A Grande Barraca
00.40 Smith and Jones
01.20 O Futuro Radioso
(de Atom Egoyan, Can./1997, com Ian Holm, Peter Donaldson, Bruce Greenwood. Ver Destaque)

SIC
08.00 Zip Zap
11.55 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Beethoven
(de Brian Levant, EUA/1992, com Charles Grodin, Bonnie Hunt, Dean Jones, Nicole Tom, Christopher Castille. Comédia)
16.00 Big Show Sic
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mundo VIP
22.00 Negócio Fechado
23.15 Os Senhores da Guerra
(de Mark Roper, EUA/1997, com Frank Zagarino, Joe Lara, Elizabeth Giordano. Acção)
01.15 Afrodisia
02.15 Último Jornal
02.50 Portugal Radical

TVI
09.00 Animação
12.00 Top Rock
13.15 Contra-Ataque
14.30 Caras Lindas
15.50 Ao Encontro do Amor
(de Jud Taylor, EUA/1995, com Connie Sellecca, Randy Travis, Rue McClanahan. Drama)
17.50 Jogo de Paixões
(de Vic Sarin, Can./1998, com Chandra West, Chris Potter, Art Hindle, Paula Abdul. Drama)
19.45 A Força da Natureza
(de Bruce Pittman, EUA/1998, com Richard Thomas, Kate Vernon. Drama)
21.40 Todo o Tempo do Mundo
23.00 Reviver o Passado
(de Mike Robe, EUA, com Joanna Kerns, Della Reese, Harley Jane Kosak. Drama)
00.50 Directo XXI
01.40 Gridlock
(de Vondie Curtis Hall, EUA, com Tim Roth, Tupac Shakur, Thandie Newton. Drama)
03.40 Casos de Arquivo
04.40 Encontro com a Vida
(de Arthur Duarte, Por./1960, com Maria Dulce, Rogério Paulo, Luz Veloso, Maria Olímpim. Drama)
05.40 Mulher Perigosa

19.00 Bombordo
19.30 A Minha Vida com os Animais
20.00 Artes e Letras - "John Galliano"
21.00 A Alameda do Rei
22.00 Jornal 2
23.00 Horizontes da Memória
23.30 Travessa do Cotovelo
00.30 Nós e o Nosso Corpo
01.30 Macau
(de Joseph von Sternberg, EUA/1952, com Robert Mitchum, Jane Russell, William Bendix, Thomas Gomez. Ver Destaque)

SIC
08.00 Zip Zap
10.00 Adeus Macau
11.30 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
14.15 Rex - O Cão Polícia
15.15 Adeus Macau
16.30 Rex - O Cão Polícia
18.00 O Tesouro de Natal
(de Brian Levant, EUA/1996, com Arnold Schwarzenegger, James Belushi, Rita Wilson. Comédia)
20.00 Jornal da Noite
21.00 O Tempo dos Dinossauros
21.40 Um Sarrilho Chamado Marina
22.15 Casos de Polícia
23.30 Comando
(de Mark Lester, EUA/1985, com Arnold Schwarzenegger, Rae Dawn Chong, Dan Hedaya, Vernon Wells. Acção)
01.30 Último Jornal
02.05 Portugal Radical

TVI
09.00 Animação
11.00 Programa Religioso
11.50 Missa
13.00 Portugal Português
14.00 Caras Lindas
16.00 O Regresso a Casa
(de Jerry London, EUA/1998, com Ann Jillian, Robert Hays, Kack Palance. Drama)
18.00 Segredo das Estrelas
19.30 O Comboio do Leste
(de George Mihalka, EUA/1995, com Michael Caine, Michael Gambon, Mia Sara. Drama)
21.30 Directo XXI
21.40 Todo o Tempo do Mundo
23.00 Médicos
24.00 Recompensa Adiada
(de Artie Mandelberg, EUA/1995, com Julianne Phillips, A. Martinez, Nigel Bennett. Drama)
02.00 O Dentista
(de Brian Yuzna, EUA/1996)
04.00 A Balada de Hill Street
05.00 Mulher Perigosa

Nota: A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizadas pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

22.50 Testemunha
23.00 Acontece
23.15 Juízo Final
23.45 Segredos Reais
00.15 Renascença
01.15 Perigo Iminente
02.10 Retratos: «Fernando Lopes Graça»

SIC
08.00 Buééré
10.00 SIC 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Médico de Família
16.00 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 A Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
20.50 Clube dos Campeões
21.25 Terra Nostra
22.30 Roda de Milhões
00.40 Rapto sem Perdão
(de Richard Shepard, EUA/1996, com John Rubenstein, Amber Kain, Sam Rockwell. «Thriller»)
02.40 Último Jornal
03.15 O Ladrão de Bicicletas
(de Vittorio De Sica, It./1949, com Lamberio Maggiorani, Lianella Carell, Enzo Staiola. Ver Destaque)
05.15 Portugal Radical

TVI
09.00 Especial Macau
09.20 Animação
12.45 Estrela de Fogo
13.20 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Especial Macau
15.30 Colégio Brasil
16.00 Animação
18.20 Acção em Acapulco
19.20 Directo XXI
20.00 Zona de Perigo
21.00 Directo XXI
21.10 Quero Justiça
23.00 O Vingador
24.00 A Espada da Justiça
(de Jeremy Kagan, EUA/1991, com Eric Roberts, F. Murray Abraham, Mia Sara, Chris Rydell. Drama)
02.05 Doido por Ti
02.35 Terra: Conflito Final
03.35 A Balada de Hill Street
04.35 Mulher Perigosa

19.55 Andebol: Portugal-Grécia
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.45 Testemunha
23.00 Acontece
23.15 Juízo Final
23.45 Renascença
00.45 Animais e Plantas da Europa
01.35 Para Rir
(de Lucas Belvaux, Fr./1996, com Jean-Pierre Léaud, Ornella Muti, Antoine Chappey, Philippe Fretun. Comédia)

SIC
08.00 Buééré
10.00 SIC 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Médico de Família
16.00 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 A Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
21.00 Jornalistas
22.15 Terra Nostra
23.40 Perseguição sem Tréguas
(de John Woo, EUA/1993, com Jean-Claude Van Damme, Lance Henriksen, Yancy Butler. Acção)
01.40 Último Jornal
02.15 Toda a Verdade
03.15 Portugal Radical

TVI
09.00 Animação
11.50 Estrela de Fogo
13.30 TVI Jornal
14.00 Sangue do Meu Sangue
15.00 Colégio Brasil
16.00 Animação
18.20 Acção em Acapulco
19.20 Directo XXI
20.00 Zona de Perigo
21.00 Directo XXI
21.10 A Outra Face
(de John Woo, EUA/1997, com John Travolta, Nicolas Cage, Joan Allen. «Thriller / Acção»)
01.05 Caça ao Outubro Vermelho
(de John McTiernan, EUA/1990, com Sean Connery, Alec Baldwin, James Earl Jones. «Thriller»)
03.25 Doido por Ti
04.20 Terra, Conflito Final
05.20 A Balada de Hill Street
06.35 Mulher Perigosa

20.35 Animais em Grande Plano
21.30 Remate
22.00 Jornal 2
22.45 Testemunha
23.00 Acontece
23.15 Juízo Final
23.45 Renascença
00.45 Sinais do Tempo ou Zoom
01.45 Artes de Palco - "A Filha do Regimento"

SIC
08.00 Buééré
10.00 SIC 10 Horas
12.00 Zázá
12.30 Malucos do Riso
13.00 Primeiro Jornal
14.00 O Juiz Decide
15.00 Médico de Família
16.00 Fátima Lopes
18.00 Andando nas Nuvens
19.00 A Força de um Desejo
20.00 Jornal da Noite
21.00 Jornalistas
22.15 Terra Nostra
23.40 Perseguição sem Tréguas
(de John Woo, EUA/1993, com Jean-Claude Van Damme, Lance Henriksen, Yancy Butler. Acção)
01.40 Último Jornal
02.15 Toda a Verdade
03.15 Portugal Radical

TVI
09.00 Animação
13.20 TVI Jornal
15.00 Colégio Brasil
16.00 Animação
18.20 Acção em Acapulco
20.00 Zona de Perigo
21.00 Directo XXI
21.10 Ri-te Ri-te
22.40 O Jogo
(de David Fincher, EUA/1997, com Michael Douglas, Sean Penn, Deborah Unger, James Rebhorn. Ver Destaque)
01.00 Doido por Ti
01.30 PSI Factor
02.30 Terra: Conflito Final
03.30 A Balada de Hill Street
04.30 Mulher Perigosa

TELEVISÃO

Por isto e por aquilo...



Uma cena de «Ladrão de Bicicletas», de Vittorio De Sica, esta semana na SIC

O Coração Fantasma

(Quinta, 02.40, RTP1)

Produzido pelo português Paulo Branco, *O Coração Fantasma* é um filme realizado por Philippe Garrel que nos conta, em tom divertido, a história de um pintor de meia-idade que chega à conclusão (nada divertida, aliás!) de que a mulher o atraiçoa. É então que, saindo de casa, encontra uma jovem com a qual se envolve amorosamente – embora, pouco tempo depois, volte para os filhos que abandonara a fim de procurar um novo rumo para a sua vida. Com Luís Rego, Yves Afonso e Valéria Bruni-Tedeschi, um filme a descobrir.

Sempre

(Sexta, 22.45, RTP1)

O toque do «maravilhoso», que é de esperar em Spielberg, está como é natural patente neste

O Futuro Radioso

(Sábado, 01.20, RTP2)

Galardoado com o Prémio do Júri do Festival de Cannes, bem como com o Prémio do Júri Ecueménico e o Prémio da Crítica Internacional, *O Futuro Radioso*, realizado pelo cineasta canadiano de origem arménia Atom Egoyan, debruça-se sobre o caso de uma devastadora tragédia colectiva vivida por uma pequena comunidade do interior dos EUA – um desastre de autocarro em que morre a quase totalidade dos alunos de uma escola – uma tragédia que serve de pretexto à intervenção de um advogado sem escrúpulos que procura oferecer os seus préstimos, buscando em troca vantagens pessoais, embora arrependendo-se mais tarde da baixa moral da sua iniciativa. As referências ao filme são elogiosas, destacando designadamente o elenco de intérpretes em que brilha em primeiro plano Ian Holm. Outro filme inédito nas nossas televisões.

Macau

(Domingo, 01.30, RTP2)

Num barco que faz a travessia entre Hong Kong e Macau, viajam três personagens: Trumble, um comerciante, Julie, uma cantora de cabaret, e Cochran, um antigo militar norte-americano. Estas três personagens voltam a encontrar-se, mais tarde, num clube dirigido por um tal Halloran. O comerciante é, na realidade, um detetive que, servindo-se do G.I., pretende atrair Halloran para fora de Macau, a fim de o prender. Mas Trumble acaba por ser assassinado e Cochran, tomando o seu lugar, consegue capturar Halloran para o entregar à polícia americana. Pelo resultado final do filme e apesar da carga de exotismo que o tema e o ambiente envolvente poderiam fazer despertar, Joseph von Sternberg, o realizador do filme, não parece ter-se empenhado particularmente neste seu penúltimo filme, à excepção da rodagem da cena de perseguição no porto de Macau, tendo-se Nicholas Ray

encarregado de alguns planos suplementares e da supervisão da montagem. Com Robert Mitchum, Jane Russell e William Bendix.

O Ladrão de Bicicletas

(Segunda, 03.15, SIC)

Para ultrapassar uma situação de verdadeira miséria, um operário aceita uma ocupação de colador de cartazes mas vê-se obrigado a adquirir uma bicicleta. Para tal vende todos os haveres de que pode dispor, compra a desejada bicicleta mas esta é-lhe roubada. Acompanhado do filho pequeno, ele enceta então a busca da bicicleta e do seu ladrão mas, ao encontrá-lo finalmente, chega à conclusão de que este é ainda mais pobre do que ele, abandonando então a ideia de recuperar a bicicleta e acaba por roubar uma outra, que encontra junto de um estádio. Eis a história dramática do mais célebre filme do movimento neo-



Jack Lemmon e Walter Matthaw, a fazerem das suas, em «Dois Velhos Rabugentos», de Donald Petrie

-realista italiano que conheceu um enorme êxito e foi classificado, numa célebre votação em 1958, como um dos doze melhores filmes de todos os tempos. Realizado por Vittorio de Sica, figuram nos papéis principais Lamberto Maggiorani, Enzo Staiola e Lianella Carell.

Dois Velhos Rabugentos

(Quarta, 22.40, RTP1)

Dois amigos no fundo inseparáveis mas, à superfície, odiando-se de morte e sempre discutindo ao longo dos anos pelos motivos mais insignificantes, são as personagens principais desta comédia, com excelentes desempenhos, como não poderia deixar de ser, de dois senhores chamados Jack Lemmon e Walter Matthaw. E as coisas têm tendência para piorar quando chega à vizinhança uma bela viúva, interpretada a preceito por Ann-Margret, que lhes põe a cabeça em água! Depois, há ainda a filha de Lemmon e o filho de Matthaw – enfim, há muitas históricas fragmentadas, algo desgarradas, fazendo concorrência entre si e nenhuma delas bem aproveitada até ao fim. Safam-se, claro, as composições dos dois veteranos actores. Nos tempos que correm, já não é mau!

O Jogo

(Quarta, 22.40, TVI)

Realizado pelo mesmo cineasta que dirigiu o fabuloso *Os Sete Pecados Mortais*, este novo thriller de David Fincher é mais um exemplo das inquietantes obras cinematográficas que este realizador leva a cabo – como é o caso do fascistoíde *Clube de Combate*, actualmente em exibição em várias salas portuguesas. É por isso de pé atrás que aqui se destaca esta história protagonizada por Nicholas Van Otten, um riquíssimo e solitário banqueiro de S. Francisco, que, no dia em que completa 48 anos (a idade que tinha seu pai quando se suicidara) recebe a visita do seu irmão Conrad que regressa após uma longa ausência e lhe oferece um cartão que lhe dá acesso a uma organização chamada *Consumer Recreations Services*. Cheio de curiosidade, o nosso Nicholas visita essa organização e o que a partir daí se segue parece ser indiscreto... Com Michael Douglas, Sean Penn e Deborah Unger, um filme a descobrir (ao que parece) por quem tiver nervos de aço!

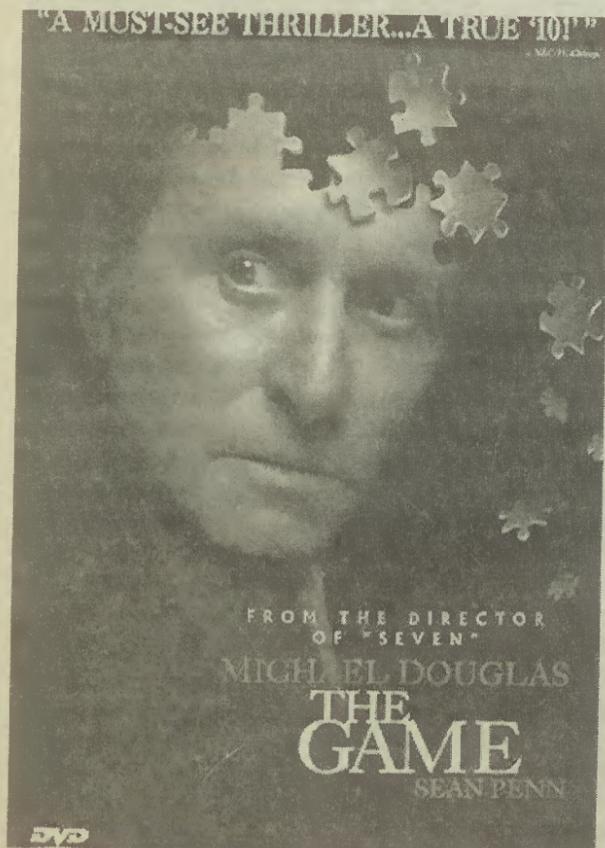
CABO & SATÉLITE

Odisseia da Espécie

Assim se poderia chamar a noite temática de hoje que, mais uma vez, irá abrilhantar todo o serão do canal franco-alemão *Arte*. Como o nome indica, o tema será o *homo sapiens*, melhor dizendo, a tentativa de resposta a questões como: porquê e como apareceu o homem há 4 milhões de anos? Ou: quais foram as sucessivas etapas da sua evolução? Para tal, o *Arte* vai apresentar-nos dois documentários. O primeiro, de origem francesa e intitulado «...e *sapiens* inventou o Homem» é da autoria de Maurice Ribière e Stéphane Bégoïn e foi realizado já este ano por esta última. Ele terá a contribuição de arqueólogos, etnólogos, cientistas da genética e linguistas que, percorrendo os quatro cantos do mundo, se debruçam sobre os locais onde teriam vivido os primeiros *sapiens*, as tarefas de que se encarregavam, com que se

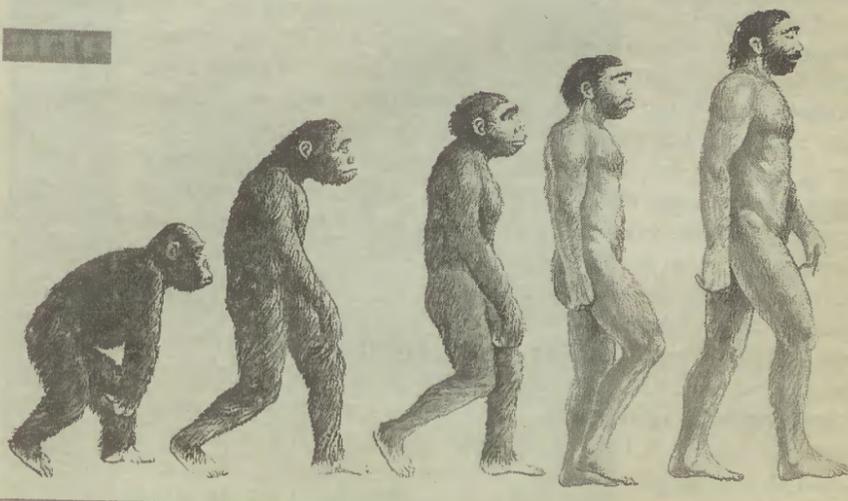
preocupavam e como representavam eles o mundo circundante, tudo com uma banda sonora musical que se diz ser admirável.

Quanto ao segundo documentário, intitulado «Uma Coincidência no Paraíso» (Fr./1999), ele foi escrito e realizado por Matthias von Gunten e procura estabelecer o momento «preciso» e em que circunstâncias as vias de evolução do macaco e do Homem se separaram. O que é tarefa bem exigente. Não é verdade que o próprio Darwin afirmava: «Quando reflecto nisso, vejo-me forçado a imaginar um cérebro inteligente semelhante ao do homem. Mas é então que a dúvida me assalta. Como aderir a tão nobres conclusões quando estas são formuladas por um espírito humano, ele próprio saído de um cérebro tão primitivo como o dos animais mais vulgares?» Huumm... Não está mal lembrado...



Cartaz de «O Jogo», um thriller de David Fincher

filme que, no entanto, independentemente de algumas brilhantes sequências, raramente atinge o muito que promete, sobretudo se o compararmos com o original de que é remake - *A Guy Named Joe*, de Victor Fleming (1943). Um piloto especializado na extinção aérea de grandes fogos morre, em missão, mas regressa, em espírito, para ajudar um outro piloto na arte da mesma profissão e... no amor por uma mesma mulher. Uma boa interpretação de Holly Hunter em contraste com um flagrante erro de casting em relação a Richard Dreyfuss (sem fazer esquecer o «original», de Spencer Tracy) e a curiosidade (passe a expressão!) de as cenas de incêndio terem sido filmadas durante a tragédia, real, da grande devastação do *Yellowstone National Park*, em 1988, fazem deste filme um entretenimento razoável, se não houver mais nada de importante.



Serviço público isto?

«E agora, a actualidade internacional...»

Eram 20.55 da passada terça-feira, quando **Fátima Campos Pereira** assim anunciava mais um virar de página no **Telejornal** dessa noite. O que significa que esse serviço noticioso, em concreto, iria terminar muito para além das 21 horas!

Parece um pormenor insignificante, mas a extensão (às vezes insuportável, pelo seu artificialismo) que hoje chegam a atingir os principais jornais de informação – como se **quantidade de informação** fosse sinónimo automático de **qualidade de informação** – constitui um sintoma perfeitamente verificável de como o nosso serviço público de televisão (ao contrário do que constantemente afirma) mais não anseia do que caminhar, numa estratégia de seguidismo canino, na cola dos novos operadores televisivos, sem capacidade de afirmar uma identidade e personalidade próprias na forma de organizar (quanto aos conteúdos) e gerir (quando aos custos) as suas emissões.



TVISTO

■ Francisco Costa

É por isso que, sem nunca cuidar de horários, sem jamais prever o arrastamento das emissões provocado pelo contínuo desrespeito das durações individuais dos programas ou até do simples somatório das inserções de blocos publicitários, os atrasos se avolumam e, para cúmulo, são deixados para transmissão imprópria, a altas horas da noite e da madrugada, determinados programas importantes ou incluídas, ao contrário, certas rubricas de todo em todo deslocadas numa televisão pública que se preze.

A este propósito, como é possível que seja autorizado o fecho sistemático das emissões da **RTP 1** às cinco ou seis horas da manhã (!) sem que nada de verdadeiramente importante o justifique e sem que alguém esteja acordado para assistir às inutilidades e indigências que nesses períodos são transmitidas? Quantos milhares e milhares de contos são desperdiçados, semana após semana, mês após mês, ano após ano, por causa deste verdadeiro absurdo e irresponsabilidade, assim se agravando o buraco dos muitos milhões de contos acumulados ao longo dos anos e extorquidos aos bolsos dos contribuintes?

É provável que o leitor-espectador, perante a sua própria saturação, já nem sequer repare nas malfetorias diárias que são praticadas – mas gostaríamos que (apenas com base na consulta da programação da presente semana e da anterior) se interrogasse, por um momento, sobre o que estão a fazer nas madrugadas do primeiro canal, «coisas» como o **Televentas**? Qual é o gestor que vê às duas da manhã o **RTP/Economia**? Que doméstica assistirá às três e cinquenta da madrugada à telenovela **Diário de Maria**? A quem interessará o jogo **L. A. Lakers vs Minnesota**, da **NBA**, perto das três?

Do mesmo modo, se passarmos à **RTP 2**,

que melómano poderá estar interessado em ver o programa **Andamentos** à uma e quarenta, a esperar pelas quatro horas para ver terminada a ópera **A Filha do Regimento**, a recordar o «Retrato» de **Fernando Lopes-Graça** às duas e dez da manhã ou a ver, criminosamente desperdiçado, a partir da uma e cinquenta e cinco, o concerto de **Monserrat Caballé** gravado pela própria **RTP** (com os custos inerentes) em Portimão!? E como é possível justificar, no segundo canal, o começo da transmissão de filmes que parece serem um dos álibis que dão «verniz» à casa, em regra por volta da uma e meia ou duas e meia da manhã, para terminarem por volta das quatro? Que cinéfilos idiotas estarão acordados a tais horas?

Não deixa, aliás, de ser verdadeiramente escandaloso, ao falar-se de cinema, aquilo que se passa neste domínio no primeiro canal, com a

RTP a abandonar por completo a sua anterior liderança nas escolhas de qualidade e a deixar o terreno livre a alguns brilharetes da **SIC**, assim demonstrando já nem sequer ser competente para «desenlatar» produto feito e optando por concorrer com aquela e com a **TVI** no terreno do que de mais abjecto e violento hoje se produz no cinema industrial.

E, o pior, é que a **RTP** parece muito orgulhosa desse feito! Senão, apreciem-se alguns nacos de prosa que nos são dados a ler no **Boletim de Programas** todas as semanas enviado à imprensa: «*"O Regresso do Psicopata Assassino"* (...) *explora de forma particularmente violenta e sanguinária a trajectória demencial de um psicopata que seduz e casa com viúvas, que tenham filhos, para depois destruir a família em que se introduziu, embora os filhos se atravessassem sempre no seu caminho*»; ou «*"O Violador Assassino"* é um thriller de crime e mistério que explora uma tensa situação de sedução, engano e morte ao longo de uma acidentada viagem de iate. Um sinuoso triângulo amoroso, de forte carga erótica, envolvendo dois homens e uma bela mulher, onde as paixões e o crime se parecem combinar de forma excessivamente conveniente»; ou «*um casal de demenciais criminosos abandona a filha de seis anos, na sequência de uma fuga à polícia, que acaba por ser adoptada por um pacato e apaixonado casal*».

Entretanto, no plano político e institucional, nada parece ser feito para inverter esta tendência ou sequer para contrariar a escalada suicida desta televisão rasca. Pelo seu lado, a direita, esfrega as mãos de contente, e continua a exigir a destruição do serviço público. Até quando?

Experiências falhadas

Na última década foram tímidas e erradas as tentativas de industrialização do Nordeste Transmontano, implementadas pelas forças políticas dominantes, PSD e PS.

Tinha-se concluído um ciclo com o encerramento de todo o sector mineiro, de grande expressão na região (Moncorvo, Argoselo, Portelo, Coelho, etc.), a par do fecho do Complexo Agro-Industrial do Cachão. Milhares de trabalhadores ficaram sem emprego. A maioria desta massa proletária teve de procurar trabalho no litoral ou mesmo no estrangeiro.

Com este terramoto social as forças políticas maioritárias, incapazes de promover um verdadeiro desenvolvimento do Nordeste, apostaram no investimento tipo «beduíno».

Quem já se esqueceu das promessas do PSD, de instalação de investidores, nomeadamente árabes? Dessa época ficou a «Grunig» em Bragança, e o Ninho de Empresas «Nascent», em Mirandela.

Por iniciativa dos «socialistas» surgiu a «miragem de el dorado» com a promessa de dezenas de investidores «chineses» de Macau, incluindo o chefe da polícia de Hong Kong.

A experiência foi dolorosa e os resultados estão à vista. Interessa fazer um breve balanço da situação:

Empresa Grunig – Empresa do sector metalúrgico sediada em Bragança. Fabricava máquinas automáticas de venda de «tabletes» de chocolate e de tabaco. Fundada em 1992, é inaugurada pelo ministro da Indústria, sem estar licenciada. No início de 1995, quando começaram a surgir os primeiros salários em atraso, e conhecidos os depósitos de resíduos tóxicos vindos da Alemanha, tinha cerca de 180 trabalhadores. Soube-se ao mesmo tempo que o dono, o sr. Grunig, se encontrava refugiado na Suíça, por fuga ao fisco na Alemanha. Com a tomada de posse do Governo «socialista», tanto o Governo como o governador civil, reiteradamente, afirmaram, na sequência de reuniões com o sr. Grunig, que os problemas seria ultrapassados e a fábrica voltaria a funcionar em pleno, recuperando todos os trabalhadores e aumentando mesmo o seu número. Em 1997, foi adoptada no Tribunal Judicial de Bragança, por acordo com os principais credores, uma medida de gestão controlada, tendo sido constituídas, para o efeito, uma administração e uma comissão fiscalizadora. Passados quase quatro anos da crise inicial, a empresa encontra-se fechada. Muitos trabalhadores continuam sem receber os salários em atraso e as indemnizações. Os trabalhadores sindicalizados (cerca de 30/40) têm processo em tribunal e aguardam decisão judicial. Tanto o governador civil como o seu Governo, ultimamente, silenciaram o problema.

Empresa Mirandum – Empresa do sector têxtil, sediada em Miranda do Douro. A fábrica «Mirandum» produzia calças e camisas, com máquinas usadas vindas de Macau e empregava cerca de 90 trabalhadores. Era propriedade de um indivíduo «chinês» de Macau, o sr. Lau. No fim de 1996, começaram os problemas, primeiro com paragens de produção, depois com salários em atraso. No início de 1997, consta que a Polícia Judiciária começa a investigar a actividade dos «chineses» de Macau, a residir em Miranda do Douro. Na mesma altura o sr. Lau sai de Miranda. Entretanto circula a informação de que terá regressado a Macau. Segundo notícias saídas na comunicação social, na ausência do «chinês», é Júlio Meirinhos quem reúne com os trabalhadores e lhes propõe a

constituição duma «Cooperativa de Produção», a que aderem cerca de 24 trabalhadores. Os restantes vão para o desemprego. Ainda, nessa altura, a comunicação social volta a informar que o sr. Lau terá vendido a empresa aos trabalhadores que aceitaram ficar na cooperativa, pelo valor de 6 mil escudos («Público» 23.04.97). Dois ou três meses depois a fábrica encerra definitivamente.

Empresa Progresso – Empresa do sector de lacticínios, sediada em Vila Flor. Encerrou no início de 1998, sendo selada pela Polícia Judiciária. Com o encerramento foram para o desemprego cerca de 80 trabalhadores. Este processo é todo muito confuso. A imprensa chegou a falar de que a empresa poderia estar ligada a uma seita religiosa.

CRÓNICA DO NORDESTE

■ José Brinquete

Entretanto, em Setembro de 1998, surge a **FATA** – Federação de Agricultura de Trás-os-Montes interessada no levantamento das dívidas da empresa aos produtores de leite da região, com vista a pedir uma auditoria para estudar da sua viabilidade. A empresa Lacticínios Progresso efectuava a recolha de leite junto de mais de 600 produtores da região, com o seu encerramento, não só, não pagou aos fornecedores (dívida avaliada em 220 mil contos), como deixou cerca de 80 trabalhadores no desemprego.

Ninho de Empresas – Iniciativa animada por José Gama, na altura presidente da Câmara de Mirandela, pelo PSD. Este projecto está sediado em instalações da Zona Industrial de Mirandela. A «Nascent» previa a constituição de 15 empresas e a criação de cerca de 100 postos de trabalho. Ao mesmo tempo era apresentada como solução pioneira, na área do investimento. Os jornais e os telejornais da altura encheram-se de manchetes, promovendo e divulgando a iniciativa. Era o período áureo do cavaquismo. A situação actual é completamente diferente da então prometida. Já se registaram algumas falências e nunca foram atingidas as metas prometidas, de criação dos postos de trabalho.

A triste história destes empreendimentos mostra à saciedade que o desenvolvimento de uma região não se faz a qualquer preço.

Poderíamos analisar, ainda, outras promessas falhadas (o Fire-Cate em Vimioso, o casino na capital de distrito, etc.). Julgamos não ser necessário aduzir mais argumentos para concluir que o desenvolvimento de uma região não pode ser irresponsável e desordenado, terá de ser sustentado e integrado no todo nacional.

Somos daqueles que pensam que não bastam estradas, fundamental é produzir. Embora as estradas pertençam aos pré-requisitos considerados necessários ao desenvolvimento como, naturalmente, as outras vias de comunicação (ferroviárias, aéreas, digitais, etc.).

Mas, produzir deve ser o objectivo estratégico. Sendo certo que os recursos e potencialidades da região são inúmeros. Para tanto é condição básica que seja elaborado um «verdadeiro» **Plano Estratégico de Desenvolvimento** para a região, com a participação, a nível de decisão, de todas as forças económicas, sociais, culturais, ambientais e políticas. Com verbas, meios técnicos e humanos suficientes à sua cabal execução.

ESCAPARATE



BAILADO

«Cinderela» pela CNB

É já no próximo domingo 19, pelas 16 horas, que se estreia no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém o bailado «Cinderela», com música de Sergei Prokofiev, numa versão e coreografia de Michael Corder. Os intérpretes deste célebre bailado serão os solistas – entre os quais Adeline Charpentier, Ana Lacerda, Filipa Rola, Alexandre Fernandes, Fernando Duarte ou Bruno Roque – e o

corpo de baile da Companhia Nacional de Bailado (direcção de Jorge Salavisa) com a participação musical da Orquestra Sinfónica Portuguesa sob a direcção de Vasco Pearce de Azevedo. Este verdadeiro espectáculo de Natal será levado à cena nos dias 19 (16 horas), 21 e 22 (21.20) e 23 e 26 (16 horas) e tem a duração aproximada de duas horas e meia, com intervalo.

TEATRO

Teatro para Crianças

Com a duração de 30 minutos, o Teatro Athénor (França) levará à cena no Centro de Pedagogia e Animação do CCB um espectáculo de teatro e música dedicado aos mais

desconhecido ou o já esquecido, coabitarmos com o interior e o exterior, o velho e o novo, o escondido e o revelado, onde se forja a imagem, o olhar, a palavra, onde brilha um momento



pequenos. Segundo o texto de apresentação, «hoje, o prazer é, sobretudo, deixar as crianças escutarem, viverem cada instante na fragilidade da descoberta, embrenharmo-nos no mundo das sensações primárias e dos rituais, provocarmos o

de teatro.» A concepção, dramaturgia e interpretação são de Laurent Dupont e Brigitte Lallier-Maisonneuve e ainda poderá assistir, com os seus filhos, aos espectáculos de 16 e 17 (11 horas) e 18 e 19 (11.30 e 15.30).

FLAMENCO

Noite Flamenca no Instituto Cervantes

Uma verdadeira curiosidade! Eis uma verdadeira noite flamenca (um género fascinante que tão afastado está dos hábitos portugueses do espectáculo) que vai realizar-se no auditório do Instituto Cervantes (em Lisboa) já hoje ao fim da tarde,

pelas 19 horas. Participarão neste espectáculo, intitulado «Nochebuena flamenca en compás de origen?», Manuel Morao y los Gitanos de Jerez, ou seja, segundo o texto de apresentação, «a fiel reprodução de uma reunião de gitanos jerezanos do bairro de Santiago o San Miguel, onde os artistas actuam de forma espontânea.» Manuel Morao é «um gitano sábio da Baixa Andaluza que sente grande respeito pela sua cultura (...) O mestre veterano da guitarra oferece o canto, o toque e o baile despidos de artificios para que nada de acessório impeça o contacto com a essência.» Olé!

Manuel Morao y los Gitanos de Jerez
Nochebuena flamenca en compás de origen?



Músicas Várias

Eis-nos chegados, sem dúvida, a um tempo em que a Música, nas suas várias expressões, invade salas e palcos um pouco por todo o país. Entre as várias escolhas possíveis – e um pouco ao sabor dos vários gostos potenciais do leitor – aqui têm um apanhado do que poderemos ver e ouvir nos próximos dias.

Para começar, na Margem Sul do Tejo, ali em Almada, realizam-se amanhã e depois, no Auditório do Fórum Romeu Correia, dois



concertos de características diversas. Em primeiro lugar, no dia 17, pelas 21.30, actuará a cantora Liliana Bizineche, num recital de canto e piano com a colaboração da pianista Paula Grimaldi e a audição de obras de autores portugueses – Luís de Freitas Branco, Francisco de Lacerda, Fernando Lopes-Graça, Claudio Carneyro, Vianna da Motta e Joly Braga Santos.

No dia seguinte, à mesma hora e no mesmo local, será a vez de actuar o célebre Coro Cramol, um grupo de mulheres cuja actividade se



desenvolve no seio de uma associação cultural – a Biblioteca Operária Oeirense, de Oeiras. «Os ciclos da vida e da natureza, as celebrações religiosas e profanas, estão na origem da concepção do programa de um concerto do Cramol.»

Se mora em Grândola, poderá assistir, também no sábado 18, pelas 21 horas, e integrado no ciclo Concertos de Natal, a um concerto preenchido com Corais Religiosos de África. Actuará o Grupo Cantares d' Alma e o local do concerto será a Igreja de S. Pedro.

Entretanto, ainda no sábado, embora numa outra linha musical, no Grande Auditório da Culturgest (Lisboa), três grandes nomes do jazz português realizarão um concerto que é sempre motivo para expectativa. Eles são Maria João (voz), António Pinho Vargas (piano) e José Nogueira (saxofone)

e o concerto terá lugar pelas 21.30.

Finalmente, bem mais a sul, na Sé Catedral de Évora, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, sob a direcção de Miguel Graça Moura, fará ouvir a célebre 9.ª Sinfonia em Ré menor op. 125 de Ludwig van Beethoven. O concerto realizar-se-á no domingo 19 e contará com a participação dos solistas Elsa Saque (soprano), Lilian Bizineche (meio-soprano), Mário Alves (tenor) e Jorge Vaz de Carvalho (baixo) e ainda dos coros «Eborae Musica» e «Coral Lisboa Cantat».

EXPOSIÇÕES

Fotografias de Eduardo Gageiro

Intitula-se «Olhares», a exposição que ontem foi inaugurada pelo fotógrafo Eduardo Gageiro no Museu da Electricidade e na qual são apresentadas centenas de fotos escolhidas e consideradas pelo seu próprio autor como algumas das melhores obras que realizou ao longo de 47 anos da sua carreira profissional, entre 1951 e 1998. Esta exposição foi também a ocasião escolhida para o lançamento de um livro com o mesmo título da exposição, para o qual António Lobo Antunes escreveu um texto de apresentação. A não perder!

Pintura de Vários Autores

Na Galeria Cordeiros (R. António Cardoso, Porto) foi inau-

gurada no passado dia 9 de Dezembro e continuará patente ao público até 24 uma exposição de pintura de várias obras reunidas sob o título genérico «Artistas da Galeria». Estão representadas nesta exposição, quadros de Júlio Resende, Manuel Cargaleiro, Luis Demée, Rogério Ribeiro, Francisco Simões, António Macedo, Mário Bismarck, Ana Maria e Carlos Amaral. Horário: segunda a quinta, das 10 às 12.30 e das 14.30 às 20 horas; sexta, das 10 às 12.30 e das 14.30 às 24 horas; sábados e domingos, das 14.30 às 24 horas.

OLHARES

1951-1998

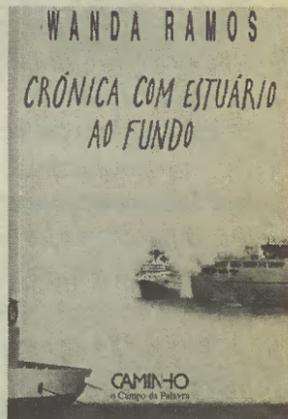


Eduardo Gageiro
António Lobo Antunes

LIVROS

Crónica com Estuário ao Fundo

Wanda Ramos é uma escritora conhecida e que tem os seus leitores. Mas é, ou parece ser, avara na sua escrita, rara na sua produção ou, pelo menos, na publicação de livros. Assim, estes textos, reunidos em crónica onde transpira a nostalgia e sobretudo a solidão, entrecidada de frases onde o português se enreda na facilidade «emigrada» do francês, no curso do discurso, chega aos leitores desta autora tal como uma preciosidade vem parar a mãos atentas. A ficção, neste livro, aparece mais como pretexto do que como verdadeira construção narrativa, as personagens como simples habitantes de uma apreciação de lugares e de estados de espírito. Mas, como aqui se não faz crítica literária mas apenas recensão de livros que nos parece valerem a pena a leitura, nada mais diremos. A não ser que esta edição portuguesa, da Caminho, na colecção Campo da Palavra, se segue à edição francesa do mesmo livro, cuja acção - e criação - acontece em França.



O Romance Histórico em Portugal



O Romance Histórico em Portugal

A colecção Campo da Literatura/Ensaio, da Campo das Letras - a editora portuense que recentemente comemorou o seu quinto aniversário e prossegue um meritório trabalho editorial - já leva, no cesto do seu currículo, uma mão cheia de livros de ensaio dedicados à literatura. A que se junta mais um interessante trabalho sobre o romance histórico, da autoria de Maria de Fátima Marinho. Doutorada em Literatura Portuguesa, a autora, para além de avançar numa «tentativa de Definição do Romance Histórico», analisa a contribuição, ao longo dos tempos, de variados autores portugueses para este «género» literário, desde o romance histórico tradicional a começar com Herculano até aos tempos de hoje, com Saramago.

ATAQUE DE FOICE

O «Mayor»

Nos EUA, o cargo de «Mayor» corresponde ao nosso presidente de câmara municipal, com o pormenor de exercer muitos mais poderes e competências, aliás na tradição do sistema presidencialista que caracteriza o desempenho de cargos públicos no país.

Actualmente, um senhor chamado Rudolph Giuliani ocupa o lugar de «Mayor» de Nova Iorque pelo Partido Republicano, o que significa dirigir quase pessoalmente uma cidade que, além de albergar entre nove a 10 milhões de habitantes, gera receitas e movimenta orçamentos que ultrapassam o PIB de alguns países.

A ascensão deste senhor ao comando da sofisticada Nova Iorque deveu-se, substancialmente, à sua capacidade de prometer ordem a uma metrópole saturada de violência e penúria, onde se cruzam a mais inconcebível ostentação e a miséria de sarjeta. A par de gente que habita apartamentos e mansões a dezenas de contos o metro quadrado outros há, em incontáveis milhares, a abrigar-se como toupeiras nos subterrâneos da cidade, enquanto à superfície vagueiam multidões de sem-abrigo que a polícia escorraça a tiro dos acessos às zonas abastadas da urbe.

É tão selvagem a desigualdade social na fruição de Nova Iorque, que as autoridades metropolitanas colocam avisos à entrada dos bairros degradados advertindo os turistas ou os incautos que, se lá penetrarem, ficam por sua conta e risco. Em contrapartida, nas zonas ricas e bairros elegantes a polícia vigia tudo e todos, não sendo necessário cometer qualquer infracção para se ir malhar com os ossos na esquadra: basta andar menos composto ou aparentar um comportamento «suspeito» - seja lá isso o que for - para se ter à perna a intransigência policial.

No cumprimento da sua promessa de ordem, o «Mayor» Giuliani promoveu a transformação dos bairros degradados da «baixa» em residenciais de luxo e policiou a zona até à paranóia, obtendo assim resultados imediatos: os especuladores imobiliários embolsaram fortunas, a população abastada regressou em força dos subúrbios fortificados onde se refugiara e a taxa de criminalidade baixou significativamente, ou seja, foi empurrada para outro lado.

Conta Manuel Ricardo Ferreira, correspondente do «Diário de Notícias» em Nova Iorque, que neste momento uma única coisa desagradava ao «Mayor» Giuliani: as dezenas de milhares de sem-abrigo que deambulam pelas ruas e dormem nas estações de metro ou nos portais dos prédios. Pelo que decidiu acabar com eles por decreto, onde se determina que os sem-abrigo têm de recolher aos asilos, sob ameaça de prisão por «invasão de propriedade privada» se forem apanhados a dormir nas entradas dos prédios.

Como os regulamentos dos asilos - que também dependem do senhor Giuliani - só acolhem sem-abrigo que trabalhem, a maior parte deles fica impossibilitada de procurar emprego, e assim aceder ou conservar o tecto municipal, porque não tem onde deixar os filhos. A solução do «Mayor» para o caso também é expedita e por decreto: aos pais que não puderem tomar conta dos filhos, retira-se-lhes a custódia e as crianças serão entregues a instituições de caridade; se, após tão generosa oportunidade assim concedida, os pais continuarem a não arranjar trabalho, então há que expulsar os ingratos dos asilos e devolvê-los à rua onde, de resto, não podem ficar...

Pelo que, ao «Mayor» de Nova Iorque - por sinal, aspirante ao cargo de procurador-geral da República - resta encontrar uma nova solução para os sem-abrigo. Provavelmente, a «solução final».

■ Henrique Custódio

Tribunal de Beja dá razão a Carreira Marques

O Tribunal Judicial de Beja acaba de dar razão a José Manuel Carreira Marques, presidente da Câmara Municipal. Uma decisão que repõe justiça, após um processo que se arrasta há anos e que envolvia Carreira Marques num crime de peculato que agora se provou não ter qualquer fundamento.

No relatório do Tribunal Judicial de Beja, partindo-se embora da existência de ilícito, considera-se que «a ilicitude da conduta se mostra afastada pela existência de uma situação de direito de necessidade».

Por detrás da terminologia jurídica perfila-se uma situação em que, face à crise que se viveu no distrito entre 1990 e 93, o município fez as suas opções. E as opções foram pagar às pequenas empresas, pagar aos trabalhadores e adiar

os pagamentos ao Estado, aliás ele próprio devedor em relação à Câmara de Beja.

Assim, o relatório do Tribunal explicitamente afirma que «ficou demonstrado que o atraso na entrega ao Estado das receitas de operação de tesouraria, e consequente utilização desses valores para pagar prioritariamente a pequenos credores e aos trabalhadores do Município se ficou a dever à grave situação económica vivida no país e em especial no

distrito de Beja, no quadriénio de 90/93 onde o tecido empresarial foi bastante afectado, levando ao encerramento de muitas pequenas empresas, as dominantes na região».

Para evitar um ainda maior agravamento da crise e um desemprego maciço na região, a Câmara optou por ir pagando aos seus trabalhadores e aos pequenos empresários, «para obviar a que muitas famílias ultrapassassem o limiar da pobreza e passassem fome, com todos os reflexos negativos que tal situação teria na sociedade».

O Tribunal considera que «os interesses que o município visou proteger são sensivelmente superiores à protecção dos bens jurídicos tutelados

pela norma incriminadora» e sublinha a «necessidade da autarquia fazer face a problemas pontuais dos cidadãos e da região com as características e os problemas específicos que lhe são inerentes; de formas de gestão que, face à quebra de receitas, algumas devidas pelo Estado, se impõe adoptar, graduando-se prioridades e interesses da autarquia».

No fundo, o Tribunal de Beja avalia, como adequada, a opção do município, tendo em conta, por um lado, a «natureza do interesse ameaçado» e, por outro, o facto de o Estado ser então devedor da autarquia e ter «formas expeditas de se ver reembolsado daquilo que não lhe foi pago».

Comunistas na emigração

A avaliação dos resultados das últimas eleições na emigração e a definição de linhas de orientação e prioridades para o próximo ano, foram os objectivos de uma reunião de quadros das organizações do PCP nas comunidades portuguesas na Europa, realizada no passado fim-de-semana em Nanterre, arredores de Paris.

O encontro contou com a presença de Henrique Sousa, do Secretariado, e de João Armando, do Comité Central e da Direcção da Organização na Emigração do PCP.

Os participantes na reunião de Nanterre procederam a uma avaliação crítica dos resultados das últimas eleições na emigração, não satisfatórios para a CDU em contraste com o ocorrido no plano nacional, a uma avaliação dos problemas e da situação das comunidades portuguesas na Europa e à definição de linhas de orientação e prioridades do PCP para o próximo ano.

«Os resultados obtidos pela CDU na emigração, além de traduzirem a exigência de um necessário esforço de renovação e rejuvenescimento da organização do PCP na emigração e uma maior abertura à comunidade, não são dissociáveis da prática política do Governo do PS nestes quatro anos, que copiou o que de pior o PSD antes fez em matéria de instrumentalização do poder, de criação

de uma rede clientelar usando o aparelho de Estado e instrumentalizando a RTP internacional», declarou Henrique Sousa ao «Avante!».

No que respeita às linhas de orientação e prioridades do PCP na emigração, foi realçada a necessidade de trabalhar pela aplicação das 10 medidas para uma nova política, que os comunistas portugueses apresentaram nas últimas eleições, designa-

damente a exigência de um programa de expansão e qualificação da língua e cultura portuguesa; uma activa oposição de esquerda, vigilante e atenta quanto ao confronto entre as promessas governamentais e a sua prática na emigração; um plano de dinamização e alargamento da organização partidária, inserida também na preparação do próximo congresso do PCP.

A presença de Henrique Sousa em Paris foi aproveitada para numerosos contactos com representantes de organizações e instituições ligadas à comunidade portuguesa, nomeadamente a Casa Portuguesa em Paris, Rádio Alfa, Sindicato dos Trabalhadores Consulares e Diplomáticos, Sindicato dos Professores no Estrangeiro e Coordenadora das Colectividades Portuguesas em França.

Crise na Amascultura

A Amascultura, associação pioneira na área do desenvolvimento socio-cultural, vive neste momento um momento de crise, mercê de uma «clara inaptidão para as suas funções» da actual administradora-delegada. Este o alerta lançado pelos eleitos CDU, em conferência de imprensa realizada no passado dia 9, em que nomeadamente se propôs a substituição dessa responsável.

Em comunicado dirigido aos órgãos de comunicação social, os eleitos da CDU na Assembleia Inter-municipal e Conselho de Administração da Amascultura relembram o percurso desta associação, criada em 1988 pelos municípios da Amadora, Loures, Sobral de Monte Agraço e Vila Franca de Xira. Um «caso inédito» no panorama do poder local em

Portugal, que revelou «um nível superior de entendimento da construção do futuro, isto é, a integração da cultura como componente indissociável do conceito de desenvolvimento sustentado».

Nesse mesmo espírito, e mercê de um apreciável esforço da Câmara Municipal de Loures, procedeu-se à recuperação/requalificação e adaptação a Centro Cultural do antigo matadouro, que em tempos idos havia sido estação de mudança da Malaposta.

Neste novo Centro Cultural, inaugurado há dez anos, em 2 de Dezembro de 1989, ficaram instaladas a sede da Amascultura e a companhia de teatro profissional Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett (CDIAG).

O balanço destes dez anos de actividade fala por si: 45 produções e 1742 exhibições que tiveram a presença de 158 883 espectadores. Outros projectos foram também desenvolvidos, nomeadamente nas áreas do cinema (em que é de assinalar o prestígio alcançado pelos Encontros Internacionais de Cinema Documental), da dança e das artes plásticas.

O projecto CDIAG e a Amascultura tiveram desde o início como objectivos a descentralização, formação de actores, incentivo à produção de textos nacionais, criação de novos públicos e promoção cultural.

É esta prática e este espírito que os eleitos da CDU consideram que agora está a ser posta em causa pela actuação da administradora-delegada, nomeadamente pelos conflitos que tem vindo a gerar com os colaboradores da Amascultura, pela intromissão na direcção artística da companhia de teatro e pelo recurso à intimidação e à ameaça de despedimento «como principal instrumento de gestão».

Na conferência de imprensa, os eleitos da CDU afirmaram todo o seu empenho no prosseguimento da Amascultura e dos seus objectivos e garantiram que «desenvolverão os esforços ao seu alcance para, através do diálogo e da cooperação com os demais eleitos, estabilizar, pacificar e consolidar o projecto Amascultura».



Em cerimónia realizada dia 12 de Dezembro, o MDM - Movimento Democrático das Mulheres atribuiu a sua Distinção de Honra de 1999 ao Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços de Portugal - CESP, pela luta desenvolvida em defesa das trabalhadoras dos hipermercados, em defesa do trabalho com direitos. Uma luta que já averbou algumas vitórias, nomeadamente no que diz respeito às trabalhadoras dos hipermercados Lidl. Esta iniciativa do MDM, instituída desde 1982, visa homenagear personalidades ou instituições que se tenham distinguido na defesa dos direitos das mulheres em todas as esferas da vida.

